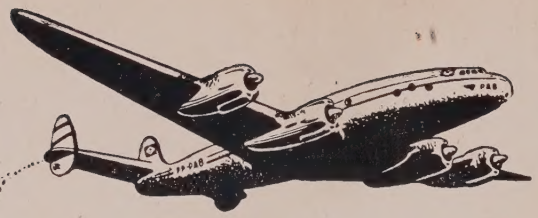
BOLETIM DA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA
SÃO PAULO BRASIL

ANO XXV • AGÔSTO DE 1950 • N.º 282



A preferência de muitos é prova de

Confiança

Fatos que falam por sí:

Em 1948 a Panair do Brasil transportou:
199.398 . . . . . Passageiros
6.285.494 toneladas . . . . . Carga,
num percurso quilométrico de 16.519.937 km. sôbre os 80.506 km. em que se extendem suas rotas. Sua rêde cobre 73 cidades no Brasil e mais Buenos Aires, Montevidéo, Assunção, Pebas, Iquitos, Dakar, Lisbôa, Madrid, Roma, Istambul, Zurich, Stuttgart, Paris e Londres.
Seus quadrimotores Bandeirantes mantém os records de velocidade entre os pontos em que escalam. Dê também sua preferência à

PANAIR DO BRASIL

Agente da *PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS*

MILIONARIA DO ATLANTICO SUL, LIGANDO QUATRO CONTINENTES

Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Publicado em continuação à "Revista do Instituto do Café")

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA
Sede: Largo da Misericórdia, 24

Ano XXV | AGÔSTO DE 1950 | Número 282

Sumário

COLABORAÇÃO:

Necessidade da propaganda do café na Europa — J. Testa.

O cafeeiro quer mais fósforo ou mais potássio? — Rogério de Camargo.

Sombreamento dos cafèzais — William Wilson Coelho de Souza.

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

Divisão da economia cafeeira — Circular n.º 3.

O café visto nos Estados Unidos (Cartas semanais do Escritório Pan-Americano do Café — Nova York).

ESTATÍSTICAS.

PARA ANÚNCIOS NESTE BOLETIM

Dirijam-se à Rua Benjamin Constant, 23, 5.º andar, sala 60
Fones, 2-8357 e 6-3470

R. PASTORE

TABELA DE PREÇOS

Página de capa interna (2.ª e 3.ª de capa)	1 página,	Cr.$2.000,00
Página de texto	1 "	Cr.$1.500,00
" " "	½ "	Cr.$ 800,00
" " "	¼ "	Cr.$ 500,00

——— Os agentes autorizados são portadores de apresentação ———

Comunicamos aos interessados que esta Superintendência está distribuindo as publicações abaixo mencionadas, as quais podem ser enviadas aos que as solicitarem.

SEPARATAS

Técnica das Adubações — A. Menezes Sobrinho
O mais edificante exemplo de restauração de cafèzal velho e decadente que já vi — Rogério de Camargo
O "Cheiro do Mato" (Sombreamento do Cafeeiro) — Adalberto de Queiroz Teles Junior
Adubação verde para cafèzais — J. Teixeira Mendes
Da secagem mecânica do café — Rogério de Camargo
Culturas Acessórias na Fazenda de Café:
I — Feijão soja, fácil fontes de proteína — N. A. Neme
II — O Milho — G. P. Vilégas
III — Arroz Alimento Básico Tropical — H. S. Miranda
IV — Feijão — N. A. Neme
Cultura subsidiárias na fazenda de café:
I — A Cultura da mamoneira — Pedro Teixeira Mendes
II — A Mandioca — Edgard S. Normanha
A Broca do Café "Hypothenemus hampei" (Ferrari, 1867) — J. Bergamin
Expurgo de sementes de café infestadas pela broca do café "Typothenemus hampei" (Ferrari, 1867) com Bisulfureto de Carbono — J. Bergamin
Despolpamento — J. Aloisi Sobrinho
Melhoramento do Cafeeiro — C. A. Krug
A Saúde do Trabalhador Rural — Adalberto de Queiroz Teles Junior.
Distribuição Geográfica e classificação Botânica do Gênero Coffe com referência especial à espécie Arábica — Alcides Carvalho
Conservação do Solo em Cafèzal — J. Quintiliano A. Marques
Reerguimento da Lavoura Cafeeira de São Paulo — Pelo sombreamento — Rogério de Camargo
Restauração de Culturas Permanentes — William W. Coelho de Souza

De acôrdo com uma praxe geralmente adotada, este Boletim não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos de colaboração, ou transcritos de outras publicações.

Colaboração

PEDIMOS AVISAR QUALQUER ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO

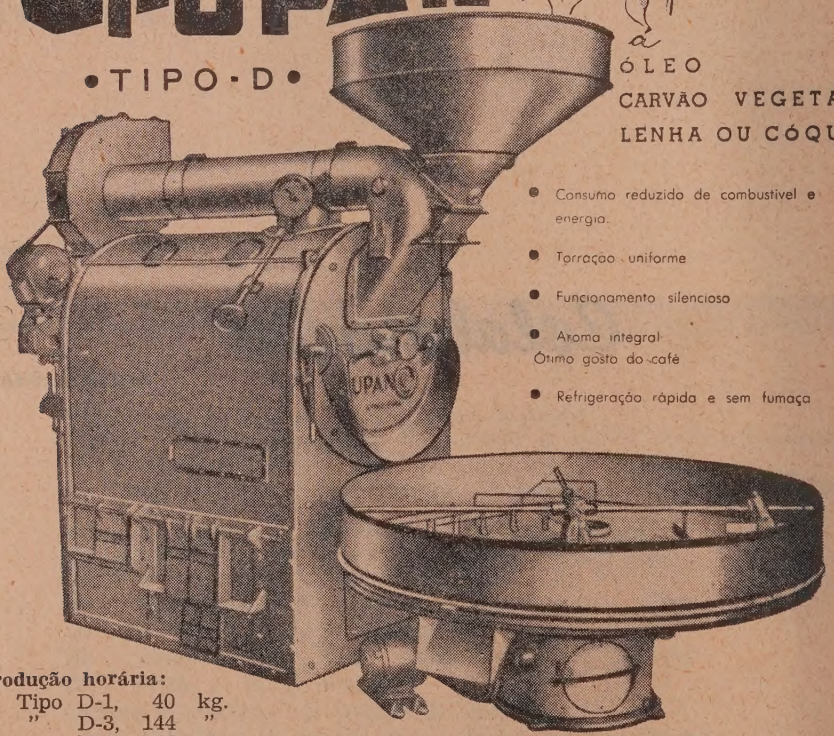
MENOR CUSTO MAIS RENDIMENTO

TORRADOR A AR QUENTE

(Torração rapida e uniforme)

TUPAN

•TIPO-D•



a
ÓLEO
CARVÃO VEGETAL
LENHA OU CÓQUE

- Consumo reduzido de combustivel e energia.
- Torraçao uniforme
- Funcionamento silencioso
- Aroma integral
  Ótimo gôsto do café
- Refrigeração rápida e sem fumaça

Produção horária:

Tipo	D-1,	40	kg.
”	D-3,	144	”
”	D-4,	288	”
”	D-5,	540	”

ESTABELECIMENTO MECANICO TUPAN
S PAULO BRASIL

ESCRITORIO E SEÇAO DE VENDAS
RUA DA MOOCA N.º 2044
PRÉDIO PRÓPRIO
TELEFONE, 9-4096

End Telègr "MOTUPAN"
SÃO PAULO – Brasil

FABRICA
PRÈDIO PRÓPRIO
RUA PADRE RAPOSO N.º 377
TELEFONE, 9-7734

(4/6)

NECESSIDADE DA PROPAGANDA DO CAFÉ NA EUROPA

J. TESTA
Chefe da Estatística e Publicidade da Superintendência do Café

Continuamos a acreditar, de acôrdo com o que temos escrito, que uma superprodução cafeeira, se se verificar, não virá tão cedo, e, de outra parte, um subconsumo maior que o que se nota presentemente será um tanto difícil. Para um aumento substancial e rápido da cultura do café não existem, nas possíveis regiões cafeeiras, tantas condições adequadas como seriam necessárias e, quanto a uma eventual redução no consumo, pensamos que não seria fácil, pois o café entrou de modo tal nos hábitos alimentares, em todo o mundo ocidental, que não se poderia esperar uma queda considerável nas suas aquisições. Basta ver que, no momento, apesar dos bons preços a que chegou o produto e a despeito da campanha que lhe foi movida nos Estados Unidos, a queda, alí, das importações dos lotes brasileiros, embora ponderável, parece ser momentânea, devido à necessidade de permitir o escoamento dos grandes estoques que haviam sido acumulados. Na Europa, todavia, o declínio das importações dos nossos cafés foi maior que nos E.E.U.U., em relação ao ano anterior. A queda no 1.º semestre de 1950, em relação a 1949, foi, nos Estados Unidos, de 29,77% e na Europa de 33,89%.

	1.º Semestre de 1959	1.º Semestre de 1950
Estados Unidos	5.330.336 sacas	3.743.309 sacas
Europa	2.075.032 "	1.371.887 "

Não obstante serem aquelas as diretrizes gerais, as linhas mestras da evolução cafeeira, num futuro de pelo menos dez anos, sempre é possível que, dentro dessa tendência dominante, possa haver flutuações de rumo, por períodos maiores ou menores, e de maior ou menor intensidade. Uma nova conflagração poderia mudar o curso esperado; uma acentuação maior do sub-consumo, motivada por maior acréscimo dos preços e por dificuldades financeiras devidas a gastos com os preparativos bélicos; um subitâneo e inesperado aumento na produção, ocasionado por excepcionais condições meteorológicas favoráveis, qualquer dêsses fatores, isoladamente ou em conjunto, poderia ocasionar um novo período de "sobras", contra o qual deveríamos nos prevenir, por todos os meios.

E que temos feito nesse sentido? Não muita cousa, por certo. Exceptuando-se algum progresso conseguido com relação à parte agronômica do problema, principalmente em relação à "broca", pode-se afirmar que, quanto ao mais, a questão permanece, pràticamente, na mesma. De fato: o preparo, beneficiamento, classificação, apresentação e comer-

cialização do produto não sofreram melhoria; os impostos e os fretes são os mesmos; o financiamento, embora melhorado, e a despeito da folga financeira de que desfruta a maioria dos lavradores, não tem sido, via de regra, aproveitado para aperfeiçoamentos substanciais do produto, no que concerne ao custeio, garantia de fertilidade das terras e de produção dos cafeeiros; a irrigação ainda não existe; a defesa contra a erosão, embora grandemente aumentada, ainda é empregada em porcentagem insignificante; a propaganda, excepção feito dos Estados Unidos, é nula.

De modo que, uma nova superprodução ou um aumento no subconsumo, nos colheriam sem muitos trunfos na mão; longe dos mercados, com fretes caros, produção, em geral, de qualidade inferior, onerada por impostos ainda relativamente altos, sem propaganda, e dispondo de um custeio nem sempre baixo.

* * *

Nesse próprio esquema, ràpidamente feito, temos a síntese do que é preciso realizar: aumento do financiamento, a prazo longo e juros baixos, o que só será possível com a reforma bancária, cujo projeto foi há muito tempo encaminhado pelo executivo federal ao legislativo; campanha de melhoria, nas esferas federal, estadoal e municipal, além de entidades e particulares, dos processos de cultivo, adubação, defesa do solo, preparo do produto, etc.; supressão gradativa de todos os impostos que seja possível; redução dos fretes, caso possam as ferrovias permití-lo; aproveitamento, ao máximo, dos navios do Lóide; incentivo à produção e à importação de adubos, e barateamento do seu transporte, inclusive quanto aos compostos orgânicos; melhoria dos processos de classificação e comercialização; propaganda, desde logo, nos países onde se verifique ser conveniente e necessária.

* * *

É dêste último aspecto que desejamos tratar hoje, principalmente no que concerne à Europa, se bem que, fóra dos Estados Unidos, alguns mercados ponderáveis estejam abandonados e em declínio, como o sul e o norte da África, a Argentina e outros.

A única região onde ainda se faz, atualmente, uma propaganda que reputamos eficiente, a despeito de vozes que às vezes se levantam contra ela, é a dos Estados Unidos. De fato, quer quanto ao processo adotado (reunião da maioria dos produtores latino-americanos em um **Bureau** encarregado da propaganda sob uma forma genérica, e não de cada marca ou país em particular); quer quanto aos processos e aos veículos de publicidade preferidos, julgamos que ela tem sido convincente e produtiva. Os resultados temo-los visto, no aumento ininterrupto do consumo do café nos Estados Unidos, excepção feita de 1949 a 1950, em que se revela um declínio, motivado pela celeuma originada do inquérito feito pelo sub-comité do Senado americano. Nem se diga que

êsse aumento tem sido motivado tão sòmente pelo crescimento vegetativo da população americana, pois sabemos que êle tem bastante excedido a êsse aumento natural. Ademais, o **Bureau Pan Americano do Café** tem ainda outras funções de relevância, como sejam a de organizar e divulgar excelentes estatísticas sôbre a produção e o comércio mundial do café, especialmente nos Estados Unidos, e a de ser, até certo ponto, o representante diplomático do Café nos Estados Unidos.

* * *

Pensamos que uma entidade no mesmo gênero poderia ser creada na Europa, e pelos mesmos 10 países latino-americanos pertencentes àquela entidade, ou, melhor ainda, por todos os 14 países que, dêste lado do mundo, produzem a rubiácea. Seria o **Bureau Europeu do Café,** com finalidades e processos análogos aos do seu congênere dos Estados Unidos, fazendo-se as mudanças de processo aconselháveis de acôrdo com a mentalidade européia em relação ao comércio e, principalmente, à propaganda. Uma pequena taxa, menor que a referente à propaganda nos Estados Unidos, seria adotada, e uma séde central se estabeleceria no velho mundo, possívelmente em Paris, com sucursais nos principais centros, como em Roma, Londres, Bruxellas ou Antuérpia, Barcelona, Viena, etc.

É bem verdade que as importações européias de café vêm crescendo anualmente, depois da guerra, como deixa ver o quadro que publicamos. Isto porque os europeus, pelo menos os que já o conheciam, são apreciadores, quase diriamos contumazes, do nosso grande produto, e o adquiriram, mesmo durante a guerra e logo após o conflito, a preços de mercado negro e com todos os riscos decorrentes dêsse mercado. Entretanto, não podemos ficar adstritos a êsses antigos bebedores, e cumpre conquistar as novas gerações e também os povos europeus que ainda não adotaram suficientemente o uso do café. Basta argumentar que o ano recorde nas importações europeus da rubiácea foi o de 1931, com 12.677.250 sacas, e desde então só se vêm registrando, de um modo geral, decréscimos. Há vinte anos não conseguimos mais aquela cifra, e a reação que ora se produz, a partir do fim da guerra, ainda está apenas em 8.354.006, em 1949. Longe estamos daquela cifra! E, quanto ao papel do Brasil naquelas importações, os algarismos são ainda piores: atingimos, em 1915, a uma exportação de café para a Europa de ..... 8.046.166 sacas, que nunca mais alcançamos, estando hoje reduzidos a 5.250.933, para êsse destino (1949).

Tudo justifica, pois, e especialmente para nós, a creação da propaganda do café no velho mundo. E não é nossa, ùnicamente, essa opinião. Vários brasileiros de destaque, não apenas os ligados diretamente ao café, como ainda representantes de outras atividades, dali têm regressado contristados com o fato de que, na pouquíssima propaganda que alí se faz do café, o Brasil não está representado, mas tão sòmente o Haití e alguns países da América Central. A qualidade do café que se bebe no velho mundo piorou, excepção feita de Roma e outras grandes cidades italianas, e dois países escandinavos.

Entretanto, durante muitos anos foi feita na Europa e no norte da África, pelo antigo Instituto de Café do Estado de S. Paulo, uma propaganda, se não inteiramente eficiente e estandardizada, pelo menos razoável. Sediava-se ela em Paris, e tinha agentes nas principais capitais, via de regra comerciantes. Fazia bôa publicidade por cartazes, jornais e revistas, comparecia a feiras, mantinha postos de degustação, etc. Pelo menos, o café brasileiro era lembrado, não apenas aos consumidores, mas até aos próprios brasileiros em vilegiatura, que sempre estranham, como é natural, quando não conseguem ver seu máximo produto de exportação focalizado nos mercados mundiais. A "Maison du Brasil", do sr. Tomás Costa, em Paris, o "Café do Brasil", do sr. Álvaro de Godoy, em Bruxelas, o "Centrokomise", em Viena e Europa Central, a firma Junqueira Meireles, em Barcelona, eram centros de publicidade do café brasileiro, cuja direção estava entregue a funcionários diligentes, bem relacionados e hábeis.

Posteriormente, com a creação do Departamento Nacional do Café, o trabalho relativo à propaganda passou à sua esfera, e o Instituto, depois transformado em Superintendência do Café, interrompeu suas atividades nesse setor. A propaganda feita por essa autarquia cessou pouco depois, e, já desde antes da segunda conflagração, nada se faz pelo café brasileiro no velho mundo, e muito pouco pelo de outros países.

Parece-nos chegado o momento de se congregarem os produtores para tratar do assunto. Ou, pelo menos o nosso país, que é o maior interessado na propaganda, dado que é o maior produtor, poderia desde já crear pelo menos um serviço inicial, que se tornasse um ponto de apôio e de orientação, no futuro. Apesar da grande preferência de que gosa o café puro, nos países europeus, já os sucedâneos começam a aumentar a propaganda que alí sempre tiveram e, não faz muito, o próprio govêrno holandês recomendava a adição, ao produto, de uma certa porcentagem de cevada torrada. Nos países centrais, sempre foi feita, em maior ou menor gráu, essa e outras adições, como a de chicórea e de figo torrado. Nunca seria demais, por conseguinte, uma permanente e bem conduzida, campanha de propaganda, principalmente no momento atual. Os países ocidentais da Europa se refazem muito ràpidamente dos efeitos da guerra, tendo já alguns deles, em certos setores, atingido a um gráu mais elevado de produção que o de antes de 1939. São, pois, bons mercados, e precisam ser convencidos de que o nosso café é bom e de que não estão pagando por êle um preço exagerado.

As próximas perspectivas, para o total das safras mundiais de mercado, não são grandes. A África, por exemplo, não dará os 5.000.000 de sacas que haviam sido previstas, para 1950-51, chegando apenas a 4.300.000. Aliás, não julgamos que possa conseguir grandes aumentos para o futuro, e o mesmo pensa um dos membros da comissão ali enviada pelo govêrno do Estado, conforme estudos que tem divulgado pela nossa imprensa. Também no Brasil, como se sabe, a safra de 1950 foi estimada em quantidade um pouco menor que a de 1949, o mesmo acontecendo em outros países. A da Indonésia, por emquanto, sòmente pequenas sobras deixará para a exportação.

E, num futuro próximo, não é de se prever qualquer excesso. O que vem ocorrendo é mesmo justamente o contrário. A safra de 1948-49 foi estimada, pelo **Bureau Pan Americano do Café,** em cêrca de 30.000.000 de sacas (29.888.000), e a de 1949-50 em 28.000.000 (28.390.000). Uma queda, pois, de cêrca de 2.000 de sacas de um ano para outro. Entretanto, as importações mundiais passaram, no mesmo período, segundo o aludido Bureau, de cêrca de 31.500.000 sacas (31.597.202) para 33.500.000 (33.454.321). Um aumento, consequentemente também de cêrca de 2.000.000 de sacas.

Não se vive, todavia, apenas para o presente. Cumpre que nos preparemos para o futuro. As restrições ao consumo poderiam continuar, ou, como dissemos, ser aumentadas, em virtude de algum acontecimento relevante. E as colheitas que, no momento e num período próximo, não deixam recear superprodução, poderão vir a ocasioná-la mais tarde, em virtude de excesso de plantações (mesmo entre nós) ou de excepcionais favores meteorológicos e de bom tratamento dos cafeeiros. Cumpre que nos preparemos, pois, afim de enfrentarmos o pior.

ALUMÍNIO
BÁRIO
BERÍLIO
BISMUTO
BORO
BROMO
CÁLCIO
CÉSIO
CHUMBO
CLORO
COBALTO
COBRE
CROMO
ENXOFRE
ESTANHO
ESTRÔNCIO
FERRO
IODO
LÍTIO
MAGNÉSIO
MANGANEZ
MOLIBDENO
NÍQUEL
OXIGÊNIO
PLATINA
POTÁSSIO
PRATA
SILÍCIO
SÓDIO
TITÂNIO
VENÁDIO
ZÍNCO
(1)

CAFEICULTOR:

PORQUE se deve usar Salitre do Chile nos cafèzais?

PORQUE o Salitre do Chile, proporcionando Azoto Nítrico, rápida e totalmente assimilável, restaura a parte foliácea, "liga" a florada e retem o "chumbinho".

Cafeeiro vestido e florada retida, constituem safra garantida.

Aumente sua próxima colheita aplicando 300 gramas de Salitre do Chile POTÁSSICO por cafeeiro, e verá que: MÃOS QUE ESPALHAM SALITRE DO CHILE NÃO FICAM VAZIAS...

O Salitre do Chile POTÁSSICO, adubo Natural, contém 15% de Azôto Nítrico e 10% de Potassa, de assimilação rápida e total, e mais 32 "elementos menores", em sua grande maioria indispensáveis à vida das plantas.

Para folhetos e informações, dirija-se ao

SERVIÇO TÉCNICO-AGRONÔMICO
DO SALITRE DO CHILE
CAIXA POSTAL, 2873 — SÃO PAULO

AGENTES COMERCIAIS DO SALITRE DO CHILE
ARTHUR VIANNA CIA. DE MATERIAIS AGRÍCOLAS

RUA FLORÊNCIO DE ABREU, 270 — SÃO PAULO

IMPORTAÇÕES DE CAFÉ PELA EUROPA, E EXPORTAÇÕES DO BRASIL PARA O VELHO MUNDO

ANOS	Exportação do Brasil para Europa	Importações de café pela Europa
1914	5 177 073	7 036 607
1915	9 046 166	6 800 231
1916	5 824 913	7 094 687
1917	3 526 815	5 238 070
1918	1 962 125	4 235 279
1919	6 214 000	8 169 383
1920	4 544 543	7 328 906
1921	5 465 266	9 114 611
1922	5 741 996	8 696 870
1923	6 020 048	8 450 104
1924	6 290 440	8 872 327
1925	5 584 609	9 099 195
1926	5 379 715	9 188 177
1927	6 078 306	10 076 324
1928	5 565 052	10 187 859
1929	5 859 753	10 521 742
1930	6 112 076	12 152 405
1931	7 172 799	12 677 250
1932	4 532 797	11 421 920
1933	5 966 935	11 291 884
1934	5 646 809	11 261 927
1935	5 522 866	11 580 934
1936	5 188 387	11 240 702
1937	4 589 398	11 397 821
1938	6 843 209	12 492 801
1939	6 100 316	9 225 884
1940	1 874 355	3 242 193
1941	340 267	648 150
1942	358 745	540 856
1943	778 505	850 931
1943	858 453	1 012 813
1945	1 554 448	1 926 522
1946	3 072 207	3 766 237
1947	3 600 428	6 854 698
1948	3 940 858	7 213 471
1949	5 250 933	8 354 006

Banco da Lavoura de Minas Gerais, S. A.

FUNDADO EM 1925 **CARTA PATENTE N.º 1469**

CAPITAIS E RESERVAS	Cr$	151.000.000,00
DEPÓSITOS	Cr$	1.886.776.665,40
APLICAÇÕES	Cr$	1.680.788.458,90
COBRANÇAS	Cr$	982.086.369,60
SOMA DO ATIVO	Cr$	5.217.390.596,10

Séde: Belo Horizonte — Rua Carijós, 237 — Caixa Postal, 144
Filiais: Rio de Janeiro — R. Buenos Aires, 90 — Cx. Postal, 1679
São Paulo — Rua Boa Vista, 175/179 — Caixa Postal,5766
Pôrto Alegre — R. Vigário José Inácio, 307 — Cx. Postal, 1318

Agências e Escritórios: — Alfenas, Alpinópolis, Alterosa, Amazonas, (Urbana, B. Horizonte), Andrelândia, Antônio Carlos, Apiacá (E. do E. Santo), Arceburgo, Areado, Barão de Cocais, Barbacena, Barreto (E. do Rio), Bom Jardim de Minas, Bom Sucesso, Borda da Mata, Bragança Paulista (E. de S. Paulo), Braz (Urbana, S. Paulo), Brazópolis, Brumadinho, Cabo Verde, Cachoeira de Minas, Caeté, Campanha, Campinas (E. de S. Paulo), Campo do Meio, Campos (E. do Rio), Campos Gerais, Carandaí Careassú, Carmo da Mata, Carmo do Cajurú, Carvalhos, Cascalho Rico, Cláudio, Conselheiro Lafaiéte, Corinto, Coronel Fabriciano, Cristina, Curitiba (E. do Paraná), Diamantina, Divinópolis, Divisa Nova, Dom Joaquim, Dores de Campos, Ferros, Gouvêa, Goiânia (E. de Goiás), Governador Valadares, Guanhães, Guaranésia, Ibertióga, Itabira, Itabirito, Itaguaçú (E. do Esp. Santo), Itambacurí, Itaocara (E. do Rio), Itapecerica, Itaúna, João Ribeiro, Juiz de Fora, Liberdade (Urbana, S. Paulo), Lima Duarte, Machado, Mariana, Matias Barbosa, Moeda, Monselhor Paulo, Monte Carmelo, Monte Santo de Minas, Montes Claros, Niterói (E. do Rio), Nova Era, Nova Friburgo (E. do Rio), Nova Lima, Nova Ponte, Oliveira, Ouro Fino, Ouro Preto, Pará de Minas, Paraiba do Sul (E. do Rio), Paraisópolis, Passa Tempo, Passos, Patos de Minas, Peçanha, Pedra Azul, Pedralva, Perdões, Piracaia (E. de S. Paulo), Piranga, Ponta Grossa (E. do Paraná), Pouso Alegre, Pouso Alto, Recife (E. de Pernambuco), Recreio, Ressaquinha, Rezende (E. do Rio), Rio Piracicaba, Rio Vermelho, Sabará, Sabinópolis, Salvador (E. da Bahia), Santa Bárbara, Santa Catarina (Sul de Minas), Santa Luzia, Santa Maria de Itabira, Santa Maria do Suassuí, Santa Rita do Sapucaí, Santo Antônio do Amparo, Santo Antônio do Monte, Santos (E. de S. Paulo), Santos Dumont, São Gonçalo do Pará, São Gonçalo do Sapucaí, São João Evangelista, São Sebastião do Paraiso, Senador Lemos, Serro, Sete Lagoas, Silvianópolis, Teixeiras, Três Corações, Três Pontas, Ubá, Uberaba, Uberlândia, Vitória (E. do Espírito Santo), e Volta Grande.

(1)

O CAFEEIRO QUER MAIS FÓSFORO OU MAIS POTÁSSIO?

Rogério de Camargo

Os preços altos do café vêm impelindo os lavradores a cuidarem melhor de suas lavouras. A prática da adubação que, ao tempo do DNC, foi relegada a um segundo plano, ante as delibitadas condições econômicas por que se arrastaram os produtores, mau grado as resoluções coercitivas impostas ao produto por aquela autarquia, começou, agora, a despertar a atenção dos cafeicultores. O consumo de fertilizantes minerais aumentou. As consultas sôbre fórmulas e métodos de adubação vão num crescendo acelerado. Pensa-se mais livremente em café, estudam-se mais vivamente os seus problemas, agem mais desembaraçadamente os produtores. Aquela preocupação sombria, de mais taxas e mais quotas de sacrifícios, desapareceu. O lavrador agora quer saber como restourar o seu velho cafèzal e já nos indaga qual a melhor fórmula de adubação, contando-nos muitas vezes, a história de sua lavoura, as suas grandes produções de outrora e as minguadas safras dêstes últimos anos, e não raro, alguns nos enviam amostras de suas terras para exame. Há também um desusado interêsse em tôrno do sombreamento, pois um pequeno folheto editado por esta revista e denominado "Reerguimento da Lavoura Cafeeira pelo Sombreamento", de nossa lavra, está logrando desusada procura.

Todos pensam em recuperar os solos deteriorados pela erosão, pela lixiviação, pela queima da matéria orgânica. Muitos já verificaram que só a prática do combate a erosão não resolve o seu problema e que a rehumificação do solo é tão ou mais importante que todas as demais providências reunidas e que se possam tomar em benefício da fertilização. Mais que a adubação mineral, muitos já sabem que a quebra da acidez nociva da alumina e do ferro, por meio de calagens fracas e sucessivas, atende melhor a necessidade do desenvolvimento de uma flora microbiana útil, como a das bactérias nitrificadoras.

E' por isso, também, que nos chegam perguntas como esta: Mais fósforo ou mais potássio na adubação do cafeeiro? E' sôbre isto que vamos hoje tratar.

Tempo houve em que as análises químicas revelavam sempre uma extraordinária pobreza de fósforo, em nossos solos, pois os químicos, bem como os agrônomos, só computavam o teor dêsse nutriente quando em estado de solúvel ou em compostos fàcilmente atacáveis por um ácido fraco. Embora já se soubesse que o ácido fosfórico era fàcilmente retrogradável, não persistindo em estado de assimilação senão em mínimas taxas no solo, por mais saturado fosse a adubação, só nos últimos tempos é que se veiu a saber que esse nutriente é dos que menos se perdem por arrastamento percolativo, e que sua retrogradação, ao contrário de se constituir num grande mal, redunda numa ação benéfica das mais salutares. E' que os compostos fosfatados passam a ser uma espécie de

fonte de onde promana o ácido fosfórico na quantidade desejada pela planta e consoante a maior ou menor densidade do soluto do solo.

O simples fato de uma análise química revelar baixa porcentagem de ácido fosfórico não quer dizer que o solo não o contenha até em altas doses. Só uma análise global, muito cara e muito morosa, poderia elucidar verdadeiramente a riqueza total desse elemento. Por isso, em face de tais porcentagens diminutas, criou-se entre nós a lenda de que os nossos solos são paupérrimos em fósforo e que, por consequência, deverão ser atendidos, nas fórmulas de adubação, em primeiro lugar as carências desse nutriente. Nada mais enganoso.

No caso do cafeeiro, o que se deve atender em primeiro lugar é a carência de potássio e não de ácido fosfórico. O potássio, fazendo parte das bases lixiviáveis, é o elemento que, ao lado do cálcio, mais fàcilmente é arrastado, sem nenhum proveito para as plantas. Ademais, não há, hoje, no mundo científico agronômico, quem não deixe de reconhecer que o nosso **Coffea arábica** é uma planta tão ávida de potássio, como certas leguminosas o são de cálcio. Assim se pode dizer que o cafeeiro tem tanta fome de potássio, como a alfafa o tem de cálcio.

Os trabalhos de Daffert ainda não foram postos em dúvida e suas análises(das partes vivas do cafeeiro) confirmam a grande extração de potássio dos solos cultivados, consubstanciada na produção de seus frutos exportados. Além de Daffert, as análises de muitos outros agrônomos estrangeiros, como de Graham, Sttenhouse, Campbell, em produtos do Ceilão, Java, Jamaica, Moka, etc. sempre confirmaram que o potássio foi encontrado no grão do café à base de 62 a 66% das cinzas puras, e, o ácido fosfórico à base de 12 a 13%, isto é, 5 vezes menos.

A mentalidade dominante em nossos meios agrícolas, no entanto, é de só atender a adubação fosfatada, relegando a um plano muito secundário, a real e indispensável necessidade de potássio.

Os mais modernos trabalhos de pesquisas já tornaram obsoletos os conceitos dogmáticos de vinte anos atrás no que respeita a adubação fosfatada, principalmente quando se sabe que a própria **apatita,** um fluorfosfato cristalizado de difícil solubilidade, é também atacado por certos fungos e nitrobactérias, exsuadantes de enzimas ácidos, como certos fuzários, e principalmente quando se sabe que a presença da matéria orgânica é o fator principal dessa dissolução. Si, de um lado, o salitre do Chile, coopera grandemente para dissociar o fosfato tricálcico, os microorganismos do humus são os agentes principais das transformações químicas, capazes de liberar o ácido fosfórico no soluto do solo.

Numa adubação, qualquer que ela seja, tem-se que atender, em primeiro lugar, às necessidades da planta e suas exigências. Muitas vezes, um determinado vegetal é exigente de certos nutrientes em detrimento de outros, por isso que a atenção do lavrador deverá estar voltada para essa peculiaridade. No caso do café, si não bastassem as análises de Daffert, que revelaram uma substancial dominância de potássio na formação mineral dos grãos, poderiamos citar aqui o que afirmou, ùltimamente, o dr. Andréas Sprecher von Bernegg, em seu livro sôbre o Café, como segue:

"Na cultura do cafeeiro, o solo perde as substâncias nutritivas contidas nos grãos, isto é:

	Em 100 partes por hectare	Em 800 kgs por hectare	Em 1.200 kgs por hectare
Nitrogênio	2, 5%	20 kgs	30 kgs
Potássio em K. O. ..	1, 9%	15 kgs 200	22 kgs 800
Ácido fosfórico	0,39%	3 kgs 120	4 kgs 680
Magnésio em MgO .	0,31%	2 kgs 480	3 kgs 720
Cálcio em CaO	0,17%	1 kgs 360	2 kgs 040

Do exposto se pode concluir, à primeira vista, que enquanto o potássio é representado por 15 kgs 200 para uma produção de 800 quilos de café beneficiado, por hectare, a parte representada pelo consumo de ácido fosfórico não passa de 3 kgs 120, isto é, quasi cinco vezes menos.

O mesmo autor, citando os trabalhos de Rigaud, em Madagascar, dá para uma produção de 800 quilos de café, o seguinte consumo de fertilizantes:

Ácido fosfórico (P_2O_5)	3 kgs 040
Potássio em K_2O	15 " 600
Cálcio em CaO	1 " 120
Magnésio em MgO	2 " 240

Do exposto, resulta que o elemento dominante na extração de minerais pelas safras de café é mesmo o potássio, nutriente sabidamente escasso em nossos principais solos exceção feita a algumas terras tipo salmorão e de que o cafeeiro é sabidamente ávido. Desde que o solo fica sujeito à lixiviação, ante a queima biológica da matéria orgânica, o potássio é o elemento mais fàcilmente arrastável pelas águas de infiltração. A estabilidade do potássio é comumente dada pelo **humato,** ou seja, o radical húmico das matérias orgânicas associado a essa base, segundo o que vemos nas matas virgens, onde esse elemento é fixado à superfície em forma coloide organo-mineral. Mas, a proporção que o húmus vai desaparecendo, pela própria combustão biológica, o potássio vai se liberando de sua algema química coloidal, ficando então à mercê das águas de infiltração, visto que ele não se combina bem, nem com a alumina e nem com o óxido de ferro. A única combinação verdadeiramente estável do potássio é encontrado na forma de **humato** (ácido húmico + potássio).

Segundo Setzer, um dos mais conceituados estudiosos dos problemas edáficos e pedológicos", quando um solo se empobrece de húmus se empobrece, ao mesmo tempo, de potássio. Quando o húmus é levado do solo, o potássio o acompanha. Quando é volatilizado pelo calor e pelo arejamento (oxidação da matéria orgânica pelo exigênio do ar, dentro dos poros do solo) o potássio fica isolado e só permanece no solo até a primeira chuva que o arrastará com a máxima facilidade, uma vez que ele não tem onde se apegar".

É por esse motivo que sempre que falamos em adubação do cafeeiro insistimos não apenas na dosagem maior de potássio, mas também na aplicação correlata de boa dose de matéria orgânica.

É ainda o dr. Sprecher von Bernegg quem nos chama a atenção para o seguinte quadro de adubação e pelo qual é flagrante a necessidade de se atender ao maior consumo de potássio:

Quantidade de adubo de compensação, em diversas quantidades de produção, por hectare:

	Prod. de 800 kgs por hectare	**Prod. de 1.000 kgs por hectare**
Potássio em K_2O	48 quilos	96 quilos
Ácido fosfórico	16 "	32 "

Assim, pois, para se atender a uma produção de 800 quilos de café, por hectare, faz-se necessário uma adubação (de compensação) de 48 quilos de potássio e apenas 16 quilos de ácido fosfórico, ou sejam, três vezes menos.

O argumento de que as análises de nossas terras revelam teor baixo de ácido fosfórico não pode prevalecer nos domínios de uma adubação racional, principalmente quando se sabe que isso não é verdade. Quando, aqui, falamos de solos para café, não pretendemos citar os campos desertícos, provenientes do arenito de Botucatú e nem os cerrados paupérrimos que constituem grande parte de nossa formação geológica. Queremos nos referir aos solos que mostraram uma pujante vestimenta florestal e onde esta foi substituida pelos cafèzais, muito embora a sua fertilidade não se mantivesse senão efemeramente, por apenas dois ou três decênios, mau grado a facilidade com que a matéria orgânica é consumida nas condições do pauliplanalto, isto é, um a dois quilos por metro quadrado de solo por ano.

A realidade é que as nossas terras roxas provenientes do diabásio, bem como as nossas massapés, oriundas do granito e do gneiss, de par com os arenitos do Bauru superior e mesmo do inferior, são tão ricas, proporcionalmente, em ácido fosfórico, quanto as melhores terras do mundo. E nem poderia deixar de ser assim, si considerarmos que a riqueza florestal é padrão da própria fertilidade do solo. Um granito ou um gneiss ou mesmo um basalto do Brasil (a diabase) oferecem sempre uma mesma estrutura e uma análoga proporção de elementos minerais constitutivos em relação a essas mesmas rochas de outros países. Do contrário, não seriam classificadas como tais, pois em mineralogia, qualquer variação cristalográfica é o bastante para modificar uma classificação. A cristalografia de cada minério constitutivo é que estruturou a massa ignea, por ocasião da formação dessas rochas, por isso que um feldspatho ortásico, no Brasil, é o mesmo feldspatho ortósico, na França, nos Estados Unidos, no Japão, etc. Apenas pequenas variações de composição podem modificar-lhe a côr, a densidade, etc. mas nunca a sua estrutura típica mineralógica. Por outro lado, as análises químicas têm denunciado os elementos constitutivos de cada minério e a reunião destes é que dá à rocha as características típicas de sua formação. É

por isso que não há grandes alterações da composição química de um solo proveniente de uma determinada rocha em relação a outro, em outro país, proveniente dessa mesma rocha. Uma diabase de Kenia, na África, tem que oferecer as mesmas características mineralógicas de todas as diabases do mundo, pois do contrário não seria assim classificada. E si a rocha é conhecida por diabase é porque ela contém um minério, a **augita,** isto é, um piroxênio ferruginoso (silicato de magnésio, com cálcio e muito ferro).

De um modo geral se sabe, que os solos provenientes do granito (as rochas mais antigas do mundo, solidificadas muitos milhares de milênios antes da existência da vida sôbre a terra) são mais ricos em potássio que as terras provenientes dos basaltos, entre os quais está a nossa diabase ou pedra ferro. Do mesmo modo, sabe-se que as terras roxas legítimas, oriundas desta rocha, são mais ricas em cálcio que as provenientes do granito.

Dai, também, o contraste que se observa às exigências do cafeeiro, visto que a terra roxa, que lhe oferece excelentes condições físicas, negalhe, dentro de alguns anos de cultivo, o que ele mais necessita, isto é, o potássio, como logo a seguir veremos.

Qualquer, porém, seja o solo em que se cultivou a rubiácea, os elementos minerais são sempre expressos por uma equilibrada proporcionalidade, quer se trate da terra roxa legítima, quer das massapés ou dos solos de areia do Noroeste, desde que se considere a formação geológica tipicamente boa. Si assim não fosse, como pederiamos admitir a pródiga e impressionante vegetação florestal que conhecemos e que, em muitas zonas, diríamos luxuriante, tal o porte e o desenvolvimento de suas árvores.

Como se sabe, o ácido fosfórico é, dentre os elementos nobres, o que representa geralmente o menor consumo pela maioria dos vegetais, e este fato está muito de acôrdo com a ocorrência geológica, ou melhor, com a proporcionalidade existente em todas as terras do mundo. Si a natureza foi ávara na distribuição do ácido fosfórico à quasi totalidade das rochas que deram formação aos solos, os vegetais, durante o vasto curso de sua evolução, não fizeram mais que se amoldar a essa pobresa, por isso que não se encontra, senão por exceção, plantas em que a dominância seja o fósforo, quando as ha, à miude, ávidas de potássio, de cálcio, de magnésio, etc. No momento, não nos passa à mente, nenhum vegetal cuja dominante seja o ácido fosfórico.

As análises das cinzas dos vegetais são exemplos disso. Qualquer delas, que se tenha às mãos, mostra-nos desde logo o desproporcionado teor de potássio ou então de cálcio ou mesmo de magnésio em detrimento do ácido fosfórico, quer se trate de plantas nobres, quer se trate das mais rústicas. Não há a menor dúvida que o Reino Vegetal se habituou, desde os primitivos tempos, à essa pobresa, afeiçoando-se à própria composição mineral das rochas, desde os primeiros fungos que corroeram a crosta terrestre, e dela se alimentou, até os gigantes da floresta que, com o correr dos milênios, ai se desenvolveram, sempre nutridos sob esse regime de escassez de fósforo.

Para simples comparação, examinemos, ao acaso, duas rochas de ocorrência frequente em todas as partes do mundo, sendo uma delas, o **granito,** a mais antiga, constituindo, por isso, a ossatura dos próprios continentes, e outra, a **diabase,** de formação muito mais recente, porque se infiltrou, em vários derrames sôbre as demais rochas estratificadas, e cujas formações se distanciam, nos seus períodos geológicos, por centenas de milhões de anos (Apud G. André):

	Potássio em K_2O	Ácido fosfórico
Granito (Colorado)	6,5%	0, 2%
Basalto (Colorado)	3,9%	0,81%

Para não fugirmos à realidade brasileira, podemos citar aqui uma análise que, por sua vez, expressa a média de várias outras análises, de uma terra roxa legítima, proveniente desse mesmo diabásio (basalto) que enriqueceu o mapa geológico do Brasil com vários derrames e cuja decomposição deu uma das terras mais afamadas do mundo por suas condições físicas e pela expontaneidade com que seus elementos minerais são assimilados pelos vegetais. Por ela veremos quanto é falho o conceito arraigado entre nós de que mesmo as nossas melhores terras são pobres em fósforo, fugindo à regra geral da proporcionalidade já citada. Esse pauperismo não existe, senão nas terras eólicas do arenito do Bauru e outras que tais, por isso que elas não constituiram atrativo para mais daquilo que o cerrado e os campos gerais poderam propiciar, isto é, a vegetação esquálida de árvores encarquilhadas e tortuosas, rastejando no chão, o barba de bode e as bromeleáceas. Essa análise, nós a encontramos no Relatório da Comissão de Reerguimento da Lavoura Cafeeira de S. Paulo, elaborado por engenheiros agrônomos, especializados, da Secretaria da Agricultura.

Feitos os cálculos para um alqueire de 24.200 mqs. e para uma espessura de solo, ainda virgem, de 35 ctm — profundidade essa geralmente explorada pelas raízes do cafeeiro em cêrca de 92% de seu desenvolvimento — encontramos, nessa análise-padrão, os seguintes elementos:

	Quilos
Matéria orgânica	412.000
Nitrogênio total	11.000
Cálcio trocável em CaO	20.000
Potássio trocável em K_2O	1.400
Ácido fosfórico	1.600

Como se vê, na terra roxa legítima, a quantidade de ácido fosfórico não é inferior a do potássio de que o cafeeiro é ávido, pois nada menos que 65,15% deste alcali ou, sejam 1 kg 111, são encontrados nas cinzas de uma saca de café beneficiado (60 kgs), conforme as análises de Daffert que abaixo transcrevemos:

Elementos da cinza pura (2kg840) contidos em cada saca de 60 kgs.
(média de 16 análises)

Potássio	65,15	kg111
Sódio	traços	
Cálcio	6,12	0kg104
Magnésio	11,00	0 " 187
Ac. fosfórico	12,53	0 " 213
Ac. sulfúrico	4,09	0 " 069

Na verdade, a renomada fertilidade da terra roxa está jungida não ao ácido fosfórico, mas principalmente ao seu apreciável teor em cálcio, aliado à matéria orgânica das matas milenares, teor que vai a cêrca de 20 toneladas por alqueire, tendo em vista apenas aquela espessura de 35 ctm de solo. E' êsse cálcio, quer em forma de humato, quer constituindo o complexo organo-coloide-mineral, o elemento que mantém a argila cooagulada, ou melhor **encaroçado,** apresentando, por isso, condições físicas especialicíssimas, e ademais, neutralizando a sua acidez nociva, isto é, a acidez da alumina e do ferro.

E' o cálcio o maior mobilizante das bases do solo devido a sua volubilidade nas reações químicas, por isso mesmo, é êle o elemento que mais fàcilmente é arrastado pelas águas de infiltração, mormente quando estas são carregadas de ácido carbônico que o solubilizam em forma de bicarbonato. A perda de cálcio, em nossas terras, na sua grande maioria provenientes de rochas ácidas (cêrca de 90%) é o principal motivo por que os nossos solos se tornam precocemente deteriorados e cansados, pois num meio excessivamente ácido, o grupo numeroso das bactérias nitrificadoras, (Azotobacter) tão necessárias quanto indispensáveis, não pode viver, e, portanto, não pode elaborar e fixar o azôto do ar, em benefício da fertilidade. Querer acostumar uma determinada planta a um meio francamente ácido é, sem dúvida, querer obrigá-la a viver sem a alimentação azotada de que não pode prescindir, a não ser que o seu acostumamento por milênios assim o possa realizar, por absoluta carência.

Pela análise acima citada, veremos que no tocante ao café, a atenção do lavrador deverá estar voltada muito mais a carência do potássio que do ácido fosfórico, pois uma saca de café rouba ao solo cinco vezes mais daquele que dêste elemento.

A tendência dos nossos lavradores em aplicar fósforo ao solo não é de todo desaconselhável, mas na sua continuidade poderá representar um grave êrro econômico de adubação. A grande vantagem da aplicação do fósforo consiste na sua própria composição química em que o cálcio está sempre presente, e, muitas vezes, com elevadíssimas proporções. Si considerarmos apenas a farinha de ossos, em que o ácido fosfórico está ligado a três valências de cálcio, ou seja, em forma de fosfato tricálcico, veremos então que adubar com fósforo é também adubar com cálcio. Na grande maioria dos casos, o salutar efeito de uma adubação fosfatada não se deve atribuir ao fósforo e sim ao cálcio. A própria neutralização da acidez, toda a vez que um átomo de cálcio pode coagular uma micela de argila ou fazer parte dos enxames de cations que correm atrás de seu acidoide, constituindo meio adequado ao desenvolvimento da flora microbiana útil, constitui, de per si,

função fertilizadora de primeira grandeza. Muito embora o cálcio não seja extraido do solo pelo grão do café, senão em doses pequenas, cêrca de onze vezes menos que o potássio, é êle o fator principal da fertilidade e, só subsiste, no solo, enquanto houver matéria orgânica a que se combinar, por efeito de seus complexos húmicos. Desde que o solo venha a perder a sua matéria orgânica, o cálcio liberado de seu radical húmico, fica à merce das águas das chuvas que o arrastam à profundidade, fora do alcance das raízes.

Há ainda um fenômeno curioso e que faz parte integrante da edafologia no que respeita à perda e ao aproveitamento dos elementos nutritivos. E' o fenômeno a que se condicionou denominar de **lixiviação,** ou melhor, de perdas pelo arrastamento percolativo.

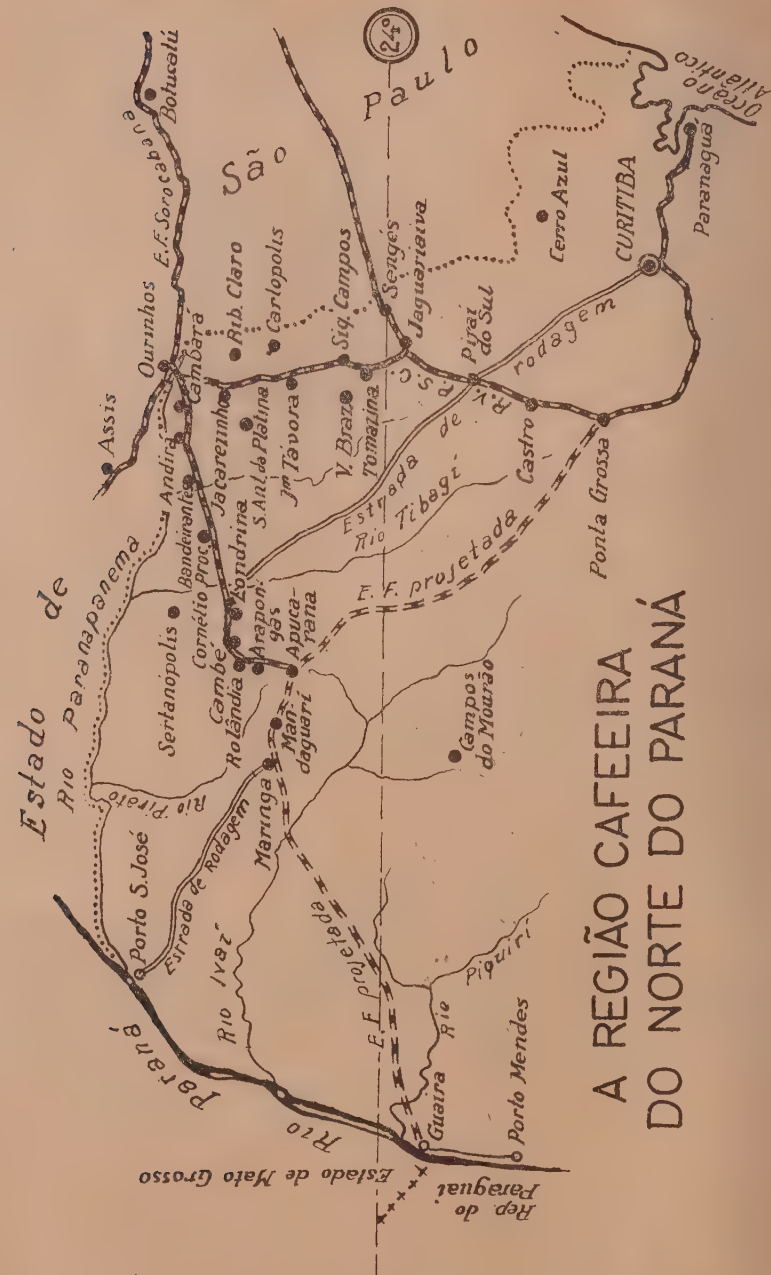
Toda a vez que um solo se vê privado de sua matéria orgânica, na proporção de, pelo menos, dez quilos por metro quadrado, as bases alcalinas vão sendo liberadas, e, em consequência, vão sendo arrastadas pelas águas de infiltração. A matéria orgânica em sua degradação, por efeito do ataque da flora microbiana, ao se transformar, produz grandes quantidades de ácido carbônico e ácido húmico. Ambos êstes ácidos apresentam grande avidez para se associar às bases. A formação de humatos é, nas matas virgens, o motivo porque, nesses solos, ricamente humificados, a proporção de elementos nutritivos, á superfície, é muito maior que na profundidade. O cálcio, o potásio, o magnésio, o sódio, etc. são fortemente algemados aos radicais húmicos dos complexos organo-coloidais. Por mais que chova, por maior o volume de água que atravesse a massa terrosa, tais nutrientes não são despegados dêsses complexos. O ácido húmico é uma espécie de algema que mantem as bases coloidalmente amarradas.

Êste fenômeno perde a sua significação quando se trata de terras já pobres em húmus, pois as bases não são mais algemadas e, sim, liberadas. E quando liberadas estão sujeitas ao fenômeno percolativo de arrastamento pelas águas. As perdas de nutrientes, por efeito dêste arrastamento para fora do ambiente das raízes do cafeeiro, é até espetacular. Daí, a razão porque os nossos solos se tornam cada vez mais deteriorados e cada vez menos produtivos.

Entretanto, foge quasi completamente a êste fenômeno o ácido fosfórico. Enquanto, numa terra roxa legítima, em 22 anos, a perda do potássio atingiu a 92,6%, a do ácido fosfórico não foi além de 36,7%.

Até nisto o ácido fosfórico leva vantagens sôbre o potássio. Êle não é arrastado pelo fenômeno percolativo, senão em expressões vestigiais.

(Continua no próximo boletim)


A REGIÃO CAFEEIRA
DO NORTE DO PARANÁ
Estado de São Paulo
Estado de Mato Grosso
Rio Paraná
Rio Paranapanema
Rio Paraguay
Oceano Atlantico
24°
Botucatu
E.F. Sorocabana
Ourinhos
Assis
Andirá
Cambará
Rib. Claro
Carlopolis
Siq. Campos
Senges
Jaguariaiva
Cerro Azul
CURITIBA
Paranaguá
Ponta Grossa
Piraí do Sul
Rodagem
Tomazina
V. Braz
Jm. Tayora
S. Ant. da Platina
Jacarezinho
Londrina
Bandeirantes
Cornélio Pros.
Sertanopolis
Porto S. José
Estrada de Rodagem
Rio Ivahy
Maringá
Rio Pirapó
Rolândia
Cambé
Aragonaes
Apucarana
Mandaguary
Campos do Mourão
E.F. projetada
Rio Tibagy
Estrada de Rodagem
Rio Piquiry
Guaira
Porto Mendes

POLVILHADEIRAS
PULVERIZADORES

ARSENIATO DE CHUMBO
SULFATO DE COBRE — ARSÊNICO — VERDE PARIS
E TODOS OS INSETICIDAS E FUNGICIDAS

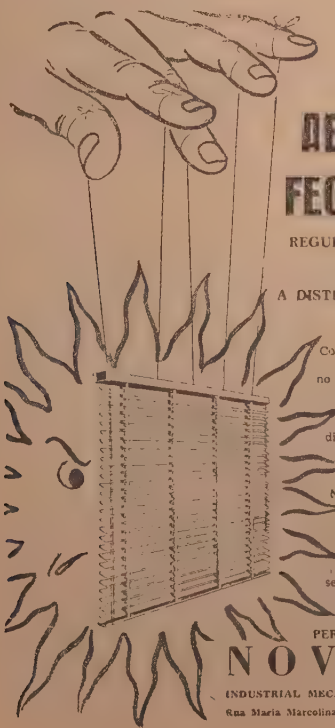
Mantém ainda secções de:
SEMENTES DE HORTALIÇAS, FLÔRES, FLORESTAIS ETC.
FERRAMENTAS E APETRECHOS
ARTIGOS APÍCOLAS, ETC.

peçam CATÁLOGOS GRATIS à
Secção 10 de

Dierberger Agro-Comercial Ltda.

Rua Libero Badaró, 499/501 — Caixa Postal 458 — São Paulo

(1/3 a)



ABRE SOL
FECHA SOL

REGULE, COM AS SUAS
PRÓPRIAS MÃOS
A DISTRIBUIÇÃO DE LUZ

Com as Persianas Novitas, no lar e no escritório, você terá a possibilidade de, dirigir com exatidão a luz solar. As Persianas Novitas, em côres suaves e atraentes oferecem o máximo de confôrto, sendo fáceis de manejar.

PERSIANAS
NOVITAS
INDUSTRIAL MECÂNICA NOVITAS LTDA.
Rua Maria Marcolina, 818 Tels. 9-5546 e 9-3/80

(1/3) REPRESENTANTES NO DISTRITO FEDERAL E NAS PRINCIPAIS CIDADES DO PAIS

SOMBREAMENTO DOS CAFÊZAIS

William Wilson Coelho de Souza
Dirigente do Plano de Restauração de Culturas Permanentes

Quem percorra o interior fluminense encontrará nas zonas cafeeiras lavouras decadentes, as quais explicam a baixa produção do Estado, calculada em cêrca de 330.000 sacas de 60 quilos.

As lavouras depredadas e erodidas, que existem produzem em média, cêrca de 15 a 20 arrobas por mil pés, dai a reduzida produção total do Estado acima referida.

A erosão por um lado, os tratos culturais e a colheita por outro, são o motivo da pequena duração das lavouras que em média deperecem entre 15 à 20 anos.

Falamos dos tratos culturais, de fato, as práticas culturais empregadas nas lavouras cafeeiras, representadas pela **coroação** que se faz antes da colheita, a **esparramação** do cisco usada depois da colheita, essas operações muito danificam o cafeeiro, porque mutilam as suas raízes; no primeiro caso das raízes que se formam debaixo das árvores e no segundo das que se originam nos cordões onde fica amontoado o mato; com essa mutilação das raízes muito sofrem os cafeeiros. Seguem-se as capinas, com as quais as enxadas dos colonos, rampam o chão retirando a terra frouxa da superfície, deixando o solo compacto e vítreo e as raízes das árvores novamente mutiladas. Todas estas práticas facilitam o trabalho da erosão que arrasta a terra frouxa da superfície, com ela os sais solúveis que contenha, indo toda essa fertilidade para as baixadas ou mais comumente para os riachos e rios de cada região; enquanto as terras das lavouras ficam empobrecidas. A adubação, faz-se por meio de uma cava junto ao tronco das árvores, na abertura da qual cortam-se não só as raízes maiores, as secundárias, como as capilares, umas e outras, servindo de sustentação das plantas; as primeiras e as segundas, são veículos da entrada de alimento para o interior dos cafeeiros. Assim, desejando o lavrador beneficiar pela adubação a sua lavoura, outra coisa não faz, que reduzir a vida das árvores, pela constante decepagem de suas raízes. O encordoamento do mato geralmente é feito morro acima e as vezes em terras bastante acidentadas; de modo que, propícia terrívelmente a erosão. Poder-se-ia evitar semelhante efeito fazendo os cordões em sentido horizontal, em vez de ser no sentido vertical. No caso das capinas também se poderá, evitar parte do seu máu efeito capinando o terreno rua pulada de baixo até em cima e depois tirando o mato da rua que ficou sem capinar; isto atenua em parte o mau efeito das capinas. Os efeitos nocivos da adubação, acima referidos, se podem corrigir, praticando-a em sulcos no meio das árvores e em sentido contrário ao declive. A última operação que bastante prejudica o cafeeiro é a colheita pelo sistema de derriça; a qual decepa, fôlhas, brotos, quebra os galhos e danifica bastante as ávores, anulando todos os efeitos bons dos tratos

culturais e assim influindo para o desaparecimento das lavouras. Em razão de tudo isso as árvores perdem a sua forma primitiva e ficam em varas sêcas, caindo com o seu aniquilamento a produção por mil pés, aos algarismos ínfimos que se assinalam por toda parte.

É pena que assim aconteça porque o Estado do Rio de Janeiro pelas suas condições naturais oferece magníficas possibilidades favoráveis à cultura cafeeira.

Todas as regiões que produziram café e cujas terras se acham cobertas de invernadas, em toda a parte serrana, poderá voltar a produzir. As meia-laranjas de Cordeiro, Miracema, Campos, Itaperuna, Barra do Piraí Barra Mansa, e outros municípios serranos, oferecem fundadas esperanças de um futuro resurgimento cafeeiro, quando for possível aos possuidores de tais terras compreender que com relativo pequeno esfôrço e capital poderão conseguir formar novos cafèzais nessas terras velhas, adotando as práticas, que passamos a recomendar para a formação de cafèzais sombreados.

O Sombreamento é o meio seguro de recuperar essas terras hoje improdutivas e de fazer produzir economicamente as lavouras deficitárias que se vêm por toda parte.

No Sombreamento dos cafèzais há dois casos a considerar: — a restauração das lavouras existentes; pelo plantio entre elas das árvores de sombra, como meio de fazer voltar a sua produção e a formação de novas lavouras protegidas desde princípio pelo Sombreamento, afim de evitar o seu precoce deperecimento.

Teremos deste modo constituido ambiente favorável para que as lavouras cafeeiras, assumam de fato o caráter permanente e fixo, perdendo a característica nômade que a tem feito caminhar sempre em busca de novas terras cobertas de mato, as quais com o tempo se transformam em tristes e desertas invernadas improdutivas.

RESTAURAÇÃO DAS LAVOURAS EXISTENTES

Plantio do Ingàzeiro — Numa ação rápida e econômica poder-se-ão semear diretamente as sementes do Ingàzeiro nas lavouras cafeeiras abrindo covas a distância de nove metros em todos os sentidos e para que, os Ingàzeiros abranjam grupos de oito árvores. Os lavradores mais cuidadosos, que disponham de mais recursos e desejem fazer trabalho mais eficiente, deverão recorrer ao plantio do Ingàzeiro por meio de mudas; e neste caso a sementeira é feita nos viveiros e as mudas depois de formadas são levadas para as lavouras. Devem-se abrir covas semelhantes as que se fazem para o cafeeiro;

Calagem — Deitam-se cêrca de 30 a 100 gramas de cal no fundo da cova antes de colocar a muda. Quando haja facilidade de estrume depois de aberta a cova procede-se a calagem, e cêrca de um mês mais tarde faz-se a adubação orgânica empregando-se o estrume de cocheira curtido.

Havendo facilidade de cal depois de terminada a colheita e feita a capina da lavoura, deve-se proceder a uma calagem geral de todo

o terreno da plantação e isso porque o solo na maioria dos casos tornou-se ácido em consequência da erosão.

Rehumificação — Em Agôsto ou Setembro plantar-se-á uma leguminosa anual, podendo ser empregadas a Crotalária Jûncea e o Feijão de pôrco. O objetivo de semelhante prática é a rehumificação do terreno, que tendo se tornado ácido, perdido a matéria orgânica, consequentemente perdeu a sua fertilidade, porque desapareceu a sua flora microbiana. Este tríplice conjunto concorre para a morte das lavouras, além das causas apontadas no capítulo anterior.

Replantio das Falhas — A maioria das lavouras apresenta grande número de falhas que deverão ser replantadas por meio de mudas, que se vão buscar no Viveiro, conforme adiante explicaremos. Não convém tratar de um cafèzal muito falhado porque se irá tratar chão vasio, encarecendo o trato e sobrecarregando a colheita com despezas improdutivas.

Neste caso no lugar da cova falhada abre-se nova cova, proceder-se-á a calagem, cêrca de um mês depois, faz-se a adubação da cova com estêrco de cocheira, formando no fundo da cova uma camada de 0,10 m.

Colocam-se em seguida duas mudas de cafeeiro formadas em vasos de barro, tipo "Torrão Paulista".

Substituição das Árvores Mortas — Como no caso anterior todas árvores pràticamente mortas, incapazes de uma reação de restauração e que dêm mínimas quantidades de café, deverão ser substituidas nas lavouras velhas. Pode-se abrir uma cova junto e proceder como no caso anterior, plantando as duas mudas, fazendo tudo conforme foi indicado; ou então cortar definitivamente as árvores mortas e no seu lugar, colocar as duas mudas.

Deste segundo modo a lavoura ficará completamente restaurada, porque são colocadas duas mudas em todas as falhas e outras duas nos lugares das árvores mortas; faz-se um replantio que importa em formar novo cafèzal em terra velha e entre uma lavoura velha. Não há mal nisto porque aproveita-se o terreno já desbravado e as estradas que lhe dão acesso. Quem empregue a cal, bastante matéria orgânica, de origem animal, nas covas e faça o plantio do Ingàzeiro, como árvore de sombra, estará de fato formando uma lavoura nova com boas mudas e probabilidade de ter um cafèzal de duração permanente.

Naturalmente todos esses cuidados são aplicáveis quando as touceiras de cafeeiros remanescentes do cafèzal apresentem aspecto regular e produção compensadora; é neste caso que se aconselha restaurar o restante; quando porém o cafèzal se achar completamente morto, as plantas restantes apresentem os caracteres de árvores improdutivas, sem forma regular, com galhos sêcos e sem probabilidade de reagir, é melhor cortar a foice todas as touceiras restantes e formar no mesmo terreno, novo cafèzal, segundo os conselhos adiante apresentados e relativos a formação de uma lavoura em terra velha.

FORMAÇÃO DE NOVAS LAVOURAS

Na formação de novas lavouras devemos considerar dois casos: a formação em terras velhas, de pastos, de antigas lavouras, ou de culturas anuais; e a formação em terras de derribada recente.

Curvas de Nível — O primeiro cuidado num trabalho racional, é a **marcação da curva de nível;** ao invez de se plantar o café de môrro acima, como geralmente se faz, facilitando o efeito da erosão, e portanto o empobrecimento do solo e a morte prematura do cafèzal deve-se procurar plantar o café, em **curva de nível;** isto é, contra o caminho das enxurradas. Para isso procede-se o nivelamento, que procuramos fazer no Plano, com o nível de borracha e marcam-se com estacas as curvas de nível e sôbre estas, as covas para o plantio do café, do Dorancê (para o Sombreamento Provisório) e para os Ingàzeiros. Em trabalhos mais completos constroem-se os **Cordões de Contôrno;** todavia não é indispensável porque o solo ficará defendido pelo Sombreamento, quando o Bosque estiver formado.

Nas marcações das covas observam-se as respectivas distâncias: — as do cafeeiro ficarão entre si a três metros; as do Dorancê — a seis e as dos Ingàzeiros a nove metros; costuma-se no próprio alinhamento deixar sempre a quarta cova, a contar da inicial para os Ingàzeiros.

Temos incumbido de semelhante orientação os Técnicos Agrícolas que trabalham no Plano.

Calagem — Como as terras velhas se tornam ácidas pelo efeito da erosão, pelo fogo em muitos casos, e pelo abandono a que estiveram sujeitas, para formar cafèzais nelas, é indispensável corrigir a acidez; e então emprega-se a cal, que poderá ser de sambaquis, de conchas, ou de pedra; usando de 0,30 a 100 gramas no fundo da cova. Desta maneira corrige-se a acidez, desagregam-se as partículas terrosas, torna-se a terra mais porosa, mais frouxa e prepara-se ambiente favorável a adubação e a vida da planta; É indispensável a calagem, não se pode pensar em dispensá-la porque se vae fazer a adubação orgânica. Esta levará alimento às plantas; mas, é fundamental a necessidade de neutralizar a acidez do solo, afim de criar o meio favorável a vida do cafeeiro, que não tolera terrenos ácidos.

Adubação — A outra prática igualmente imperiosa é a adubação orgânica. Empregam-se os estrumes de bovinos, de muares ou de cavalares; o de aves, enfim de quaisquer animais, as tortas ou palhas de café. Todos esses elementos encontram-se fàcilmente nas Fazendas.

A maioria das fazendas de café tem animais ou cria muitos deles; hoje estão muito espalhadas as granjas avícolas. De modo que é fácil reunir o estrume para o plantio do café, proporcionando a cada cova a quantidade necessária.

É preciso que fiquem bem claras duas noções fundamentais: pode-se **plantar o cafeeiro** em **terras velhas;** mas é indispensável fazer

a **calagem** da cova, como depois de um mês empregar o **estrume de cocheira.** Ninguém pense em plantar o cafeeiro em terra velha sem as duas preliminares da calagem, isto é, do **emprego da cal e do adubo de cocheira.** É importante esta noção por isto insistimos em recomendar o emprêgo dos dois elementos, a cal e o estrume.

Atendidas estas preliminares pode-se sem receio plantar o cafeeiro em terra velha. Naturalmente todos esses cuidados que recomendamos dão trabalho, tomam tempo e requerem capital para o custeio das despezas.

O cafèzal pelo sistema do Sombreamento torna-se uma cultura realmente de caráter permanente e depois do Bosque dos Cafeeiros e dos Ingàzeiros formado, estes últimos se incumbem de deixar pelas fôlhas que caem no chão, o solo constantemente adubado, em razão da contínua transformação da matéria orgânica. A tríplice função físico-química e biológica, que se realiza, constitue a fonte da fertilidade do solo, o segredo do sistema e a compensação segura dos lavradores por todo o seu trabalho e despesas iniciais.

Tudo quanto se gastar até a formação definitiva do Bosque representa um capital empregado de modo seguro no banco da natureza, esperando os juros certos, que serão as colheitas compensadoras que sobreviverão.

Covas — Outro ponto essencial é o tamanho das covas. Geralmente os colonos costumam dar duas pancadas com o enxadão no terreno removem a terra e está feita a cova para o plantio do cafeeiro de sementes ou de mudas.

Num trabalho racional as covas deverão ter 0,50 m de profundidade por 0,40 de largura e 0,40 de comprimento. Assim as mudas terão espaço suficiente para desenvolver-se; a maior profundidade serve para propiciar às mudas a humidade que as suas paredes contém. Cobrindo-se a cova com a arapuca de madeira, nos dias ensolarados, teremos o calôr do sol que garante as plantas o aquecimento, de que precisam; com a umidade na paredes das covas, forma-se então o ambiente quente e úmido, que é indispensável à vida das plantas.

Abertas as covas, feitas a calagem e adubação, procede-se do modo seguinte: no fundo da cova espalha-se uma camada de 0,10 centímetros de estrume; se houver facilidade e abundância de estrume pode-se usar maior quantidade; se a plantação é feita com sementes, faz-se uma mistura do adubo com a terra da superfície e sôbre essa mistura enterram-se levemente de 10 a 12 sementes; se a plantação é feita por meio de mudas bastam duas mudas. Afasta-se a mistura, colocam-se os dois vasos — distanciados cêrca de 0,25 m um do outro e depois junta-se-lhes a mistura em volta. Não há necessidade de encher a cova até em cima. É preciso deixar o espaço a que nos referimos, que deverá ser conquistado pela planta constituindo uma fase de Sombreamento até que suas astes possam alcançar a superfície do terreno, quando então as plantas não precisam mais de cobertura, estas poderão ser retiradas.

Falamos em colocar 10 a 12 sementes, porque os colonos não con-

tam as que empregam, botando nas covas qualquer número até 20 sementes. Qaundo estas sejam selecionadas deverão ser poupadas, porque são caras. É indispensável depois fazer o desbaste. E para formação de um cafèzal que vae ser sombreado, não se devem deixar mais do que duas mudas, afim de evitar que as touceiras, mais tarde se tornem muito espeças, fato que prejudicará a produção.

No sistema antigo, uma touceira de café, pode conter oito a nove astes, que se fundem dando o aspécto de uma só árvore. Também não se poderá deixar apenas uma, porque esta poderá morrer e a cova ficará falhada, atrazada, com o replantio e o conjunto da lavoura prejudicado.

Sempre que se faça o desbaste no plantio, por meio de sementes, é imprescindível praticar a seleção, deixando as duas mudas mais iguais e melhores, na forma, no tamanho e no vigôr.

Terras de Derribada — Como temos dito não há necessidade de derribar o mato para plantar o cafeeiro; todavia, apesar do quanto se diz e explica, fazendeiros, administradores e colonos, insistem na velha secular rotina, de que só se pode plantar o café em terra de mato; seguidamente encontramos derribadas para o plantio de café, nas fazendas que visitamos.

Quem insista nesse tremendo desperdício, enfrentando a verdadeira calamidade pública que se apresenta para o Brasil, da falta de madeira para todos os fins, para esses renitentes então se pode mostrar como podem realizar suas plantações procurando práticas mais racionais.

Não será demais dizer aqueles que pensam, em que a terra estando coberta de mato é boa, ou rica, computamos inúmeras análises químicas de terras virgens pobres e até ácidas; dependendo das rochas que as formaram e da sua textura. Uma mata formada em solo arenoso, não lhe poderá emprestar, riqueza e fertilidade, que lhe garantem manter culturas permanentes de longa duração.

Nas terras que tenham sido de derribada recente e portanto atravancadas de tocos, troncos e galhos grandes e pequenos, torna-se difícil o plantio racional do cafeeiro. Todavia repicando bem a madeira, deixando apenas os troncos maiores poder-se-á conseguir fazer o plantio do café, relativamente bem feito.

Neste caso o trabalho a fazer é o seguinte: — a) locação das curvas de nível; b) locação das três covas de Café, Dorancê e de Ingàzeiros, para o Sombreamento; c) abertura das covas; d) plantio das três espécies nas distâncias indicadas.

O plantio poderá ser de sementes ou de mudas, conforme o número de 1.000 pés, ou de covas, que se pretendia plantar.

No caso de sementes se deverá recorrer sempre a sementes selecionadas. Temos empregado o Bourbon do Instituto Agronômico de Campinas, como o Sumatra. Ültimamente obtivemos daquele Instituto um pouco de sementes do Caturra.

Falamos constantemente no Dorancê — Cássia Strobiliacea, uma leguminosa exótica, importada da Colômbia. É a melhor para o som-

breamento provisório, sua duração é de 7 a 9 anos, época em que os Ingàzeiros, plantados ao mesmo tempo que ela, se acham em condições de fornecer sombra; a proporção que elas vão morrendo suas árvores poderão ser cortadas e produzirão lenha, que indenizará o lavrador das despesas de corte, retirada e empilhamento desta.

Quem não tem o Dorancê poderá empregar no Sombreamento provisório o Guandu rajado e assim terá uma bôa proteção para o cafèzal. Este poderá ser plantado a dois ou três metros e no meio dos cafeeiros; como as outras leguminosas deixa caír bastantes fôlhas, é precoce, de longa duração, rústico, produtivo e as suas sementes servem de alimento para o homem como para os animais domésticos, podendo até prestar-se a indústria de fabricação de conserva, dando produto semelhante ao "Petit Pois", francês; rico de proteinas como é, presta-se admiràvelmente para a alimentação das aves, substituindo a alfafa.

Viveiros — Aconselhamos ainda a formação de **viveiros** que servirão para produção de mudas das três plantas indicadas e das essências florestais que deverão cobrir os altos dos morros e as partes íngremes destes e que não se prestam a plantação econômica do cafeeiro. A plantação destas essências auxilia a proteção do solo contra a erosão.

Os viveiros deverão ser construidos de preferência nas sedes das fazendas, em partes planas livres de encharcamentos, servidos de água, afim de facilitar as regas; cercados, para evitar a entrada de animais. Deverão ser de construção rústica, cobertos de sapé ou de pindoba.

Outro ponto importante é a adopção dos vasos fabricados de barro e de estrume em partes iguais, e produzidos pela máquina "Torrão Paulista". A vantagem deste sistema é que a semeadura é feita diretamente nos vasos; não se deve fazê-la em canteiros no chão, como antigamente, e seguida da repicagem. Procurou-se evitar a repicagem porque determina o retorcimento das raízes pivotantes, a sua atrofia, e consequente formação de outras pivotantes oriundas de secundárias. Semelhante ocorrência afeta a vida da muda e do futuro pé de café, influindo na sua duração. Verificou-se que esse fato determina uma duração curta.

Cocheira de Pisoteio e Piso dos Galinheiros — Temos falado constantemente na imperiosa necessidade do estrume de cocheira. Ele é usado na fabricação dos vasos, como acima referimos, e no plantio dos cafèzais; e por isso representa um gasto enorme de estrume, que faz o seu consumo ascender a alguns milhares de toneladas.

Verificou-se na prática que a maneira melhor, mais fácil e econômica de preparar o estrume é pelo emprêgo da cocheira de pisoteio, que é uma construção na qual pernoitam as vacas leiteiras, os touros, bezerros; ou os animais de trabalho e montaria.

A construção tem uma parede em volta de 1,30 e 1,50 metros, o piso é de terra.

A cobertura poderá ser de sapé, de telha canal ou francêsa e de telhas de tipo eternite.

No alto passam canos furados para circulação da água e rega em massa. Cada noite espalha-se na cocheira uma camada de capim, palha de café, de milho, de arroz; os animais pernoitando presos na cocheira, fazem as suas dejeções sólidas e líquidas sôbre a palha. Cada dia renova-se a camada de palha, com isso o seu volume cresce, produz-se fermentação; onde comece a fumegar rega-se e deita-se mais palha sêca, afim de evitar o desperdício do amoníaco. O segredo do seu funcionamento reside em não deixar esquentar demasiado a massa e não perder pela evaporação o amoníaco. Naturalmente para que os animais durmam presos dá-se-lhes uma ração que pode ser cana picada, farelo de hastes de mandioca passado num desintegrador, farelo de milho, deste triturado no desintegrador com palha e sabuco. Forragem fenada: — capim gordura e uma leguminosa: guandu, marmelada de cavalo, soja e outras.

Calcula-se a construção segundo o número de animais que deverão dormir presos. Também quando tudo isso corre bem não há mau cheiro e nem moscas e isso porque diàriamente a massa fica coberta de nova camada de palha sêca. Tudo correndo bem a massa está decomposta em seis mêses.

Em São Paulo, há fazendas mixtas; de café e de criação, que têm até quatro destas construções, uma em cada retiro, de modo a atender os cafèzais próximos dos retiros. Deste modo se podem atender a todas as necessidades da lavoura cafeeira. Raras são as fazendas que não têm destas construções, especialmente na zona Mogiana. A Estação Experimental de Pindorama possue uma destas construções para noventa animais e com o estrume que produz, aduba anualmente 65.000 cafeeiros.

Quanto ao pizo dos galinheiros aconselhamos o uso do sabugo de milho cortado em pedaços cobrindo o chão numa camada de 10 a 15 centímetros. De certo em certo tempo, digamos de 3 em 3 mêses retira-se o estrume que fica pulverisado; para limpar o sabugo e reunir todo o estrume, toma-se uma peneira grande, bate-se o sabugo de encontro a tela, a semelhança do que se faz com a terra para peneira-la. Por esse modo reune-se boa quantidade de excelente estrume, rico e útil. Sabe-se que cada galinha produz onze quilos de estrume no ano. Assim, conforme o número de aves, sabe-se a quantidade de adubo com que se poderá contar para os trabalhos de adubação.

Têm aqui os interessados duas indicações fáceis, simples e econômicas de reunir grande quantidade de adubo para as lavouras de café.

Sombreamento — Afinal vamos falar pròpriamente do assunto deste trabalho que é o do título marginado.

No Estado do Rio de Janeiro há um obstáculo ao Sombreamento representado no sistema do trato dos cafèzais, por meio de colonos e ameação. Raras são as propriedades nas quais as lavouras são mantidas a conta do proprietário.

Como a produção das lavouras é pequena, não possa deixar lucro aos colonos, os proprietários consentem que eles plantem os seus cereais: milho, arroz e o feijão entre as ruas de café, apezar do estado

de pobreza das terras e por isso do baixo rendimento destas lavouras. Tudo produz pouco, mas é o que tem o pobre colono para se manter, no estado de miséria em que vive com a sua família.

São raras as fazendas em que se fazem, como em São Paulo, empreitadas parciais para as capinas, podas e colheitas; e em pequeno número, aquelas nas quais as lavouras são mantidas pelos proprietários pagando os operários a salário.

As culturas intercalares dos colonos constituem obstáculo a tudo quanto temos aconselhado acima, porque utilisam nas lavouras cafeeiras as áreas livres que terão de ser ocupadas pelas árvores de sombra.

Todavia mais de 60 lavradores, dirigiram-se ao Plano de Restauração de Culturas Permanentes da Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio desejando adotar os processos que aqui preconizamos.

São inúmeras as vantagens do Sombreamento, todavia assinalaremos que as árvores de sombra, evitam sôbre as lavouras cafeeiras os efeitos das intempéries, tais como: os ventos fortes dominantes, os ventos frios; a geada, o granizo ou a chuva de pedras; as chuvas pesadas; e finalmente os efeitos da erosão, porque cobre os cafeeiros e o solo. O Sombreamento sistemático das lavouras cafeeiras formando Bosques, concorrerá para a regularização do clima regional.

Logo que as árvores de sombra começam a deitar fôlha no chão e que se inicia a reumificação do solo, os cafeeiros se restauram; formam-se novos galhos, as árvores capazes de reagir readiquirem sua primitiva forma, e a produção aumenta. Resulta daí outro grupo de circunstâncias, a uniformidade da florada, da frutificação e do amadurecimento dos grãos; naturalmente semelhante conjunto se manifestará do quarto para o quinto ano, ou mais adiante, dependendo no caso de lavouras antigas, do estado das árvores, da sua idade, da natureza do solo, de sua conservação natural e de como tudo foi feito.

Outra consequência é a regularização das safras, não haverá pequenas, médias e grandes colheitas; um cafèzal em plena fase de reação favorável ao Sombreamento, digamos a partir do quinto ano, para não errar na afirmativa, terá sua produção estabilizada num limite razoável que se poderá estimar de 60, 80 a 100 arrobas por mil pés.

A uniformidade da produção facilita os trabalhos de colheita e permite que se possa colher o café maduro, na fase do cereja. Daí a possibilidade do emprego do despolpamento; e quem despolpa café passa a ter produto fino, bebida mole, tipo "MILD". É o que acontece em toda a América, nos países onde se faz o Sombreamento.

O Brasil com a sua cultura de café, a pleno sol, difícilmente consegue ter um café fino, não chegamos a ter dez por cento deste tipo; ao passo que os nossos concorrentes não tem dez por cento de cafés duros — bebida ruim, graças ao Sombreamento.

Quem tenha café fino tem mercado para o seu produto, como acontece a Colômbia, Venezuela, Guatemala, Costa Rica e todos os demais países da América Central.

No Brasil nos perdemos nos cafèzais ensolarados, nos milhões de sacas de cafés de bebida dura, produzimos muito; mas sempre do pior café.

É que o Sombreamento possibilita a produção de cafés finos, bebida mole, tipo "MILD", temos o exemplo da fazenda São Pedro, da família Barros Alcântara, em Caçapava. Não se trata de determinada zona porque na Colômbia em todos os solos, climas e altitudes se consegue sempre o mesmo tipo de cafés finos — "MILD".

É importante considerar que não basta sombrear, é preciso que a sombra seja regulada em 50%. A sombra não deverá ser espessa demais e nem rala ao exagero. No primeiro caso fica prejudicada a produção; no segundo penetrando luz em demasia, nascem as ervas daninhas e voltam a ser necessárias as capinas.

Num cafèzal bem sombreado desaparece a necessidade das capinas porque não deverá nascer o mato; se este vier há um defeito no Sombreamento que deverá ser corrigido.

A supressão das capinas nos cafèzais sombreados é uma das vantagens econômicas maiores do processo não só porque evita a despesa com estas, como porque afasta os estragos pela erosão.

É preciso que fique certa e clara uma noção — o solo do cafèzal sombreado não deverá ser mais trabalhado pela enxada, que não só avilta o trabalho do homem, como prejudica o terreno. Nem a enxada e nem os cultivadores deverão entrar na lavoura em qualquer que seja a sua idade e isso porque uma e outras afetam o sistema radicular das árvores. Foi por essa razão que preconizamos o emprego de leguminosas anuais, durante o período de crescimento e formação das árvores de sombra, digamos nos primeiros quatro anos.

Chamamos a atenção dos leitores para o problema das capinas, com insistência e porque em São Paulo, a princípio os fazeideiros mandavam passar os cultivadores no solo dos cafèzais; e com essa operação prejudicaram os efeitos do Sombreamento, chegando quasi a anulá-lo.

A última grande vantagem do Sombreamento que desejamos destacar, é a referente a Broca do Café. Verificou-se que no Cafèzal Sombreado da mencionada fazenda São Pedro, em Caçapava, São Paulo, o ataque da Broca no Cafèzal de 9.000 pés sombreados foi de 0,05 à 0,01%; ao passo que na mesma fazenda, em outro cafèzal de igual idade, mantido a pleno sol e quasi ao lado do primeiro, portanto em solo semelhante, a infestação foi de 20% — na última colheita.

A explicação para essa ocorrência decorre do fato, de não se encontrarem nas lavouras sombreadas, frutos de café, temporões; dissemos anteriormente que, os cafèzais mantidos no regimem de Sombreamento florescem, frutificam e amadurecem quasi a um tempo; de modo que, por isso desaparecem os grãos temporões, que ficam sôbre as árvores a pleno sol, ou que caem no chão ou dentro da própria touceira e se tornam os hospedeiros da praga — no período da entresafra. Ainda mais, nos cafeeiros sombreados, além dos grãos serem maiores e bem desenvolvidos, em comparação com os frutos de árvores mantidas a pleno sol, os seus pedúnculos são firmes, se mantêm longo tempo presos na roseta, mesmo que demore um pouco a colheita e por isso não caem fàcilmente ao chão; mesmo que caissem, o cafèzal sombreado tendo uma camada de folhiço depositada no solo, que, como

dissemos, varia de 0,25m à 0,35 m de espessura, os grãos que caissem ficariam entre o folhiço e difícilmente a Broca poderia voltar a superfície quando saisse do seu interior.

Há ainda outro argumento valioso, em favor do sombreamento, a melhoria da qualidade do tipo de café, que dele decorre, determina o o melhor preço que o produto adquire no mercado.

Assim, pelo sombreamento o Estado do Rio de Janeiro além de poder aumentar, triplicando, sua produção atual poderá ainda, pelo menos dobrar o valor de venda do café.

Desta maneira, se o Sombreamento vem reformar as práticas dos tratos das lavouras; evitar o plantio das culturas intercalares; abolir o sistema de meiação com os colonos; promover o plantio de três essências (o Cafeeiro, o Dorancê e o Ingàzeiro), encarecendo o custeio das lavouras; em compensação, depois do quinto ano, se reduzem as despesas porque não haverá, coroação, a esparramação do cisco, a adubação, as capinas, limitando-se os gastos a uma abatição com facão e colheita.

A compensação maior estará na regularização das colheitas, no aumento da produção, que poderá ir de 20 até 100 arrobas por mil pés; na melhor qualidade do produto e no maior preço que êste alcança.

Quando os lavradores verificarem pessoalmente tais vantagens, estará assegurado o êxito da adoção do Sombreamento, que lhe irá garantir o maravilhoso conjunto de vantagens que o sistema oferece.

A colheita se poderá deixar de fazer pelo errôneo sistema da derriça; — o café não poderá ser jogado ao chão, porque não é possível realizar a coroação; não se poderá usar o pano, em razão do tamanho que alcançam as saias das árvores, de modo que, só poderá ser feita em **balainhos** a tira colo do apanhador; colhendo êste os frutos de cada roseta perfeitamente maduros. Com um pouco de atenção dos colonos e rigrosa vigilância dos feitores é possível conseguir que a colheita se processe sem que se sacrifiquem as árvores.

O Sombreamento vem a ser um processo de regeração de costumes para os colonos; de civilização dos homens, proprietários e operários; de reabilitação da terra, do seu enriquecimento; das colheitas generosas e do trabalho remunerador. A sombra que se faz nas lavouras abre profundas clareiras nas mentes humanas escravizadas aos seculares preconceitos criados pela velha rotina.

ÉPOCA DO PLANTIO — No Estado do Rio de Janeiro, o cafeeiro se planta em duas épocas. A plantação por meio de **sementes,** se faz de Março a Abril; e a que se processa usando **mudas,** em plantações novas, replantas, substituições de árvores mortas, geralmente se pratica a partir de Outubro, em pleno período das chuvas. O Dorancê e os Ingàzeiros plantados de **mudas** deverão acompanhar esta mesma época.

CONCLUSÃO — Procuramos no presente trabalho explicar aos lavradores interessados, as medidas que estão sendo postas em prática pelo Plano de Restauração de Culturas Permanentes, para o Sombrea-

mento dos cafèzais. Estamos procurando orientar os nossos trabalhos em bases econômicas e acessíveis; de modo que seja possível aos lavradores aplicá-las em suas propriedades. Tanto isto é verdade, que temos lavouras em fazendas particulares se fazendo, em Petrópolis, Miracema, Itaperuna e várias outras estão começadas.

CUSTO DAS OPERAÇÕES INDICADAS — As despesas do sistema do plantio do cafeeiro nos vasos "Torrão Paulista", como todas as mudas em torno da sua plantação, ficaram no EA III em Italva, pelos preços seguintes:

Custo do Torrão Paulista	Cr$ 0,10
Custo da muda de cafeeiro formada	Cr$ 0,16
Custo do Vaso e da muda 0,10 + 0,16	Cr$ 0,26
Custo da cova do cafeeiro aberta	Cr$ 0,41

Tanto significa dizer que a muda de cafeeiro fica em menos de Cr$ 1,00 a unidade.

Alguns receavam ficasse muito caro o sistema; a experiência mesmo dentro do Estado diz que não. As despesas ficam em bases perfeitamente accessíveis. Resta pois que todos os fazendeiros se aproveitem do ensejo que lhes apresentamos em bases simples e perfeitamente accessíveis.

Resta pois que todos os fazendeiros se aproveitem do ensejo que lhes apresentamos em bases simples e perfeitamente exequíveis.

O programa traçado pelo atual Secretário de Agricultura, Dr. Edgard Teixeira Leite, apoiado pelo Senhor Governador do Estado, Coronel Edmundo de Macedo Soares e Silva, abre novos horizontes a lavoura cafeeira, permitindo que ela volte a sua antiga grandeza; agora porém, com bases seguras e estáveis; em que a ciência dos homens fundamentou a sua ação, na magnífica lição da natureza, buscando o exemplo das matas, hoje raras em território Fluminense. Os lavradores de café que foram os maiores fabricantes de desertos improdutivos; sombreando os seus cafèzais, passarão a formar lindos Bosques, produtivos; em que as plantas e o solo, se aliam na produção da riqueza e do bem estar constante dos homens, lavradores e colonos.

Banco do Estado de São Paulo S. A.

CAPITAL REALIZADO: CR$ 100.000.000,00

DEPÓSITOS — EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS

CÂMBIO — COBRANÇAS — TRANSFERÊNCIAS

TÍTULOS — COFRES DE ALUGUEL

*

MATRIZ:

PRAÇA ANTONIO PRADO, 6 — SÃO PAULO

CAIXA POSTAL, 789

Enderêço telegráfico: BANESPA

*

65 AGÊNCIAS NO INTERIOR DO ESTADO; UMA NO RIO DE JANEIRO E OUTRA EM CAMPO GRANDE (Estado de Mato Grosso)

*

AS MELHORES TAXAS — AS MELHORES CONDIÇÕES

RAPIDEZ — EFICIÊNCIA

(1)

Resumos e Transcrições

DIVISÃO DA ECONOMIA CAFEEIRA

Circular n.º 3

O diretor da Divisão da Economia Cafeeira, nos têrmos do XXVII do art. 19 do Regimento aprovado pelo Decreto n.º 27.475 de 27 de novembro de 1949, resolve expedir as seguintes instruções que disciplinarão as liberações e entregas de café dos vários Estados, nos diferentes portos de exportação.

Art. 1.º As liberações de cafés nos vários portos serão levadas a efeito pela Divisão da Economia Cafeeira observadas as exigências da Portaria n.º 377 de 27 de abril de 1950 do Exmo. Sr. Ministro da Fazenda que regulamentou o escoamento da safra cafeeira de 1950/51, como segue:

I — No pôrto de Santos;

a) Levantamento das quantidades despachadas nas várias Estradas de Ferro com destino a Santos, com base nas relações que as emprêsas transportadoras são obrigadas a remeter para a Divisão da Economia Cafeeira, nos têrmos do art. 7 da Portaria n.º 377 de 27 de abril de 1950 do Exmo. Sr. Ministro da Fazenda.

b — distribuição das quantidades que cada emprêsa transportadora deverá entregar diàriamente no pôrto de Santos, tendo em vista a quantidade total a ser liberada nesse mercado em cada dia, segundo a ordem cronológica dos despachos e o Estado de procedência dos cafés mediante comunicação por escrito às emprêsas transportadoras e às repartições fiscais interessadas;

c — separação pelas faturas ferroviárias dos cafés que deverão ser liberadas e entregues ao mercado por Estado de procedência e emprêsa transportadora;

d — organização no fim de cada dia das "listas" de liberação dos cafés efetivamente liberados e entregues ao mercado, separadamente por Estado de procedência e emprêsa transportadora, em 5 vias, que terão os seguintes destinos;

1.º e 2.º vias: — para a Divisão da Economia Cafeeira;

3.º e 4.º vias: — para a Repartição Fiscal dos Estados de origem dos cafés;

5.º via — para emprêsa transportadora.

Todas as vias das "listas" serão autenticadas pelos funcionários fiscais dos Estados, de origem dos cafés, devidamente credenciados junto à Divisão da Economia Cafeeira, e pelos funcionários da Divisão

da Economia Cafeeira destacados para êsse fim. Para os cafés procedentes de Estados que não possuam representação fiscal no pôrto de Santos, as "listas" serão apenas autenticadas pelos funcionários da Divisão da Economia Cafeeira;

e — as emprêsas transportadoras só farão a efetiva entrega dos cafés aos respectivos consignatários;

1) se os conhecimentos representativos das remessas tiverem sido préviamente registrados na Divisão da Economia Cafeeira, nos têrmos do art. 8 da citada Portaria n.º 377.

2) Se os conhecimentos estiverem devidamente "desembaraçados" pelas competentes repartições fiscais dos Estados de origem dos cafés. Fica entretanto dispensada esta exigência quando se trata de cafés provenientes de Estados que não possuam repartições fiscais no pôrto de Santos, uma vez que os conhecimentos devem trazer a prova de quitação impostos e taxas a que esta sujeito o produto no seu Estado de origem.

II — Nos portos do Rio de Janeiro, Vitória, Paranaguá e Angra dos Reis; mediante prévia organização das "listas" dos cafés que deverão ser liberados em cada dia, separadamente por Estado de procedência, segundo as quotas atribuidas, observadas todas as exigências regulamentares, inclusive a ordem cronológica dos despachos, e o registro dos conhecimentos, Guias de Transportes ou outros documentos representativos das remessas dos cafés.

III — Nos portos do Salvador e Recife:

— mediante autorização às emprêsas transportadoras, armazéns gerais trapiches e depósitos para entrega das remessas aos respectivos destinatários, com organização de relações discriminativa das quantidades entregues em cada dia, que serão conferidas no fim de cada mês, por meio de levantamento e dos estoques disponveis nesses portos.

Art. 2.º A divisão da Economia Cafeeira fiscalizará a execução dos serviços de liberação de café nos vários portos, tomando as providências que julgar necessárias para que se processem com fiel observância das suas instruções.

São Paulo 31 de Julho de 1950.

FRANCISCO RODRIGUES ALVES
Diretor

(Diário Oficial de 24/8/950)

O café visto nos Estados Unidos

(Cartas Semanais do Escritório Pan-Americano do Café — Nova York)

N.º 680 CARTA SEMANAL DO MERCADO 7 de Julho de 1950

SITUAÇÃO GERAL: Ao que parece a guerra na Coreia vai exigir maiores esforços por parte dos Estados Unidos do que ao princípio se esperava e, similarmente, sua solução durará mais tempo do que se pensou quando as hostilidades começaram. Por consequência as autoridades competentes estão tomando as necessárias medidas que a situação no Extremo Oriente exige. Neste momento o país está procedendo, por assim dizer, a uma mobilização moderada de todos os recursos necessários ou que julga necessários com o decorrer do tempo. Por exemplo, há indícios de que o Govêrno será levado a acelerar suas compras de matérias primas estratégicas, para cuja aquisição novas verbas serão autorizadas. O resultado de semelhante programa será o aparecimento de novos estímulos dentro da economia, a qual já se encontrava aliás numa fase de enorme prosperidade. A êste respeito, alguns observadores dizem que tais estímulos bem poderiam exercer sua influência durante muito tempo, admitindo que a intervenção dos Estados Unidos na Coreia significa a adopção por êste país do papel de "polícia internacional ao serviço das Nações Unidas.

Refletindo as considerações acima, a bolsa de valores tomou, durante a semana, uma atitude mais calma a respeito da guerra na Corea e os preços conseguiram, nesse ambiente melhor, recuperar parte do terreno perdido por ocasião das grandes liquidações de Junho. Por outro lado, o índice dos produtos naturais básicos readquiriu considerável firmeza sobretudo no que respeita a borracha, lã, algodão, carne, alguns cereais, vários produtos alimentícios entre os quais figura, como é natural, o café.

MERCADO DE CAFÉ: Esta semana houve, também, grande atividade no mos previsto, a maioria das firmas torradores de importância anunciaram, na mercado de café e os preços continuaram subindo fortemente. Tal como havia-segunda-feira, novos aumentos nos preços do café torrado. Êsses novos aumentos foram, em média, de 2 c/ por libra e, desta vez, abrangeram também as marcas em sacos de papel.

Esta firmeza no mercado não é devida exclusivamente ao fato dos torradores locais terem recomeçado em maior escala as suas operações de compra. A procura de café por parte dos demais países importadores, tomados em conjunto, tem-se mantido até agora ao mesmo nível do ano passado, contrariamente às expectativas gerais. Além disso, a posição estatística mundial do café mantém-se extremamente firme como o revelam os cálculos preliminares sôbre os estoques totais no Brasil, nos portos e no interior. Segundo essas estimativas preliminares, aqueles estoques são apenas de 5.400.000 sacas, a 1.º de Julho, em comparação com a cifra de 7.210.000 sacas na mesma data do ano passado.

À vista que a produção brasileira em 1950/51 já foi calculada, oficialmente, como sendo únicamente de umas 13.500.000 sacas em comparação com cêrca de 15.000.000 de sacas no ano anterior, fica claramente demonstrado que o ano 1950/51 vae ser de extrema firmeza para os preços do café.

Devido ao dia feriado de 4 de Julho, observou-se certa redução na atividade do termo local onde o volume de operações foi apenas de 951 lotes em comparação com 1.318 lotes na semana anterior. As cotações continuaram subindo e, no fim da sessão de ontem, acusavam ganhos de 140 a quase 200 pontos no Contrato "S". Durante a semana notou-se uma certa redução na posição aberta que, à vista da firmeza do mercado, deve-se atribuir principalmente a liquidações para realizar lucros. A posição aberta era, esta manhã, de 2.609 lotes em comparação com 2.682 na sexta-feira da semana passada, no Contrato "S", e de 68 lotes contra 79 no Contrato "D".

De acôrdo com as tendências reveladas reveladas desde há muito tempo, o Contrato "D" vinha perdendo gradualmente o interêsse dos operadores da Bolsa. Por êsse motivo, os diretores da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York decidiram suspender o referido Contrato a partir de 1951. A última posição negociável é a de Dezembro.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: Como já dissemos, os preços adquiriram notável firmeza durante a semana em revista, principalmente nos disponíveis e para embarque. Relativamente aos cafés brasileiros, o tipo Santos 4 é cotado e foi, com efeito, negociado desde 49, 25 /c até 50 /c, F.O.B. ao passo que nos disponíveis locais o mesmo tipo de café conseguiu-se vender a 52,25 /c por libra. Quanto aos colombianos, as cotações para os disponíveis, sôbre água e para embarque imediato flutuam, geralmente, de 54,25 /c a 54,50 /c. O mesmo nível de preços aplica-se aos demais cafés negociados neste mercado, como aliás se pode ver no quadro estatístico anexo.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Estados Unidos	Dados semanais Destinos Principais Europa	Outros	Total
BRASIL*	1-7-1950.....	284.000	55.000	14.000	353.000
	24-6-1950.....	186.000	45.000	15.000	246.000
	2-7-1949.....	286.000	74.000	60.000	420.000
COLÔMBIA**	1-7-1950.....	112.419	1.687	—	114.106
	24-6-1950.....	65.021	2.195	693	67.909
	2-7-1949.....	71.896	18.377	436	90.709

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E COLÔMBIA:

	Portos	Semanas findas em: 1-7-1950	24-6-1950	2-7-1949
BRASIL*	Santos	1.513.000	1.569.000	2.256.000
	Rio	667.000	667.000	565.000
	Vitória	77.000	67.000	39.000
	Paranaguá	97.000	110.000	39.000
	Pernambuco	11.000	15.000	17.000
	Bahia	29.000	29.000	60.000
	Angra dos Reis	4.000	6.000	8.000
	TOTAL	**2.398.000**	**2.466.000**	**2.984.000**

COLÔMBIA**	Barranquilla	209.989	204.459	156.430
	Cartagena	104.418	107.787	73.960
	Buenaventura	113.117	137.086	101.799
	Cucuta	100.060	92.814	58.895
	TOTAL	**527.584**	**542.146**	**391.084**

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK: (*)

Países de origem (sacas de pesos diferentes)

Semana de:	Brasil	Colômbia	Outros	Total
1-7-1950	36.285	131.168	81.461	248.914
24-6-1950	43.815	141.840	85.542	271.197
2-7-1949	71.017	173.483	59.775	304.275

(*) Dados da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York.
(**) Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia.

Escritório Pan-Americano do Café **Quadro Estatístico — N.º 1529**

BOLSA DE CAFÉ E AÇÚCAR DE NOVA YORK

(Preços nos E. U. cents por libra)

CONTRATO "S" SANTOS	**Fech. 29-6-50**	**Máxi.**	**Mín.**	**Fech. 7-6-50**	**Var.**	**Vendas**
Julho	49.17	52.00	49.00	51.10	+1.93	63
Setembro	46.67	49.40	46.70	48.23	+1.56	285
Dezembro	44.10	46.60	44.10	45.66	+1.56	237
Março	41.35	43.92	41.50	42.77	+1.42	171
Maio	39.72	42.20	39.95	41.15	+1.43	180
Julho	——	——	——	39.75	——	—
CONTRATO "D" SANTOS						
Julho	48.55	51.55	51.00	50.80	+2.25	6
Setembro	45.80	47.25	47.20	47.70	+1.90	2
Dezembro	43.10	45.00	45.00	44.45	+1.35	7

VENDAS*

Semanas terminadas em:	Contrato "S"	Contrato D"	Total
7-6-50	936	15	951
29-6-50	1,305	13	1,318

(*) Em lotes de 250 sacas.

PREÇO DO CAFÉ NO MERCADO DE NOVA YORK, NAS SEMANAS TERMINADAS EM 6 DE JULHO DE 1950

	Semanas terminadas em: 7-6-50	29-6-50	Var.
BRASIL			
Santos tipo 2	53.75	51.00	+2.75
Santos tipo 4	52.25	49.50	+2.75
Minas Gerais	(*)	(*)	
Bahia	(*)	(*)	
Rio tipo 7	(*)	35.00	—
Vitória 7/8	(*)	34.00	—
COLÔMBIA			
Medellin	54.50	53.75	+0.75
Armenia	54.50	53.75	+0.75
Manizales	54.35	53.50	+0.85
Girardot	54.25	53.25	+1.00
COSTA RICA			
Tipo fino	55.00	53.75	+1.25
Lav. tipo baixo	(*)	51.50	—
REP. DOMINICANA			
Lavado	51.00	48.50	+2.50
Natural	46.50	44.00	+2.50
EQUADOR			
Natural	46.00	44.00	+2.00
SALVADOR			
Lav. tipo fino	53.50	52.50	+1.00
Natural	48.00	46.00	+2.00

	Semanas terminadas em: 7-6-50	6-29-50	Varf.
GUATEMALA			
Bom lavado	51.50	51.50	—
Bourbon	51.00	51.00	—
HAITÍ			
Lavado	51.00	50.00	+1.00
Natural	47.50	46.00	+1.50
MÉXICO (Lavado)			
Coatepec	53.50	52.50	+1.00
Tapachula	53.25	52.00	+1.25
NICARÁGUA			
Lavado	52.50	51.00	+1.50
VENEZUELA			
Tachira lav.	53.50	52.50	+1.00
Tachira nat.	48.00	46.00	+2.00
Trujillo	(*)	(*)	
ROBUSTA			
Natural	41.50	39.00	+2.50
PORT. W. AFRICA			
Amboin	41.50	41.50	—
Ambriz	40.50	40.50	—
MOCHA	54.00	53.50	+0.50

(*) Não cotado.

NOTA: Mercado ativo e muito firme, entregas geralmente escassas.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

PAÍSES PRODUTORES

A Exportação de Café no Brasil: Da revista "Foreign Commerce Weekly", de 3 do corrente mês, transcrevemos o seguinte: "As exportações de café pelos portos brasileiros em 1949/50 subiram a 15.846.092 sacas em 31 de Março do ano corrente, data que marca o fim dos embarques para aquele ano de safra, segundo o regulamento promulgado a 9 de Junho de 1949 o movimento de café. A 21 de Março de 1950 o Ministro da Fazenda emendou aquele regulamento para o ano de safra 1949/50 de forma que se pudesse despachar café do interior durante os mêses de Abril e Maio. De acôrdo com as estatísticas não-oficiais, os "des-

pachos das fazendas" durante o mês de Abril subiram quase a 250.000 sacas, com cuja cifra o total para 1949/50 se eleva a 16.093.607 sacas. Espera-se que, para fim de Maio, ou seja ao expirar da época de embarque, o total exportado para o referido ano de safra se eleve a cêrca de 16.200.000 sacas.

"Pràticamente todos os cafés encaminhados aos portos durante Fevereiro e Março, eram da safra de 1949. Os estoques visíveis no interior, constituídos por cafés de safras anteriores, subiam a 20.000 sacas no princípio de Fevereiro. Êsses estoques baixaram ainda mais durante o mês de Março, ficando reduzidos a uma cifra inferior a 7.000 sacas. O movimento total para os portos nesses dois meses atingiu a cifra de 1.260.000 sacas, mais ou menos.

"As exportações durante Fevereiro foram, ùnicamente, de 720.666 sacas, a cifra mais baixa que se registrou desde há muitos anos. Dessa cifra os Estados Unidos importaram apenas 483.865 sacas. Em Março, porém, as exportações subiram para 1.189.805 sacas, das quais 704.889 foram para os Estados Unidos e 208.792 para a França. Segundo informações particulares, as exportações em Abril foram de 756.129 sacas. Nos primeiros quatro meses de 1950, a média das exportações foi apenas de 927.610 sacas por mês, cifra que é de comparar-se com a média mensal para o período correspondente de 1949, a qual foi de 1.306.044 sacas e com a média mensal para o segundo semestre do mesmo ano, que foi de 1.887.533 sacas".

A CULTURA DE CHÁ NO PERU: Do jornal de língua espanhola que se publica em Nova York, "El Diario de Nueva York", transcrevemos o seguinte telegrama procedente de Lima, com data de 21 de Junho último: "A indústria de chá está progredindo imenso neste país. Hoje em dia é um dos negócios de maior futuro e com tendências para dominar, completamente, no mercado interno e procurar sua expansão no exterior por meio de mercados exportadores. Foi há quarenta anos que se fizeram as primeiras plantações de chá com caráter experimental. A industrialização dessa cultura só começou há quinze anos mas, nesse curto espaço de tempo, as plantações foram consideràvelmente aumentadas a ponto de poderem satisfazer 2/3 da procura doméstica. Um impôsto recente aplicado às importações de chá estrangeiro, o qual oscila entre 50 c/ e 75 c/ do dólar por quilo, tem por fim evitar a entrada no país desse produto para fomentar a indústria local. O chá no Peru é cultivado, principalmente, nos vales de Cuzco e de Tingo Maria. Dentro da classificação internacional aprovada pelos técnicos da General Food Corporation e da Secção de Relações Agrícolas Estrangeiras dos Estados Unidos em Washington, o chá peruano é produzido em várias qualidades e tipos".

ESTADOS UNIDOS

O Café — Primeiro Produto Agrícola de Importação: Da revista "Tea and Coffee", edição de Junho de 1950, reproduzimos a seguinte nota: "Em 1949 os Estados Unidos importaram, para seu consumo doméstico, 5% mais de café e 4% mais de chá do que em 1948. O Census Bureau, que publica êstes dados, informa, outrossim, que o café constitue o principal produto agrícola de importação neste país. A importação de café representa 27% do total dos produtos importados de origem agrícola e 12% do total de todos os produtos aqui importados O valor em dólares do café por êste país, subiu a $697.000.000 em 1948 e a .... $794.000.000 em 1949, o que representa um aumento de 14% no curto período de um ano. O valor médio por libra de café cru foi de 27,2% c/ em 1949. Em

1948 esse valor foi de 25,1 c/, ao passo que antes da guerra era de 7,6 c/ por libra".

Sôbre a Necessidade da Propaganda do Café — Um Artigo Aplaudindo a Campanha do Bureau: Da importante revista local, "Tea and Coffee Trade Journal", reproduzimos o artigo que publicou, em sua edição de Junho último, sôbre presidente do Bureau Pan-Americano do Café. sôbre a necessidade de intensificar aquele assunto: "Estamos completamente de acôrdo com Theophilo de Andrade, a campanha de propaganda do café nos Estados Unios. Ao regressar há semanas do Brasil, o Sr. Theophilo de Andrade declarou que já estavam disponíveis os fundos de seu país para a referida campanha e de que "seria mutuamente vantajoso para a America Latina e para os Estados Unidos o esfôrço no sentido de se continuar e até mesmo intensificar-se a propaganda a favor do café neste país".

"Tal necessidade está adquirindo maior importância com cada dia que passa, pois o consumo de café nos Estados Unidos diminuiu apreciàvelmente desde a alta dos preços no Outono passado. É lamentável que o período difícil dos altos preços do consumo em contração haja coincidido com uma época durante a qual a campanha de propaganda do produto diminuiu de intensidade.

"Devido aos inúmeros comentários na imprensa e rádio que apresentaram uma imagem falsa da situação do café, cremos que o público consumidor tem a impressão de que o rápido aumento dos preços foi devido a manipulações no mercado. Essa impressão errônea contribuiu para criar o ressentimento contra os altos preços, os quais aliás, mesmo em condições normais, nunca gozam de popularidade. O resultado natural foi a redução no consumo.

"É muito possível que essa redução no consumo seja de caráter passageiro mas não é menos certo que uma campanha eficaz de anúncios e publicidade poderia conseguir imerso no sentido de impedir que tal fenômeno não vá degenerar em perda permanente. É um fato histórico que o consumo de café nos Estados Unidos esteve estacionário até 1938 à razão de 13 lbs. per capita e que a partir dessa data êle aumentou, consistentemente, até atingir em 1949 o nível máximo de 19,5 lbs. per capita. A conservação dêsse nível de consumo exige grandes esforços".

CANADA

Aumenta a Importação de Chá e Diminue a de Café em 1950: Segundo a revista "Tea and Coffee", edição de Junho último, a importação de chá durante os primeiros dois meses do corrente ano, aumentou cêrca de 52% em relação com as importações do mesmo período do ano passado. O maior aumento teve lugar em Fevereiro com uma importação de 4.779.757 lbs., comparada com .. 2.105.157 lbs. importadas em Fevereiro de 1949. Por outro lado, as importações de café têm baixado. Em Fevereiro foram apenas de 5.749.418 lbs., cifra que é de comparar-se com 8.044.055 lbs. importadas no mesmo mês de 1949. Isso representa uma diminuição de 28%.

EUROPA

Noruega: As importações de café na Noruega durante o mês de Abril último atingiram um total de 34.286 sacas, comparado com 30.990 sacas em Março

e 2.058 sacas em Fevereiro. As importações durante Abril fizeram subir o total para os quatro primeiros meses de 1950 para 107.343 sacas, ou seja 1,3% mais do que as importações durante o mesmo período de quatro meses em 1949, quando 105.904 sacas foram importadas. A seguir apresenta-se um quadro comparativo dessas importações, distribuídas por países de origem:

País de Origem	Abril de 1950	Jan./Abril, 1950	Jan./Abril 1949
Brasil	32.381	100.683	83.353
África Oriental Inglesa	445	3.070	1.146
Guiana Holandesa	1.011	1.459	3.554
Haití	14	1.043	8.164
Etiópia	20	673	—
África Portuguesa	357	357	5.028
África Ocidental Inglesa	59	59	49
Venezuela	—	—	3.449
Equador	—	—	718
Outros	—	—	442
TOTAL	34.286	107.343	105.904

N.º 681 CARTA SEMANAL DO MERCADO 14 de Julho de 1950

SITUAÇÃO GERAL: A marcha dos acontecimentos na Coréia indica que a solução daquele conflito vai exigir dos Estados Unidos um esfôrço bélico de certa amplitude que terá consequências perturbadoras em sua economia. E à vista da influência econômica e financeira dêste país no mundo, o panorama internacional apresenta-se um tanto obscurecido pela incerteza predominante relativamente ao curso das atividades comerciais entre as nações.

Segundo informa a imprensa local, tem havido pequenas ondas de açambarcamento em pontos dispersos do país motivadas por receios — até agora sem fundamento — de escassez de alimentos e outros artigos de consumo bem como pelo mêdo de um aumento geral dos preços. Isso deu lugar a uma declaração do Presidente Truman em que êle afirmou que não havia nenhuma justificação para açambarcamento.

Há indícios, contudo, de que o aumento das atividades bélicas terá que afetar, de uma ou outra forma, o rítmo da indústria que trabalha na produção de artigos de consumo. Além disso, o govêrno estuda atualmente as medidas necessárias de contrôle que terá de impor no caso do conflito na Coréia assumir proporções maiores, e êsse fato, como é natural, influiu visìvelmente sôbre os mercados do país. Tem havido, por exemplo, grande nervosismo na Bolsa de Valores onde cada onda de liquidações deixa os preços a um nível mais baixo. Nos mercados de matérias primas e de alimentos, pelo contrário, os preços continuam subindo com a borracha, alguns cereais e o café na vanguarda dêsse avanço.

No que diz respeito às possíveis medidas de contrôle por parte do Govêrno, revestem-se de significado especial as seguintes declarações ontem feitas pelo Senador Maybank, presidente do Comitê bancário e monetário do Senado dos Estados Unidos: "É êste o comitê que deverá considerar, em grande parte, a legislação de emergência sôbre assuntos econômicos que o Presidente Truman possa solicitar". O Senador Maybank acrescentou, porém, que se o conflito na Coréia pu-

desse ser localizado, seriam muito ínfimas as possibilidades do Govêrno pedir controles absolutos sôbre a economia civil. Outros peritos dentro dos círculos oficiais de Washington concordaram com as opiniões daquele Senador. A esse respeito deve-se notar, ainda, que não obstante a pressão exercida pelos setores industriais e comerciais sôbre o Govêrno no sentido de que êste último faça uma declaração formal acêrca do assunto, o Govêrno tem insistido invariàvelmente de que é demasiado cedo para poder tomar uma decisão a tal respeito.

MERCADO DE CAFÉ: A semana em revista foi outro período de notável atividade em todos os setores do mercado de café. Em consonância com a firmeza revelada pelo mercado do grão e perante o receio de uma possível medida de contrôle por parte do Govêrno de Washington, os torradores locais continuaram elevando os preços de suas marcas. No caso de algumas marcas o último aumento constitue o quinto avanço de preço nestas últimas semanas. Os aumentos mais recentes incidiram sôbre as marcas de café em lata e vidro mas espera-se que a partir de segunda-feira o café em sacos de papel seja também aumentado.

Na Bolsa de Café de Nova York, o volume de operações aumentou de maneira notável, havendo ultrapassado o total de 1.500 lotes registrado durante a semana anterior. As cotações alí demonstraram tendências altistas bastante sensíveis e, para o fim da sessão de ontem registravam ganhos de 2½ c/ a 3¼ c/ em comparação com o encerramento de quinta-feira da semana passada.

Esta manhã as cotações continuaram subindo e, para o meio dia, acusavam ganhos de 1 a 1½ c/ em todas as posições. A despeito do grande volume de operações, a posição aberta não mostra qualquer mudança de importância, de vez que esta manhã era de 2.595 lotes em comparação com 2.609 lotes na semana anterior para o Contrato "S" e de 61 contra 68 lotes respetivamente para o Contrato "D".

ÚLTIMAS COTAÇÕES: As tendências altistas dos preços no mercado físico do produto, que pareciam haver parado como resultado do conflito no Extrêmo Oriente, voltaram a manifestar-se de maneira sensível particularmente no que respeita aos cafés brasileiros, sôbre cujas cotações, aliás, começou já a influir a "apertada" situação estatística tal como foi revelada pela estimativa oficial da safra 1950/51 que coloca a produção exportável ao redor de uns 13.200.000 sacas. Segundo foi divulgado nesta praça, o tipo Santos 4 vendeu-se nos disponíveis a preços que oscilam entre 53½ c/ a 54 c/, ao passo que na base F.O.B. o mesmo tipo de café foi negociado de 50½ c/ até 51 c/. Quanto aos cafés colombianos, há notícias de que apesar de ser agora negociado, em geral, de 54½ c/ para cima, não tardarão em ultrapassar o nível de 55 c/. Segundo rumores que circulam aqui, calcula-se que durante as últimas semanas foram negociados mais de um milhão de sacas de cafés colombianos.

EXPORTAÇÕES DE CAFÉ DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Estados Unidos	Dados Semanais Destinos Principais Europa	Outros	Total
BRASIL*	8-7-1950	163.000	27.000	29.000	219.000
	1-7-1950	284.000	55.000	14.000	353.000
	9-7-1949	147.000	57.000	33.000	237.000

COLÔMBIA**	8-7-1950	41.231	1.059	3.521	45.811
	1-7-1950	112.419	1.687	——	114.106
	9-7-1949	129.426	13.262	7.028	149.716
	Dados Mensais				
BRASIL*	Junho, 1950 (***)	759.000	237.000	158.000	1.154.000
	Maio, 1950	506.000	262.000	87.000	855.000
	Junho, 1949	906.000	339.000	81.000	1.326.000
COLÔMBIA**	Junho, 1950	285.868	4.000	2.674	292.542
	Maio, 1950	89.831	18.985	5.474	114.290
	Junho, 1949	411.649	42.012	15.935	469.596

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semanas findas em:		
	Portos	**8-7-1950**	**1-7-1950**	**9-7-1949**
BRASIL*	Santos	1.591.000	1.513.000	2.260.000
	Rio	654.000	667.000	576.000
	Vitória	75.000	77.000	39.000
	Paranaguá	79.000	97.000	31.000
	Pernambuco	11.000	11.000	20.000
	Bahia	30.000	29.000	59.000
	Angra dos Reis	1.000	4.000	8.000
	TOTAL	**2.441.000**	**2.398.000**	**2.993.000**
COLÔMBIA**	Barranquilla	193.628	209.989	181.964
	Cartagena	101.461	104.418	68.379
	Buenaventura	170.470	113.117	83.214
	Cucuta	98.051	100.060	56.495
	TOTAL	**563.610**	**527.584**	**390.052**

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK*:

Países de Origem (sacas de pesos diferentes)

Semana de:	**Brasil**	**Colômbia**	**Outros**	**Total**
8-7-1950	32.485	127.866	74.740	235.091
1-7-1950	36.285	131.168	81.461	248.914
9-7-1949	67.753	173.599	57.937	299.289

(*) Dados da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York.
(**) Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia.
(***) Dados preliminares sujeitos a correção.

Escritório Pan-Americano do Café **Quadro Estatístico — N.º 1531**

BOLSA DO CAFÉ E DO AÇÚCAR DE NOVA YORK

(Preços nos E. U. cents por lb.)

	Fech.			Fech.		
CONTRATO "S" SANTOS	**6-7-50**	**Máxi.**	**Mín.**	**13-7-50**	**Var.**	**Vendas**
Julho	51.10	53.70	51.00	53.50	+2.40	69
Setembro	48.23	51.70	48.00	50.75	+2.52	311
Dezembro	45.66	48.80	45.40	48.10	+2.44	382
Março	42.77	46.20	42.65	45.77	+3.00	305
Maio	41.15	44.80	41.15	44.37	+3.22	341
Julho	39.75	43.25	39.75	43.00	+3.25	151
CONTRATO "D" SANTOS						
Julho	50.80	53.50	51.05	53.15	+2.35	4
Setembro	47.70	49.50	48.60	50.40	+2.70	5
Dezembro	44.45	47.25	44.30	47.65	+3.20	11

VENDAS*

Semanas terminadas em:	**Contrato "S"**	**Contrato "D"**	**Total**
13-7-50	1,559	20	1,579
6-7-50	936	15	951

(*) Em lotes de 250 sacas.

PREÇO DO CAFÉ NO MERCADO DE NOVA YORK, NAS SEMANAS TERMINADAS EM 13 DE JULHO DE 1950

	Semanas terminadas em:		
	13-7-50	**6-7-50**	**Var.**
BRASIL			
Santos tipo 2	54.50	53.75	+0.75
Santos tipo 4	53.50	52.25	+1.25
Minas Gerais	(*)	(*)	
Bahia	(*)	(*)	
Rio tipo 7	38.00	(*)	——
Vitória 7/8	37.00	(*)	——
COLÔMBIA			
Medellin	54.75	54.50	+0.25
Armenia	54.75	54.50	+0.25
Manizales	54.65	54.35	+0.30
Girardot	54.50	54.25	+0.25
COSTA RICA			
Tipo fino	55.50	55.00	+0.50
Lav. tipo baixo	53.00	(*)	——

	Semanas terminadas em:		
	13-7-50	**6-7-50**	**Var.**
GUATEMALA			
Bom lavado	52.00	51.00	+0.50
Bourbon	51.50	51.00	+0.50
HAITÍ			
Lavado	52.00	51.00	+1.00
Natural (taim)	48.50	47.50	+1.00
MÉXICO (Lavado)			
Coatepec	54.00	53.50	+0.50
Tapachula	53.50	53.25	+0.25
NICARAGUA			
Lavado	53.00	52.50	+0.50
VENEZUELA			
Tachira lav.	54.00	53.50	+0.50
Tachira nat.	49.00	48.00	+1.00
Trujillo	(*)	(*)	

REP. DOMINICANA			
Lavado	52.00	51.00	+1.00
Natural	46.50	46.50	——
EQUADOR			
Natural	47.00	46.00	+1.00
EL SALVADOR			
Lav. tipo fino	54.00	53.50	+0.50
Natural	48.00	48.00	——
ROBUSTA			
Natural	43.50	41.50	+2.00
PORT. W. AFRICA			
Amboin	43.50	41.50	+2.00
Ambriz	42.25	40.50	+1.75
MOCHA	54.00	54.00	——

(*) Não cotado.

NOTA: Muito firme e ativo, escolha limitada.

PAÍSES PRODUTORES

Equador: Da revista "Foreign Commerce Weekly" transcrevemos o seguinte acêrca da situação do café naquele país: "Embora o café baixasse para o segundo lugar no quadro das exportações durante o primeiro trimestre do ano corrente, o Ministério da Economia prediz que à vista da produção em perspectiva, superior à de qualquer outro ano, o café terá recuperado, para fins de Dezembro, o seu posto de vanguarda na lista das exportações do Equador. A Corporação de Fomento vai conceder um empréstimo de dois milhões de Sucres (cêrca de $150.000) para o fomento da cultura de café, quantia que será administrada pelo Instituto Equatoriano de Café, província de Manabia. Êsse empréstimo é de 8 anos com juro de 6% por ano e será empregado, na sua totalidade, no desenvolvimento dos cafèzais. O Instituto concederá empréstimos aos pequenos lavradores de uns mil sucres por lote de 8.400 metros quadrados. Os empréstimos máximos dessa natureza serão de 20.000 sucres".

Colômbia: Segundo informa o boletim de George Gordon Paton & Co., desta cidade, a Embaixada dos Estados Unidos em Bogotá diz que a safra exportável de 1949/50 deverá subir a uns 5.250.000 sacas. No período de 11 meses compreendido de 1.º de Julho de 1949 a 31 de Maio de 1950, as exportações subiram a 4.389.195 sacas. Calculando as exportações de Junho último em 250.000 sacas, as exportações totais do ano subirão a 4.639.195 sacas, ou seja, 610.805 sacas menos do que a estimativa da produção exportável".

ESTADOS UNIDOS

O Sub-comitê Gillette: Da revista local "Tea and Coffee", edição de Julho, reproduzimos a seguinte nota editorial: "A Administração de Cooperação Econômica ignora as recomendações do Sub-comitê Gillette. Uma das primeiras agências do Govêrno dos Estados Unidos que deixaram constado seu protesto indireto contra o relatório do Sub-comitê Gillette, foi a Administração de Cooperação Econômica (ECA), a qual autorizou a 15 de Junho uma verba de $400.000 para a compra de café brasileiro destinado à Grécia, não obstante a recomendação N.º 15 do referido relatório que diz: "Que a Administração de Cooperação Econômica negue, no futuro, autorização de dólares para a compra de café". Tais compras têm pouco ou nenhum efeito no mercado de café, dos Estados Unidos ou no nível dos preços.

O café destinado à Grécia é de tipo inferior ao importado, normalmente, para consumo neste país".

CAFÉS COLONIAIS

África Ocidental Francesa: Calcula-se oficialmente em 750.000 sacas a produção da safra 1949/50, segundo os dados do Consulado Geral dos Estados Unidos em Dakar, publicados na revista "Foreign Crops & Markets. Esta revista informa que além daquela cifra há ainda certas quantidades de café não registradas provenientes de plantações isoladas, as quais são calculadas, no seu total, em umas 125.000 sacas. Tendo isso em conta, estima-se que o total ad safra 1949/50 na África Ocidental Francesa seja de umas 875.000 sacas. Como o consumo doméstico atinge umas 35.000 sacas anuais, essa safra deverá proporcionar uma exportação de cêrca de 840.000 sacas. Embora esta cifra seja bastante inferior à produção exportável de 1948/49, a qual foi de 960.000 sacas, é contudo maior que a média dos primeiros anos do após-guerra (1945/46 a 1948/49) que foi de umas .. 825.000 sacas e 4 vezes superior à média anual da época anterior à guerra .... (1935/36 a 1939/40) a qual era de 210.000 sacas.

Segundo informa a referida revista, as exportações de café da África Ocidental Francesa, foram em 1949 de 1.060.000 sacas, o que marca uma cifra "record" na história daquela colónia africana. Essa cifra é de comparar-se com as cifras das exportações anteriores:

1948	.....	940.000	sacas
1947	.....	735.000	"
1939	.....	310.000	"

As exportações da África Ocidental Francesa, segundo refere aquela revista, tinham que ser limitadas ao território metropolitano e às outras colónias francesas por lei que expirou a 15 de Fevereiro de 1950. A partir dessa data, porém, as exportações de café ficaram fora do contrôle do Govêrno da Metrópole e os lavradores daquela colónia buscam, agora, outros mercados para o seu café. Durante o primeiro trimestre dêste ano, foram exportadas para os Estados Unidos umas 85.000 sacas de café daquela origem. A superfície total sob cultura na África Ocidental Francesa é aproximadamente de 425.000 acres, dos quais 50.000 acres representam plantações de europeus e o resto, ou sejam 375.000 acres correspondem a cafèzais dos aborígenes. Mais de 90% do café alí produzido é cultivado na Costa do Marfim e o resto em Dahomey e na Guiné Francesa.

A revista "Foreign Crops & Markets" onde colhemos estas informações, acrescenta que embora sejam cultivadas alí muitas variedades de café, cêrca de 80% das exportações são do tipo Robusta. As outras variedades, por ordem de sua importância, são: Arábica, Kouilou e Assiskasso. Neste momento os lavradores locais estão tomando várias medidas para aperfeiçoar a cultura do café na África Francesa. Em Bingerville, na Costa do Marfim, há uma Estação Experimental onde são conduzidos estudos práticos sôbre o aperfeiçoamento da cafeicultura. Segundo informa a referida revista, as experiências alí realizadas com umas 70 variedades de café deverão melhorar o endimento dos cafèzais e a qualidade do produto.

Congo Belga: Da revista "Foreign Crops & Markets", de 10 do corrente, transcrevemos o seguinte sôbre o café no Congo Belga: "Em 1949 a produção de café nesta colónia aumentou cêrca de 7% e as exportações foram 4% maiores com um valor de 13% superior às de 1948. A produção exportável aumentou de 500.000 sacas em 1948 para 535.000 sacas em 1949, ao passo que as exportações subiram

de 500.000 sacas (avaliadas em $11.500.000) em 1948 para 520.000 sacas (avaliadas em $13.000.000) em 1949. Antes da guerra (1935-1939) a média anual da produção exportável era ùnicamente de 300.000 sacas.

"O Congo Belga, incluindo o território sob mandato de Ruanda-Urundi, produziu um total de 535.000 sacas de café exportável em 1949. A superfície sob cultura é de uns 170.000 acres com uns 75.000.000 de árvores produtoras. Esse total inclue 335.000 sacas de Robusta produzidas em uns 100.000 acres com 40.000.000 de árvores e 200.000 sacas de Arábica produzidas em uns 70.000 acres com 35.000.000 de árvores produzindo. Bélgica, Estados Unidos, Inglaterra, União Sul-Africana e o Sudão Anglo-Egípcio foram os principais mercados importadores para o café do Congo Belga. O principal mercado para o café Arábica foi os Estados Unidos os quais importaram daquela colónia 141.000 sacas de Arábica. Êste país apenas importou daquela colónia 1.000 sacas de café Robusta".

EUROPA

Importação de Café na Holanda: Durante Maio último êste país importou .. 40.003 sacas, comparado com 36.616 sacas importadas durante o mesmo mês do ano passado. Durante os primeiros cinco meses dêste ano a Holanda importou .. 232.195 sacas ou 50% mais do que importou durante o mesmo período do ano passado:

País de Origem	Maio de 1950	Jan./Maio 1950	Jan./Maio 1949
Brasil	13.453	100.717	48.548
Angola	8.097	69.177	69.447
Congo Belga	12.636	35.856	9.591
Indonésia	699	7.856	7.635
República Dominicana	1.145	5.372	2.298
Colômbia	307	4.158	——
Costa Rica	972	2.603	——
Índia	721	1.494	——
Nicarágua	766	891	——
Maláia Inglesa	333	751	——
Portugal	——	717	——
Bélgica-Luxemburgo	50	598	10.628
Guatemala	372	587	——
Timor Português	——	466	——
Tanganyika	332	332	——
Haití	——	194	860
Etiópia	——	167	——
Kênia e Uganda	——	166	677
Alemanha Ocidental	51	51	——
México	34	45	——
Venezuela	33	33	500
Liberia	1	1	——
TOTAL	40.003	232.195	154.741 (*)

(*) Inclue: 4.130 de Trinidad e Tobago; 303 de O Salvador; 118 de Suiça e 6 de Surinam.

N.º 682 CARTA SEMANAL DO MERCADO 21 de Julho de 1950

SITUAÇÃO GERAL: Os acontecimentos políticos bem como as notícias da Coréia influiram decididamente sôbre todos os mercados do país. O curso mais favorável das operações de guerra no Extrêmo Oriente, durante a semana em revista, imprimiram um tom mais optimístico no Bolsa de Valores, cujas cotações melhoraram sensìvelmente. Por outro lado, a preocupação crescente sôbre a possibilidade do Presidente Truman pedir ao Congresso vastas medidas de contrôle sôbre a distribuição de matérias primas "estratégicas", contrôles sôbre os preços e racionamento, contribuiu para deprimir os mercados de produtos naturais durante os primeiros dias da semana. Mas ao ser conhecido o texto da mensagem presidencial, cujas recomendações não era tão drásticas como se esperava, aquele movimento baixista parou e, para o fim da semana, os preços daqueles produtos reagiram apreciàvelmente.

Deve-se observar, contudo, que êste novo ambiente de optimismo coexiste com um plano de mobilização parcial e uma política de rearmamento cujas consequências ainda não se podem medir. Por consequência seria lógico pensar que, para o futuro, os mercados continuarão sujeitos a grandes oscilações, refletindo inevitàvelmente o noticiário de guerra na Coréia bem como o efeito dessas notícias na política nacional.

Segundo informa a imprensa, o público está comprando nas lojas artigos em maiores quantidades do que necessita para satisfazer o consumo normal. Êste tipo de açambarcamento por parte do público, se bem que de caráter esporádico, tomou, porém, certo impulso nos últimos dias, a tal ponto que o Presidente Truman julgou necessário censurá-lo em termos enérgicos no discurso que dirigiu à nação na quarta-feira passada.

De acôrdo com as notícias do exterior, essa mesma atitude é presenciada em vários países europeus e já deu lugar a um aumento de interêsse dos importadores estrangeiros por artigos dêste Hemisfério, principalmente, produtos dos Estados Unidos. Embora êsse fato sirva de estímulo momentâneo para os mercados em consequência de uma procura maior, não se deve perder de vista, porém, que uma tal situação poderá provocar, mais tarde, uma redução nessa procura motivada pelas compras em excesso agora feitas pelo público.

MERCADO DO CAFÉ: O avanço salutar dos preços do café brasileiro quer na Bolsa local quer no mercado do grão, é um acontecimento histórico de grande significado, de vez que coloca as cotações do produto ao nível máximo jamais atingido neste século. E, ao contrário do fenômeno ocorrido em Outubro-Novembro de 1949, a arrancada dos preços aqui foi, desta vez, muito mais pronunciada do que no Brasil, fato que deve servir para demonstrar, inequivocamente, a forte e consistente procura de café nos mercados exteriores.

Por exemplo, a posição de Julho no têrmo atingiu, na terça-feira, a cotação máxima de 58,65 c/ ao passo que nos disponíveis locais o tipo Santos 4 chegou a vender-se a 57 c/ por lb., em transações reduzidas. Na base F.O.B. êsse mesmo tipo era cotado a uma média de 54 c/ por libra. Nesse mesmo dia, porém, as cotações no têrmo sofreram, durante a sessão da tarde, uma queda brusca de 200 pontos (o limite permissível do dia) e na quarta-feira observou-se outra baixa igual. Ontem, contudo, e em consonância com a firmeza dos demais mercados do país, aquela baixa no têrmo foi eliminada e, ao fechar da Bolsa, as cotações acusavam alta de 50 pontos.

Não obstante tais oscilações, de uma amplitude de quase 500 pontos segundo o quadro estatístico anexo sôbre as cotações na Bolsa de Café de Nova York, os preços ali mostram, em comparação com os da semana passada, avanços de 105 a 255 pontos nas posições mais distantes. O volume de operações foi o mais alto registrado desde há muitos anos, havendo atingido um total de 1.873 lotes. O movimento de liquidações aumentou sensivelmente, fenômeno que não é de estranhar à vista dos altos preços e dos lucros substanciais que essas liquidações representam para aqueles que haviam comprado antes da subida extraordinária do mercado.

No Contrato "S" a posição aberta era, esta manhã, de 2.377 lotes em comparação com 2.595 na sexta-feira passada e no Contrato "D" era de 43 lotes contra 61 respectivamente.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: Devido às fortes oscilações da semana, a procura por parte dos torradores foi esporádica e menos ampla do que na semana passada. Como o mercado continua num ambiente de certa instabilidade, torna-se pràticamente impossível estabelecer níveis gerais de preços. A título puramente informativo, poder-se-á dar os seguintes preços: cafés brasileiros, na base F.O.B., mencionam-se preços de 51,75 c/ até 52,50 c/ para Santos 4; ao passo que os colombianos, para embarque imediato, parecem oscilar de 54 c/ a 54½ c/. Segundo se ouve dizer nesta praça, o volume de compras por parte dos torradores, durante êstes últimos dias, foi substancial e por isso êles poderão manter-se um tanto afastados do mercado até que existam sinais mais definidos de estabilidade. Não é provável, contudo, que os importadores locais possam manter-se afastados do mercado por muito tempo, se é que na realidade o possam fazer, de vez que se aproxima o outono neste país, quando o consumo aumenta e o qual culmina nos meses de inverno.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Estados Unidos	Dados Semanais — Destinos Principais — Europa	Outros	Total
BRASIL*	15-7-1950	304.000	47.000	16.000	367.000
	8-7-1950	163.000	27.000	29.000	219.000
	16-7-1949	186.000	107.000	74.000	367.000
COLÔMBIA**	15-7-1950	138.910	——	10.557	149.467
	8-7-1950	41.231	1.059	3.521	45.811
	16-7-1949	79.700	291	2.120	82.111

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas findas em: 15-7-1950	8-7-1950	16-7-1949
BRASIL*	Santos	1.596.000	1.591.000	2.094.000
	Rio	690.000	654.000	542.000
	Vitória	93.000	75.000	31.000
	Paranaguá	72.000	79.000	52.000
	Pernambuco	14.000	11.000	20.000
	Bahia	29.000	30.000	58.000
	Angra dos Reis	1.000	1.000	8.000
	TOTAL	**2.495.000**	**2.441.000**	**2.805.000**

COLÔMBIA**	Barranquilla	195.618	193.628	165.006
	Cartagena	104.496	101.461	68.547
	Buenaventura	120.629	170.470	102.822
	Cucuta	98.332	98.051	54.125
	TOTAL	519.075	563.610	390.500

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK:*

Países de origem (sacas de pesos diferentes)

Semana de:	Brasil	Colômbia	Outros	Total
15-7-1950	27.203	123.168	70.045	220.416
8-7-1950	32.485	127.866	74.740	235.091
16-7-1949	63.039	176.782	51.667	291.488

(*) Dados da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York.
(**) Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia.

Nota: Devido aos trabalhos com a preparação dos documentos sôbre o Sub-comitê Gillette, não nos foi possível redigir, esta manhã, a seção habitual "O Café Através da Imprensa".

Escritório Pan-Americano do Café — **Quadro Estatístico — N.º 1535**

BOLSA DO CAFÉ E AÇÚCAR DE NOVA YORK

(Preços nos E. U. em cents. por libra peso)

CONTRATO "S" SANTOS	Fech. 13-7-50	Máxi.	Mín.	Fech. 20-7-50	Var.	Vendas
Julho	53.50	58.65	54.25	54.60	+1.10	61
Setembro	50.75	55.60	51.25	51.80	+1.05	478
Dezembro	48.10	53.35	48.85	49.40	+1.30	413
Março	45.77	51.77	46.40	47.90	+2.13	205
Maio	44.37	50.37	45.10	46.60	+2.23	413
Julho	43.00	49.00	44.00	45.55	+2.55	271
CONTRATO "D" SANTOS						
Julho	53.15	——	——	54.20	+1.05	—
Setembro	50.40	53.10	50.50	51.30	+0.90	30
Dezembro	47.65	51.51	51.51	49.10	+1.45	2

VENDAS*

Semanas terminadas em:	Contrato "S"	Contrato "D"	Total
20-7-50	1,841	32	1,873
13-7-50	1,559	20	1,579

(*) Em lotes de 250 sacas.

PREÇO DO CAFÉ NO MERCADO DE NOVA YORK, NAS SEMANAS TERMINADAS EM 20 DE JULHO DE 1950

	Semanas terminadas em:		
	20-7-50	13-7-50	Var.
BRASIL			
Santos tipo 2	56.00	54.50	+1.50
Santos tipo 4	55.00	53.50	+1.50
Minas Gerais	(*)	(*)	
Bahia	(*)	(*)	
Rio tipo 7	39.00	38.00	+1.00
Vitória 7/8	38.00	37.00	+1.00
COLÔMBIA			
Medellin	55.00	54.75	+0.25
Armenia	55.00	54.75	+0.25
Manizales	54.75	54.65	+0.10
Girardot	54.65	54.50	+0.15
COSTA RICA			
Tipo fino	55.50	55.50	—
Lav. tipo baixo	53.00	53.00	—
REP. DOMINICANA			
Lavado	54.00	52.00	+2.00
Natural	47.00	46.50	+0.50
EQUADOR			
Natural	47.00	47.00	—
EL SALVADOR			
Lav. tipo fino	55.00	54.00	+1.00
Natural	48.00	48.00	—

	Semanas terminadas em:		
	20-7-50	13-7-50	Var.
GUATEMALA			
Bom lavado	53.50	52.00	+1.50
Bourbon	52.50	51.50	+1.00
HAITÍ			
Lavado	54.00	52.00	+2.00
Natural (taim)	48.00	48.50	+0.50
MÊXICO (Lavado)			
Coatepec	55.00	54.00	+1.00
Tapachula	54.00	53.50	+0.50
NICARÁGUA			
Lavado	54.00	53.00	+1.00
VENEZUELA			
Tachira lav.	55.00	54.00	+1.00
Tachira nat.	48.00	49.00	—1.00
Trujillo	(*)	(*)	
ROBUSTA			
Natural	44.00	43.50	+0.50
PORT. W. ÁFRICA			
Amboin	44.50	43.50	+1.00
Ambriz	43.50	42.25	+1.25
MOCHA	55.00	54.00	+1.00

(*) Não cotado.

NOTA: Mercado forte, altamente irregular durante a semana.

NOVOS CONTRATOS DE CAFÉ EM NOVA YORK

Os membros da Bolsa de Café e Açúcar, de Nova York, em assembléia geral, ratificaram o estabelecimento de dois novos contratos para negócios do café, e modificações nos estatutos do órgão. Os contratos, que serão identificados pelas letras "H" e "U" substituirão os antigos contratos "D" e "S". As primeiras transações relativas ao contrato "U" serão realizadas no dia 5 de Setembro próximo, para entrega em Dezembro e posteriormente. O contrato "H" será para entrega em Setembro de 1951 e posteriormente. As entregas no contrato "U" incluirão 32.500 libras-peso de café em sacas do tamanho comercial, procedentes de Santos, Rio de Janeiro e outros portos centro e sul-americanos. Os tipos básicos estarão de acôrdo com o tipo 4, que servia de norma, anteriormente. O contrato "U" permitirá entregas do número 2 ao número 6, com desconto de 100 pontos, enquanto no contrato "S", atualmente em vigor, se permite entrega de 2 a 5, com desconto de 50 pontos. O contrato "U" é, assim, mais elástico do que o atual Contrato "S", no sentido de que permite transações com o café para entregas futuras desde o seu embarque nos diversos portos brasileiros, bem como o de procedência de outros países, tal como a Colômbia. Quanto ao novo Contrato "H", fixa as taxas de prêmio e de desconto para as diversas qualidades de café transacionados nas operações a têrmo.

Estatìstica

COMÉRCIO EXTERIOR DO BRASIL

IMPORTAÇÃO

RESUMO POR GRANDES CLASSES — 1949-1950

Janeiro a Maio

GRANDES CLASSES	1949	1950	+ ou — em 1950
	Quantidade (ton.)		
Classe I — Animais vivos	143	1	— 142
Classe II — Matérias primas	677.897	625.182	— 52.715
Classe III — Gêneros alimentícios	638.912	452.020	— 186.892
Classe IV — Manufaturas	9.114	8.210	— 934
Total	1.326.096	1.085.413	— 240.683
	Valor (Cr$ 1.000)		
Classe I — Animais vivos	1.043	26	— 1.017
Classe II — Matérias primas	2.261.410	1.748.996	— 512.414
Classe III — Gêneros alimentícios	4.265.944	5.308.213	+ 1.042.269
Classe IV — Manufaturas	98.914	185.636	+ 86.722
Total	6.627.311	7.242.871	+ 615.560
	Valor médio (Cr$)		
Classe I — Animais vivos	7.314	53.608	+ 46.294
Classe II — Matérias primas	3.336	2.798	— 538
Classe III — Gêneros alimentícios	6.677	11.743	+ 5.066
Classe IV — Manufaturas	10.818	22.609	+ 11.791
Total	4.998	6.673	+ 1.675

EXPORTAÇÃO DE ALGODÃO EM RAMA, CAFÉ EM GRÃO E TECIDOS DE ALGODÃO — 1949-1950

Janeiro e Maio

MERCADORIAS	1949	1950	+ ou — em 1950
	Quantidade (t)		
Algodão em rama	42.675	29.486	— 13.189
Tecidos de algodão	540	1.053	+ 513
Café em grão	6.721.659	4.554.062	— 2.167.597
	Valor (Cr$ 1.000)		
Algodão em rama	625.343	394.533	— 230.810
Tecidos de algodão	32.551	127.649	+ 95.098
Café em grão	3.521.522	4.449.261	+ 927.739
	Valor médio (Cr$)		
Algodão em rama	14.654	13.380	— 1.274
Tecidos de algodão	60.309	121.218	+ 60.909
Café em grão	524	977	+ 453

1) RESUMO DA EXPORTAÇÃO POR PRINCIPAIS PRODUTOS — 1950

a) Quantidade e Valor

Janeiro a Maio

PRINCIPAIS PRODUTOS	Quantidade (ton.)	Valor (Cr$ 1.000)	% do total	
			Volume	Valor
Café em grão (4.554.062 sacas) ...	273.244	4.449.262	25,17	61,43
Cacau em amêndoas	60.624	548.293	5,59	7,57
Algodão em rama	29.486	394.333	2,72	5,45
Peles e couros	16.322	182.269	1,50	2,52
Cêra de carnaúba	5.331	172.214	0,49	2,38
Pinho	109.984	138.580	10,13	1,91
Tecidos de algodão	1.053	127.649	0,10	1,76
Fumo	11.864	127.524	1,09	1,76
Mamona,-palma-cristi ou rícino ..	42.951	89.849	3,96	1,24
Fibras de sisal ou agave	17.796	89.440	1,64	1,23
Outros produtos	516.758	923.518	47,61	12,75
Total	1.085.413	7.242.871	100,00	100,00

b) Variações relativas ao ano anterior

Janeiro a Maio

PRINCIPAIS PRODUTOS	+ ou — em 1950			
	Números absolutos		%	
	(ton.)	(Cr$ 1.000)	Volume	Valor
Café em grão	— 130.056	+ 927.740	— 32,25	+ 26,34
Cacáu em amêndoas	+ 24.304	+ 308.429	+ 66,92	+ 128,62
Algodão em rama	— 13.189	— 230.810	— 30,91	— 36,91
Peles e couros	— 8.948	— 122.027	— 35,41	— 40,10
Cêra de carnaúba	+ 429	+ 28.565	+ 8,75	+ 19,89
Pinho	— 6.510	— 46.380	— 5,59	— 25,08
Tecidos de algodão	+ 513	+ 95.098	+ 95,00	+ 292,15
Fumo	— 3.192	— 930	— 21,20	— 0,72
Mamona-palma-cristi ou rícino ...	— 7.695	— 16.034	— 15,19	— 16,75
Fibras de sisal ou agave	+ 6.182	+ 31.200	+ 53,23	+ 53,57
Outros produtos	— 102.521	— 357.291	— 16,55	— 27,90
Total	— 240.683	+ 615.560	+ 18,15	+ 9,29

c) Valor Médio
Janeiro e Maio

PRINCIPAIS PRODUTOS	Unidade	Valor médio (Cr$)		+ ou — em 1950	
		1949	1950	Números absolutos	%
Café em grão	saca	524	977	+ 453	+ 36,45
Cacáu em amêndoas	ton.	6.602	9.043	+ 2.441	+ 36,97
Algodão em rama	ton.	14.654	13.380	— 1.274	— 8,69
Peles e couros	ton.	12.042	11.167	— 875	— 7,27
Cêra de carnaúba	ton.	29.306	32.302	+ 2.996	+ 10,22
Pinho	ton.	1.588	1.260	— 328	— 20,65
Tecidos de Algodão	ton.	60.309	121.218	+60.909	+ 100,99
Fumo	ton.	8.552	10.749	+ 2.197	+ 25,69
Mamona palma-crista ou rícino	ton.	2.126	2.087	— 39	— 1,83
Fibra de sisal ou agave	ton.	5.015	5.026	+ 11	+ 0,22
Outros produtos	ton.	2.068	1.787	— 281	— 13,59
Total	ton.	4.998	6.673	+ 1.675	+ 33,51

II) — RESUMO DA EXPORTAÇÃO POR PRINCIPAIS PAÍSES DE 1950

a) Quantidade e Valor
Janeiro a Maio

PRINCIPAIS PAÍSES	Quantidade (toneladas)	Valor (Cr$ 1.000)	%	
			Volume	Valor
ÁFRICA	12.713	97.785	1,17	1,35
AMÉRICA	738.346	4.705.957	68,02	64,98
Argentina	131.921	525.435	12,15	7,26
Canadá	26.661	110.626	2,45	1,53
Chile	8.914	80.211	0,82	1,11
Estados Unidos	517.294	3.869.414	47,66	53,42
Uruguai	46.163	78.077	4,25	1,08
Outros países	7.393	42.194	0,69	0,58
ÁSIA	6.912	66.294	0,64	0,94
EUROPA	319.096	2.296.218	29,40	31,70
Alemanha	12.479	85.494	1,15	1,18
Dinamarca	12.102	138.032	1,12	1,90
Espanha	29.075	158.445	2,68	2,19
França	25.246	318.071	2,33	4,39
Grã-Bretanha	104.731	648.103	9,65	8,95
Holanda	49.069	92.954	4,52	1,28
Itália	6.537	123.656	0,88	1,71
Suécia	16.905	196.088	1,56	2,71
União Belgo-Luxemburguesa	27.585	189.575	2,54	2,62
Outros países	32.367	345.800	2,97	4,77
OCEANIA	8.346	74.617	0,77	1,03
Total	1.085.413	7.242.871	100,00	100,00

b) Variações relativas ao ano anterior
Janeiro a Maio

PRINCIPAIS PAÍSES	+ ou — em 1950			
	Números absolutos		%	
	(ton.)	(Cr$ 1.000)	Volume	Valor
ÁFRICA	— 11.235	— 23.507	— 46,91	— 19,38
AMÉRICA	— 134.013	+ 772.305	— 15,36	+ 19,68
Argentina	— 58.880	+ 212.976	— 30,86	+ 68,16
Canadá	+ 9.235	+ 4.093	+ 52,96	+ 3,84
Chile	— 1.240	+ 13.758	— 12,21	+ 20,70
Estados Unidos	— 92.330	+ 580.567	— 15,15	+ 17,65
Uruguai	+ 6.467	— 26.814	+ 16,29	— 25,56
Outros países	+ 2.735	— 12.275	+ 58,72	— 22,54
ÁSIA	— 19.768	— 85.190	— 74,09	— 55,50
EUROPA	— 74.445	— 74.330	— 13,92	— 3,14
Alemanha	— 29.268	— 131.743	— 70,11	— 60,64
Dinamarca	— 21.104	+ 43.556	— 63,55	+ 46,10
Espanha	+ 16.029	+ 17.491	+ 122,87	+ 12,41
França	— 1.277	+ 145.715	— 4,81	+ 84,54
Grã-Bretanha	+ 46.168	+ 328.138	+ 78,83	+ 102,55
Holanda	+ 2.503	— 28.920	+ 5,38	— 23,73
Itália	— 17.289	— 106.514	— 64,45	— 46,28
Suécia	— 3.878	— 45.446	— 18,66	— 18,82
União Belgo-Luxemburguesa	— 37.904	— 129.287	— 57,88	— 40,55
Outros países	— 28.425	— 167.320	— 46,76	— 32,61
OCEANIA	— 1.222	+ 26.282	— 12,77	+ 54,37
Total Geral	— 240.683	+ 615.560	— 18,15	+ 9,20

III) — RESUMO DA IMPORTAÇÃO POR PRINCIPAIS UNIDADES FEDERADAS — 1950

a) Quantidade e Valor
Janeiro a Maio

UNIDADES FEDERADAS	Quantidade	Valor	%	
	(t)	(Cr$ 1.000)	Volume	Valor
São Paulo	313.712	3.559.449	28,90	49,14
Distrito Federal	189.893	1.134.018	17,50	15,66
Bahia	108.660	810.773	10,01	11,19
Paraná	61.812	490.966	5,69	6,78
Espírito Santo	174.021	200.609	16,03	2,77
Rio Grande do Sul	86.953	246.235	8,01	3,40
Outras unidades	150.362	800.821	13,86	11,06
Brasil	1.085.413	7.242.871	100,00	100,00

III) — RESUMO DA IMPORTAÇÃO POR PRINCIPAIS UNIDADES FEDERADAS — 1950

b) Variações relativas ao ano anterior
Janeiro a Maio

UNIDADES FEDERADAS	+ ou — em 1950			
	Números absolutos		%	
	Toneladas	Cr$1.000,00	Volume	Valor
São Paulo	— 133.800	+ 95.282	— 29,90	+ 2,75
Distrito Federal	— 82.099	+ 145.838	— 30,18	+ 14,76
Bahia	+ 21.441	+ 315.601	+ 24,58	+ 63,74
Paraná	— 28.874	+ 97.588	— 31,84	+ 24,81
Espírito Santo	+ 33.505	+ 132.899	+ 23,84	+ 196,28
Rio Grande do Sul	— 983	— 132.652	— 1,12	— 35,01
Outras unidades	— 49.873	— 38.996	— 24,91	— 4,64
Brasil	— 240.683	+ 615.560	— 18,15	+ 9,29

— O **CAFÉ** colhido no pano facilita o trabalho para a obtenção de um produto de qualidade.

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

JULHO DE 1950

Pôrto de embarque	Exterior	Consumo de Bordo	Cabotagem	Total
JULHO DE 1950:				
Santos	1 159 669	270	120	1 160 059
Rio de Janeiro	237 642	140	3 360	241 142
Vitória	51 794	—	43 828	95 622
Paranaguá	51 291	—	578	51 869
Angra dos Reis	3 892	—	—	3 892
Salvador	1 741	2	2 525	4 268
Recife	610	—	130	740
Total	**1 506 639**	**412**	**50 541**	**1 557 592**
Junho	1 115 730	447	38 109	1 154 286
Maio	843 622	355	30 170	874 147
Abril	756 129	247	25 918	782 294
Março	1 189 805	296	29 286	1 219 387
Fevereiro	720 666	190	16 753	737 609
Janeiro	1 043 840	389	24 125	1 068 354
Total de Janeiro a Junho:	**7 176.431**	**2 336**	**214 902**	**7 393 669**

NOTA: Julho cifras sujeitas a retificação.

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

Detalhe pelos portos de procedência

MAIO DE 1950

PAÍSES DE DESTINO	Portos de procedência	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
ÁFRICA:			
ARGÉLIA:			
Argel	Rio de Janeiro.	2 943	2 109 725
CANÁRIAS:			
Santa Cruz de Tenerife	Vitória	1 666	1 202 175
SUDÃO ANGLO-EGÍPCIO:			
Pôrto Sudão	Rio de Janeiro.	2 941	1 841 939
SUDOESTE AFRICANO:			
Luderitz Bay	Rio de Janeiro.	75	59 278
Walvis Bay	Rio de Janeiro.	168	134 806
TÂNGER:	Rio de Janeiro.	650	481 207
UNIÃO SUL AFRICANA:			
Cape Town	Santos	842	878 160
	Rio de Janeiro.	3 974	3 065 135
Durban	Santos	1 885	1 861 970
	Rio de Janeiro.	4 047	3 121 998
East London	Rio de Janeiro.	600	440 457
Mossel Bay	Rio de Janeiro.	626	483 618
Port Elizabeth	Santos	100	111 749
	Rio de Janeiro.	1 365	1 027 528
AMÉRICA DO NORTE:			
CANADÁ:			
Montreal	Santos	7 200	7 615 966
Saint John	Santos	550	592 132
Toronto	Santos	2 050	2 186 769
Vancouver	Santos	3 350	3 606 675
	Paranaguá	425	459 674
Winnipeg	Santos	300	312 094
	Rio de Janeiro.	500	564 082
ESTADOS UNIDOS:			
Baltimore	Santos	52 411	55 749 899
	Paranaguá	250	258 567
Boston	Santos	23 465	24 814 584
	Rio de Janeiro.	197	214 855
	Paranaguá	6 750	7 035 471

PAÍSES DE DESTINO	Portos de procedência	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
Camden	Santos	1 000	1 034 266
Corpus Christi	Santos	2 000	1 987 025
Filadélfia	Santos	8 350	8 887 475
Houston	Santos	16 675	16 567 586
	Rio de Janeiro	750	580 641
Jacksonville	Santos	33 750	36 087 481
Los Ângeles	Santos	4 625	4 903 594
	Rio de Janeiro.	500	357 252
	Paranaguá	4 500	4 691 008
New Orleans	Santos	103 '57	109 277 832
	Rio de Janeiro.	22 431	16 369 581
	Vitória	2 750	1 774 151
	Angra dos Reis	2 500	2 709 505
	Paranaguá	14 616	14 614 500
	Recife	5 400	4 906 974
New York	Santos	136 977	143 428 457
	Rio de Janeiro.	10 567	8 187 668
	Angra dos Reis	1 500	1 544 867
	Paranaguá	28 972	29 678 438
	Recife	750	688 552
Norfolk	Santos	3.800	3.939.376
	Vitória	250	167 660
Portland, Oregon	Santos	1 733	1 865 391
São Francisco	Santos	2 125	2 325 044
	Rio de Janeiro.	350	250 076
	Paranaguá	954	968 524
Seattle	Santos	1 500	1 567 777
	Paranaguá	250	257 667
	Recife	250	221 921
AMÉRICA DO SUL:			
ARGENTINA:	Santos	3 871	4 208 725
	Rio de Janeiro.	19 840	15 797 893
Buenos Aires	Vitória	14 579	10 788 200
	Angra dos Reis	1 000	1 155 000
Rosário	Rio de Janeiro.	3 484	2 596 584
	Vitória	300	210 000
CHILE:			
Antofagasta	Rio de Janeiro	46	39 175
	Vitória	57	41 068
Coquimbo	Vitória	19	13 550
Corral	Vitória	372	256 401

PAÍSES DE DESTINO	Portos de procedência	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
Punta Arenas	Rio de Janeiro.	345	270 448
	Vitória	1 012	744 022
Talcahuano	Vitória	2 831	1 970 289
Valparaiso	Rio de Janeiro.	2 756	2 052 661
	Vitória	5 315	3 659 203
PARAGUAI: Assunção	Rio de Janeiro.	250	199 888
URUGUAI: Montevidéu	Rio de Janeiro.	696	538 211
ÁSIA:			
ADEN:	Rio de Janeiro.	847	661 415
FILIPINAS:			
Manila	Vitória	940	632 268
TRANSJORDÂNIA:			
via Beirute	Rio de Janeiro.	833	648 189
EUROPA:			
ALEMANHA: Hamburgo	Santos	4 682	5 318 209
	Rio de Janeiro.	1 392	1 064 479
BELGO-LUXEMBURGUESA, U.E.:			
Antuérpia	Santos	6 648	7 372 183
	Rio de Janeiro.	18 166	14 141 236
	Vitória	1 750	1 400 678
DINAMARCA: Copenhague	Santos	25 125	24 500 486
FINLÂNDIA: Helsinki	Rio de Janeiro	20 247	8 038 221
FRANÇA:			
Bordeaux	Santos	100	102 060
Havre	Santos	13 000	13 254 332
Marselha	Santos	1 350	1 380 960
	Rio de Janeiro.	8 937	6 782 633
GIBRALTAR:	Santos	1 000	1 195 587
	Rio de Janeiro.	3 860	2 955 161
GRÃ-BRETANHA:			
Liverpool	Santos	14 750	15 632 007
Londres	Santos	49 500	51 967 231
GRÉCIA: Pireus	Rio de Janeiro	8 333	6 236 320
HOLANDA:			
Amsterdam	Rio de Janeiro.	2 621	1 498 716
IRLANDA: Dublin	Vitória	63	47 656

PAÍSES DE DESTINO	Portos de procedência	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
ISLÂNDIA: Reykjavik	Rio de Janeiro.	379	307 397
ITÁLIA:			
Cagliari	Rio de Janeiro.	300	278 457
Catânia	Santos	313	393 083
	Rio de Janeiro.	313	231 263
Gênova	Santos	1 226	1 436 505
	Rio de Janeiro.	1 475	1 431 163
	Bahia	201	186 189
	Recife	50	46 470
Livorno	Rio de Janeiro.	125	92 222
Nápoles	Santos	125	142 757
	Rio de Janeiro.	250	198 504
Palermo	Rio de Janeiro.	188	139 394
NORUEGA:			
Bergen	Santos	3 000	3 006 000
Oslo	Santos	17 500	17 343 000
	Rio de Janeiro.	300	234 000
Stavanger	Santos	1 000	990 000
Trondhjem	Santos	1 500	1 485 000
SUÉCIA:			
Estocolmo	Santos	8 239	9 085 054
	Rio de Janeiro.	850	714 000
	Bahia	1 455	1 511 010
Gotemburgo	Santos	9 812	10 732 150
	Rio de Janeiro.	1 050	882 000
	Bahia	250	269 500
Helsingborg	Santos	3 830	4 108 722
Malmo	Santos	1 550	1 682 760
	Rio de Janeiro.	1 100	924 000
	Bahia	530	558 460
SUIÇA:			
via Amsterdam	Santos	1 500	1 641 466
	Rio de Janeiro.	1 000	749 904
	Bahia	561	514 467
via Gênova	Santos	250	300 513
via Rotterdam	Rio de Janeiro.	1 000	1 067 510
	Paranaguá ...	165	160 491
TCHECOSLOVÁQUIA:			
via Hamburgo	Santos	5 800	6 393 681
	Rio de Janeiro.	1 000	778 136

PAÍSES DE DESTINO	Portos de procedência	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
TRIESTE:	Rio de Janeiro.	666	387 797
TURQUIA EUROPÉIA:			
Stambul	Rio de Janeiro.	833	660 199
OCEANIA:			
AUSTRÁLIA:			
Adelaide	Rio de Janeiro.	85	68 183
	Vitória	136	107 765
Brisbane	Rio de Janeiro.	34	32 625
Melbourne	Rio de Janeiro.	85	69 984
	Vitória	67	52 596
TOTAL GERAL:	.....	**843 622**	**820 836 794**

— Adubar sàbiamente é manter a fertilidade da terra, que é o maior patrimônio do agricultor e do país.

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

Detalhe pelos países de destino

MAIO DE 1950

DESTINO	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
AFRICA:		
ARGÉLIA:		
Alger	2 943	2 109 725
CANÁRIAS:		
Santa Cruz do Tenerif	1 666	1 202 175
SUDÃO ANGLO-EGÍPCIO:		
Porto Sudão	2 941	1 841 939
SUDOESTE AFRICANO: Walvis Bay	**243**	**194 084**
Luderitz Bay	75	59 278
Walvis Bay	168	134 806
TÂNGER:	650	481 207
UNIÃO SUL AFRICANA:	**13 239**	**10 990 615**
Cape Town	4 816	3 943 295
Durban	5 732	4 983 968
East London	600	440 457
Mossel Bay	626	483 618
Port Elizabeth	1 465	1 139 277
AMÉRICA DO NORTE:		
CANADÁ:	**14 375**	**15 337 392**
Montreal	7 200	7 615 966
Saint John	550	592 132
Toronto	2 050	2 186 709
Vancouver	3 775	4 066 349
Winnipeg	800	876 176
ESTADOS UNIDOS:	**496 555**	**507 913 665**
Baltimore	52 661	56 008 466
Boston	30 412	32 064 910
Camden	1 000	1 034 266
Corpus Christi	2 000	1 987 025
Filadélfia	8 350	8 887 475
Houston	17 425	17 148 227
Jacksonville	33 750	36 087 481
Los Ângeles	9 625	9 951 854
New Orleans	151 354	149 652 543
New York	178 766	183 527 982
Norfolk	4 050	4 107 036
Portland	1 733	1 865 391
São Francisco	3 429	3 543 644
Seattle	2 000	2 047 365

DESTINO	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
AMÉRICA DO SUL:		
ARGENTINA:	**43 074**	**34 756 672**
Buenos Aires	39 290	31 949 818
Rosário	3 784	2 806 854
CHILE:	**12 753**	**9 046 817**
Antofagasta	103	80 243
Coquimbo	19	13 550
Corral	372	256 401
Punta Arenas	1 357	1 014 470
Talcahuano	2 831	1 970 289
Valparaiso	8 071	5 711 864
PARAGUAI: Assunção	250	199 888
URUGUAI: Montevideu	696	538 211
ÁSIA:		
ADEN:	847	661 415
FILIPINAS:	940	632 268
Manila		
TRANSJORDÂNIA: via Beirute	833	648 189
EUROPA:		
ALEMANHA: Hamburgo	6 074	6 382 688
BELGO-LUXEMBURGUESA, U.E.:		
Antuérpia	26 564	22 914 097
DINAMARCA: Copenhague	25 125	24 500 486
FINLÂNDIA: Helsinki	20 247	8 038 221
FRANÇA:	**23 387**	**21 519 985**
Havre	13 000	13 254 332
Marselha	10 287	8 163 593
Bordeaux	100	102 060
GIBRALTAR:	4 860	4 150 748
GRÃO-BRETANHA:	**64 250**	**67 599 238**
Liverpool	14 750	15 632 007
Londres	49 500	51 967 231
GRÉCIA: Pireus	8 333	6 236 320
HOLANDA:		
Amsterdam	2 621	1 498 716
IRLANDA: Dublin	63	47 656

DESTINO	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
ISLÂNDA: Reykjavik	379	307 397
ITÁLIA:	**4 566**	**4.576 007**
Cagliari	300	278 457
Catânia	626	624 346
Gênova	2 952	3 100 327
Livorno	125	92 222
Nápoles	375	341 261
Palermo	188	139 394
NORUEGA:	**23 300**	**23 058 000**
Bergen	3 000	3 006 000
Oslo	17 800	17 577 000
Stavanger	1 000	990 000
Trondjhem	1 500	1 485 000
SUÉCIA	**28 666**	**30 467 656**
Estocolmo	10 544	11 310 064
Gotemburgo	11 112	11 883 650
Helsingborg	3 830	4 108 722
Malmo	3 180	3 165 220
SUIÇA:	**4 476**	**4 434 351**
via Amsterdam	3 061	2 905 837
via Gênova	250	300 513
via Rotterdam	1 165	1 228 001
TCHECOSLOVÁQUIA: via Hamburgo	6 800	7 171 817
TRIESTE:	666	387 797
TURQUIA EUROPÉIA: Stambul	833	660 199
OCEANIA:		
AUSTRÁLIA:	**407**	**331 153**
Adelaide	221	175 948
Brisbane	34	32 625
Melbourne	152	122 580
TOTAL GERAL	**843 622**	**820 836 794**

CAFÉ DISPONÍVEL NOS PORTOS DE EXPORTAÇÃO DO BRASIL

1950	Santos	R. Janeiro	Vitória	Bahia	Paranaguá	A. dos Reis	Recife	Total
Janeiro	2 230 542	901 153	96 224	28 687	236 574	45 369	36 147	3 574 696
Fevereiro	2 162 134	893 747	92 039	28 710	194 438	42 737	37 486	3 451 291
Março	1 826 289	625 632	69 832	28 820	165 181	36 704	29 598	2 781 056
Abril	1 690 389	632 180	64 843	29 487	132 920	20 612	27 085	2 597 516
Maio	1 615 996	636 039	48 197	29 448	81 444	15 484	30 953	2 457 561
Junho	1 508 597	625 894	51 202	28 894	57 547	4 012	14 532	2 290 678
Julho	1 618 892	658 060	48 438	25 242	102 615	120	15 640	
JULHO:								
1949.....	2 146 203	513 627	29 114	56 086	104 190	2 000	20 485	2 871 705
1948.....	2 253 306	593 602	49 984	74 733	162 776	6 445	45 277	3 186 123
1947.....	2 116 402	673 354	52 925	95 187	156 042	19 743	86 302	3 199 955
1946.....	1 913 631	636 544	255 352	57 345	33 853	13 947	47 088	2 957 760

SUPLEMENTO ESTATÍSTICO

Ano XVI São Paulo, 3 de agôsto de 1950 N.º 295

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A SANTOS SAFRA 1.950/51
DADOS COLIGIDOS PELA SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

Estradas de Ferro	Junho	1.ª dezena Julho	2.ª dezena Julho	Total
Santos a Jundiaí	159 351	9 633	(*) 8 470	177 454
Sorocabana	41 491	24 356	48 015	113 862
Paulista	141 649	97 045	166 569	405 263
Mogiana	14 188	14 554	(*) 25 638	54 380
Araraquara	34 253	21 668	50 039	105 960
N. Brasil	50 732	22 901	45 683	119 316
C. Brasil	—	—	(*) —	—
Estradas de Rodagem	—	—	—	—
Total	**441 664**	**190 157**	**344 414**	**976 235**

NOTAS: — Os despachos nas EE. FF. acima incluem os das suas respectivas tributárias. (*) Não foram recebidos os dados da 2.ª dezena de julho das EE. FF. São Paulo e Minas, Itatibense, e Central do Brasil.

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A OUTROS PORTOS

Despachado	Rio de Janeiro		Angra dos Reis	Totais
	Ferroviário	Rodoviário		
Junho de 1950	5 121	—	—	5 121
1.ª dezena julho 50	8 424	—	—	8 424
2.ª dezena julho 50	24 445	—	—	24 445
Total	**37 990**	**—**	**—**	**37 990**

CAFÉS DE OUTROS ESTADOS DESPACHADOS COM DESTINO A SANTOS

Estados Produtores	Junho	1.ª dezena Julho	2.ª dezena Julho	Total
	1 000	—	—	1 000
Paraná	5 160	1 280	(*) 2 850	9 290
Minas Gerais	—	—	—	—
Mato Grosso	—	—	—	—
Goiás	1 540	—	—	1 540
Sta. Catarina (V. Marítima)				
Total	**7 700**	**1 280**	**2 850**	**11 830**

(*) — dados incompletos

MOVIMENTO DO CAFÉ DESTINADO A SANTOS

SAFRA 1949/50 — ATÉ 29 DE JULHO DE 1950

Paulista	Despachado	Liberado	Anulados D. Alterados	A Liberar
Anteriores	3 226 676	3 216 791	9 885	—
2.ª dez. agôsto 49	623 137	618 237	4 900	—
3.ª " " "	640 039	630 908	9 081	50
1.ª " setembro "	401 262	390 974	8 262	2 026
2.ª " " "	391 899	245 924	12 183	133 792
3.ª " " "	391 235	57 653	19 958	313 624
1.ª " outubro "	217 628	—	16 938	200 690
2.ª " " "	217 253	—	17 331	199 922
3.ª " " "	198 127	—	14 688	183 439
1.ª " novembro "	107 557	—	7 074	100 483
2.ª " " "	95 246	—	6 659	88 587
3.ª " " "	93 302	—	3 803	89 499
1.ª " dezembro "	51 736	—	1 824	49 912
2.ª " " "	42 400	—	2 133	40 267
3.ª " " "	49 089	—	3 390	45 699
1.ª " janeiro 50	24 869	—	412	24 457
2.ª " " "	32 107	—	2 811	29 296
3.ª " " "	25 976	—	2 632	23 444
1.ª " fevereiro "	19 591	—	662	18 929
2.ª " " "	16 585	—	909	15 676
3.ª " " "	7 962	—	600	7 362
1.ª " março "	11 329	—	230	11 099
2.ª " " "	5 807	—	2 220	3 587
3.ª " " "	18 757	—	844	17 913
1.ª " abril "	1 677	—	1 151	526
2.ª " " "	4 182	—	300	3 882
3.ª " " "	806	—	—	806
1.ª " maio "	683	—	—	683
2.ª " " "	997	—	204	793
3.ª " " "	670	—	—	670
Total	**6 918.584**	**5.160.487**	**151 084**	**1 607 013**
Despolpado	8 965	8 965	—	—
Rodoviário	10 526	4 006	6 173	347
Total Geral	**6 938 075**	**5 173 458**	**157 257**	**1 607 360**
Outros Estados (até 3.ª dez. maio)				
Paranaense	482 490	336 267	9 725	136 498
Mineiro	564 558	366 177	7 914	190 467
Matogrossense	17 768	12 470	—	5 298
Goiano	28 337	24 382	—	3 955
Catarinense (Via Marítima)	2 582	1 367	—	1 215
Espírito Santo	202	—	—	202
Total	**1 095 937**	**740 663**	**17 639**	**337 635**

Destinos alterados para "Rio de Janeiro"	48 625	
Destinos alterados para "Interior e Cap."	102 159	
Anulados	300	151 084

OBSERVAÇÃO: — O total do "CAFÉ MINEIRO" despachado com destino á SANTOS foi acrescido de 4 668 e 1 341 sacas, conforme dados, sòmente agora enviados a esta SSC., respectivamente, pelas Estradas de Ferro Vitória a Minas e The Leopoldina Railway Company Ltda.

MOVIMENTO DE CAFÉ NA PRAÇA DE SANTOS

JULHO DE 1950

DIAS	ENTRADA						MOVIMENTO									
	Paulista	Mineiro	Goiano	Paranaense	Matogrossense	S Catarina	Total	Liberado p/E.F.S.J.	Liberado Pela E.F.S.	Liberado via Marítima	Embarque	Desp.				
1	42 673	3 898	—	2 929	—	—	49 500	28 912	20 588	—	18 383					
3	11 249	5 713	—	2 935	—	—	49 897	29 474	20 423	—	10 200					
4	38 869	4 018	500	3 435	—	—	46 822	29 025	17 797	—	45 275					
5	43 119	2 281	—	8 760	—	165	54 325	29 175	24 985	165	26 034					
6	39 200	5 950	—	2 930	—	—	48 080	30 528	17 552	—	43 328					
7	36 845	2 864	500	—	—	—	40 209	28 367	11 842	—	39 374					
8	37 017	2 848	—	1 687	500	—	42 052	27 972	14 080	—	76 678					
10	26 004	6 330	—	5 865	—	85	38 284	16 717	21 482	85	44 552					
11	48 389	6 008	—	5 957	—	—	60 354	40 803	19 551	—	68 455					
12	50 129	4 285	—	4 350	—	—	58 764	31 003	27 761	—	33 623					
13	12 692	3 757	—	1 563	495	—	48 507	34 939	13 568	—	42 373					
14	46 972	3 970	—	4 526	495	—	55 963	35 891	20 072	—	43 643					
15	48 765	4 209	300	3 290	—	—	51 564	33 585	17 979	—	63 330					
17	38 260	4 321	300	3 296	—	205	46 382	30 485	15 692	205	47 586					
18	49 621	3 874	—	3 575	—	—	57 070	33 767	23 303	—	38 196					
19	36 594	2 860	142	4 328	—	—	43 924	19 642	24 282	—	50 820					
20	52 006	2 479	—	3 963	—	—	58 448	35 666	22 782	—	66 644					
21	36 710	—	300	1 090	—	—	38 100	25 224	12 876	—	58 345					
22	52 957	—	—	3 819	—	—	56 776	46 124	10 652	—	45 051					
24	44 354	—	—	6 808	—	—	51 162	36 136	15 023	—	69 355					
25	50 689	—	333	4 607	—	—	55 629	29 333	26 296	—	68 416					
26	30 057	—	—	2 980	—	—	33 037	21 215	11 822	—	15 561					
27	49 156	—	8	1 145	—	360	50 669	37 408	12 901	360	15 970					
28	42 101	—	—	1 595	—	—	43 999	31 000	12 999	—	26 295					
29	11 378	—	333	3 276	—	—	44 984	33 471	11 513	—	55 533					
31	50 133	—	—	3 540	470	—	54 143	35 100	19 043	—	50 828					
Total	1 111 239	69 665	2 716	92 249	1 960	815	1 278 644	810 965	466 864	815	1 163 848	1 167 801	1 020	5 [illegible]	—	888 [illegible]

LEVANTAMENTOS ECONÔMICOS

DA SUBDIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

Divisão de Economia Rural
Departamento da Produção Vegetal
Secretaria da Agricultura
Estado de São Paulo

PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS PELOS LAVRADORES
MÊS DE JULHO DE 1950
Dados coletados pela Secção de Mercados e Preços

POR SETORES AGRICOLAS	ARROZ		FEIJÃO	MILHO	CAFÉ		ALGODÃO EM CAROÇO	AMENDOIM	MAMONA	BATATA
	Em casca Scs. 60 Ks. Cr.$	Beneficiado Scs. 60 Ks. Cr.$	Sacas 60 Kgs. Cr.$	Sacas 60 Kgs. Cr.$	Em coco Scs. 40 Kgs. Cr.$	Beneficiado Scs. 60 Kgs. Cr.$	Por Arroba Cr.$	Em casca Scs. 25 Kgs. Cr.$	Por Quilo Cr.$	Sacas 60 Kgs. Cr.$
Araçatuba	92,30	157,10	123,50	48,60	322,80	1.096,00	77,10	69,90	1,88	—
Araraquara	106,60	192,70	132,60	53,90	316,90	1.008,90	79,90	59,20	2,00	200,00
Avaré	100,50	173,30	126,10	39,80	307,40	956,10	78,70	62,00	1,92	167,50
Bauru	113,70	175,10	127,50	55,60	314,40	1.054,00	80,00	67,20	2,02	—
Bebedouro	104,30	181,50	142,00	51,70	303,30	1.069,40	78,50	65,10	2,07	196,20
Campinas	112,90	186,40	139,80	54,20	320,90	987,40	90,10	—	—	193,20
Itapetininga	93,30	168,30	127,30	42,20	—	—	78,80	—	—	181,60
Jau	119,00	198,60	135,20	51,70	323,50	1.057,90	78,80	—	2,37	—
Marilia	107,60	193,40	121,50	47,50	326,80	1.024,00	77,70	76,10	1,97	180,60
Piracicaba	117,00	195,80	129,90	50,60	281,80	967,80	84,60	60,00	—	209,00
Pirassununga	111,10	182,90	135,50	54,30	358,40	1.124,70	85,90	—	—	198,30
Presidente Prudente	102,00	171,00	116,70	42,20	303,40	1.047,40	79,50	68,00	1,89	176,40
Ribeirão Preto	118,00	196,30	127,20	51,00	311,10	1.064,20	78,30	50,00	2,16	190,00
São José Rio Preto	92,70	159,20	134,40	51,00	312,90	1.080,40	81,60	56,00	—	—
São Paulo	105,30	179,70	127,90	54,70	270,00	900,00	—	—	—	196,50
Taubaté	110,10	186,70	143,00	61,70	—	—	—	—	—	220,00
Preço médio ponderado do Estado - Julho	104,90	179,10	127,90	49,90	316,50	1.043,30	79,60	72,10	2,02	190,70
Idem de Junho	108,60	182,50	130,60	50,70	278,00	932,50	73,20	54,90	1,96	208,50
Idem de Maio	107,70	184,80	148,10	55,00	275,60	913,00	60,70	49,80	1,94	180,20
Idem de Abril	109,80	193,00	124,60	62,10	282,50	932,60	54,00	48,50	1,73	138,50
Idem de Março	105,10	191,70	113,50	68,90	276,90	927,10	58,50	52,00	1,56	140,00
Idem de Fevereiro	121,40	224,60	108,20	78,50	280,40	954,20	—	56,50	1,36	110,30
Idem de Janeiro	174,30	287,80	88,20	87,80	288,70	964,00	—	54,30	1,39	120,80
Idem de Dez.º 1949	196,60	305,40	84,80	89,80	284,20	943,10	(1) —	59,20	1,28	173,80
Idem de Nov.º 1949	199,40	311,00	85,30	86,20	273,80	921,80	—	58,60	1,23	161,90
Idem de Out.º 1949	195,40	302,70	79,20	79,00	193,30	610,40	—	56,40	1,18	129,70
Idem de Set.º 1949	187,90	292,50	75,50	74,60	173,60	543,50	59,70	49,80	1,20	107,50
Idem de Agôsto 1949	166,60	273,10	73,80	72,30	163,80	514,70	60,70	47,80	1,20	90,20
Idem de Julho 1949	157,50	263,90	75,90	73,60	152,90	484,80	61,70	45,80	1,22	108,40

(1) O preço médio ponderado anual do algodão em caroço em 1949 foi de Cr$ 61,94 por arroba.
Dados de Julho sujeitos a revisão posterior

3/7 1950 RAD. IB.

LEVANTAMENTOS ECONÔMICOS

DA SUBDIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

Divisão de Economia Rural
Departamento da Produção Vegetal
Secretaria da Agricultura
Estado de São Paulo

PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS PELOS LAVRADORES
MÊS DE JULHO DE 1950*
Dados coletados pela Secção de Mercados e Preços

POR REGIÕES AGRICOLAS	ARROZ		FEIJÃO	MILHO	CAFÉ		ALGODÃO EM CAROÇO	AMENDOIM	MAMONA	BATATA
	Em casca Scs. 60 Ks. Cr.$	Beneficiado Scs. 60 Ks. Cr.$	Sacas 60 Kgs. Cr.$	Sacas 60 Kgs. Cr.$	Em coco Scs. 40 Kgs. Cr.$	Beneficiado Scs. 60 Kgs. Cr.$	Por Arroba	Em casca Scs. 25 Kgs.	Por Quilo Cr.$	Sacas 60 Kgs. Cr.$
Ampero	130,00	205,00	140,00	50,50	335,00	1.005,00	92,80	50,00	-	195,00
Andradina	83,90	—	122,00	49,50	305,00	—	76,00	70,00	1,80	—
Araraquara	105,00	210,00	125,00	52,50	—	—	81,00	—	—	200,00
Araras	146,00	182,50	136,70	50,50	302,50	1.000,00	86,00	60,00	—	—
Assis	99,00	174,00	90,00	34,30	300,00	1.020,00	78,00	65,00	1,85	—
Atibaia	112,00	240,00	—	57,50	270,00	900,00	—	—	—	210,00
Barirí	130,50	180,50	140,00	50,00	320,00	1.072,50	78,00	—	2,38	—
Bauru	125,00	200,00	145,00	60,00	320,00	1.055,00	83,50	62,50	—	220,00
Botucatu	110,00	187,50	145,00	53,00	280,00	950,00	81,00	—	—	195,00
Caçapava	100,00	175,00	—	—	220,00	775,00	—	—	—	—
Cafelândia	111,70	160,00	121,70	60,00	310,00	1.016,70	80,00	65,00	2,00	190,00
Capivari	128,80	200,00	130,00	55,00	258,30	850,00	87,30	60,00	—	180,00
Catanduva	107,30	166,70	124,50	52,40	305,30	1.068,30	77,70	54,20	—	—
Dois Córregos	110,00	180,00	130,00	55,00	345,00	1.100,00	83,00	-	—	—
Duartina	116,50	205,00	123,30	48,30	325,00	1.035,00	79,00	66,30	1,85	197,50
Garça	116,30	203,50	130,00	51,70	326,70	1.050,00	79,80	74,70	1,98	160,00
Itapetininga	85,00	170,00	135,00	45,00	—	900,00	80,00	—	—	—
Itápolis	107,60	182,50	135,00	50,00	307,50	1.000,00	73,50	-	—	180,00
Itararé	95,00	170,00	120,00	37,50	—	900,00	—	—	—	180,00
Jaboticabal	114,30	185,00	—	—	310,00	1.100,00	78,20	67,00	2,00	185,00
Limeira	106,70	200,00	135,00	60,00	290,00	—	85,00	—	—	230,00
Lins	117,50	186,30	125,00	50,00	313,30	1.080,00	80,00	75,00	2,20	—
Lucélia	141,30	197,50	120,00	—	330,00	1.050,00	75,80	68,00	—	—
Marília	115,00	180,00	115,00	47,30	315,00	977,50	73,50	72,30	2,13	180,00

POR REGIÕES AGRICOLAS	ARROZ		FEIJÃO	MILHO	CAFÉ		ALGODÃO EM CAROÇO	AMENDOIM	MAMONA	BATATA
	Em casca Scs. 60 Ks. Cr.$	Beneficiado Scs. 60 Ks. Cr.$	Sacas 60 Kgs. Cr.$	Sacas 60 Kgs. Cr.$	Em coco Scs. 40 Kgs. Cr.$	Beneficiado Scs. 60 Kgs. Cr.$	Por Arroba Cr.$	Em casca Scs. 25 Kgs. Cr.$	Por Quilo Cr.$	Sacas 60 Kgs. Cr.$
Martinópolis	99,40	167,10	123,30	47,00	307,50	1.060,00	74,80	8,30	1,8	148,-
Monte Aprazível	85,00	140,00	135,00	54,00	317,50	1.116,00	83,50	8,00	-	—
Nova Granada	88,00	152,50	155,00		300,00	1.065,00	81,60	8,00		
Novo Horizonte	110,00	200,00	140,00	45,00	305,00	1.087,50	81,30	7,00	1,80	—
Olímpia	107,50	175,00	145,00	55,00	304,00	1.080,00	79,70	8,50		—
Orlândia	107,50	180,00	118,80	46,50	321,70	1.092,50	79,50	-	1,90	—
Pindamonhangaba	107,50	180,00	-	60,00			-	-	-	-
Piracicaba	116,30	200,00	123,00	48,30	284,70	930,00	85,90	8,00	—	146,70
Pirajú	95,00	180,00	110,00	40,00	310,00	950,00	70,00	7,50	-	120,00
Pirajuí	105,00	170,00	130,00	60,00	315,00	1.050,00	77,50	8,00	1,60	140,00
Pompéia	115,70	185,00	118,00	47,50	318,50	1.040,00	80,70	7,87	1,87	138,00
Registro	85,00	148,50	150,00	55,00						
Rio Claro	107,50	185,00	132,50	52,50	300,00	1.000,00	85,00	8,00	-	160,00
Sta. Cruz R. Pardo	100,00	160,00	115,00	43,50	306,00	—	—	8,00	1,80	148,00
Sto. Anastácio	100,00	173,30	116,70	46,50	275,00	950,00	76,90	7,87	1,87	-
São João Boa Vista	112,50	174,50	135,00	56,00	357,30	1.125,00	88,70	8,00		198,30
São José dos Campos	110,00	200,00			240,00	800,00	—			—
São José Rio Preto	100,00	195,00	135,00	55,00	322,50	1.110,00	81,00	8,00		
São Roque	120,00	185,00	138,80	57,50						188,30
Sertãozinho	110,00	185,00	150,00	50,00	310,00	1.050,00	—	7,50		-
Taquaritinga	105,30	175,30	125,00	60,00	310,00	1.050,00	81,70	6,00	1,50	158,00
Tatuí	100,00	169,30	111,50	45,70	248,00	850,00	—			200,00
Tietê	119,30	180,00	132,30	46,30	275,00	963,30	83,20			132,00
Tupã	110,00	192,50	127,50	43,50	345,00	1.010,00	80,70	8,00		—
Valparaizo	88,80	148,80	122,50	48,80	330,00	1.090,00	78,60	6,30	1,70	—
Votuporanga	91,30	151,50	120,00	45,00	290,00	—	82,50	6,00	—	-

EMBARQUES DE CAFÉ POR PAÍSES, PELO PÔRTO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE JULHO DE 1950

CONTINENTES	PAÍSES	SACAS	TOTAIS
EUROPA	Suécia	20.717	
	Finlândia	19.753	
	Itália	16.800	
	Holanda	15.267	
	Dinamarca	13.113	
	Bélgica	12.532	
	Grécia	9.167	
	Polônia	2.500	
	Alemanha	1.920	
	Trieste	1.500	
	Suíça	1.125	
	Gibraltar	467	
	Turquia	250	115.111
AMÉRICA DO NORTE	Canadá	427	
	Estados Unidos	82.140	82.567
AMÉRICA DO SUL	Argentina	17.311	
	Chile	45	
	Uruguai	1.678	19.034
AMÉRICA CENTRAL	Curaçao	50	50
AFRICA	Marrócos Francês	5.000	
	Sud. Anglo Egípcio	1.666	
	Sudoeste Africano	263	
	Tanger	1.000	
	União Sul Africana	12.883	20.812
ÓCEANIA	Austrália	68	68
CABOTAGEM	Norte	510	
	Sul	2.850	3.360
	TOTAL GERAL		241.002

ENTRADAS DE CAFÉ NO MERCADO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE JULHO DE 1950

VIAS	PROCEDÊNCIAS				TOTAL
	São Paulo	Minas Gerais	Rio de Janeiro	Espírito Santo	
E. F. C. do Brasil	16.017	19.537	—	—	35.554
E. F. Leopoldina	—	26.799	17.689	15.889	60.377
Regulador	—	—	—	54.285	54.285
Cabotagem	—	—	—	3.241	3.241
Rodoviário	—	81.194	20.144	50.973	152.311
Total	**16.017**	**127.530**	**37.833**	**124.388**	**305.768**

MOVIMENTO DE CAFÉ NO RIO DE JANEIRO

JULHO DE 1950

DIAS	S. Paulo	Minas Gerais	Rio de Janeiro	Espírito Santo	Total	Exterior	Cabotagem	Total	Retirado do mercado	Consumo Local	Existência
1	—	—	—	—	—	6 250	—	6 250	—	1 050	618 594
3	1 000	5 593	—	5 869	12 462	9 536	—	9 536	—	1 050	620 470
4	—	7 702	—	7 635	15 337	—	—	—	206	1 050	634 351
5	1 000	4 746	783	5 610	12 139	2 601	500	3 101	—	1 050	642 539
6	—	10 026	3 402	6 749	20 177	5 705	1.060	6 765	—	1 050	654 716
7	2 000	7 936	1 910	11 023	22 869	4 245	—	4 245	—	1 050	672 475
8	—	—	—	—	—	17 017	150	17 167	—	1 050	654 258
10	1 685	5 753	5 532	10 819	23 789	5 438	—	5 438	—	1 050	671 559
11	—	2 650	333	12 088	15 071	12 557	—	12 557	—	1 050	673 023
12	1 266	3 885	—	—	5 151	351	—	351	500	1 050	676 273
13	—	9 550	—	5 856	15 406	9 300	—	9 300	500	1 050	680 829
14	500	5 869	—	3 621	9 990	28 500	—	29 500	200	1 050	661 069
15	—	—	—	—	—	6 379	—	6 379	—	1 050	653 640
17	—	7 254	—	5 836	13 090	12 500	200	12 700	—	1 050	652 980
18	—	698	—	2 383	3 081	3 302	350	3 652	500	1 050	650 859
19	—	—	—	1 668	1 668	—	—	—	—	1 050	651 477
20	3 092	10 830	3 769	4 668	22 359	7 058	—	7 058	1 620	1 050	664 108
21	—	4 392	5 562	—	9 954	17 127	—	17 127	—	1 050	656 885
22	—	—	—	—	—	16 088	—	16 088	—	1 050	638 747
24	—	2 250	2 919	9 905	15 074	23 820	810	24 630	—	1 050	628 141
25	2 356	13 766	6 883	10 842	33 847	819	—	819	—	1 050	660 119
26	2 338	2 643	2 216	11 527	18 724	22 307	—	—	631	1 050	654 855
27	220	8 241	1 427	2 819	12 707	16 398	280	16 678	1 043	1 050	648 791
28	560	4 935	955	50	6 500	377	—	377	—	1 050	653 864
29	—	—	—	—	—	5 064	—	—	100	1 050	647 650
31	—	8 811	2 142	5 420	16 373	4 913	—	4 913	—	1 050	658 060
Total	**16.017**	**127 530**	**37 833**	**124 388**	**305 768**	**237 652**	**3 350**	**241 002**	**5 300**	**27 300**	—

EXPORTAÇÃO MUNDIAL DE CAFÉ NO TRIÊNIO 1947 A 1949

(em milhares de sacas de 60 quilos)

				% + ou — em 1949 que em		% s/o total
	1947	1948	1949	1947	1948	1949
BRASIL	14.689	17.492	19.368	+ 31,9	+ 10,7	57,5
Colômbia	5.339	5.588	5.410	+ 1,3	— 3,2	16,0
Salvador	1.127	976	1.260	+ 11,8	+ 29,1	3,7
Guatemala	889	806	919	+ 3,4	+ 14,0	2,7
África Oc. Francesa	735	951	860	+ 17,6	— 9,6	2,6
México	548	524	817	+ 49,1	+ 55,9	2,4
Angola	734	890	789	+ 7,5	— 11,3	2,3
África Or. Britânica	739	1.084	717	— 3,0	— 33,9	2,1
Haití	373	381	553	+ 48,3	+ 45,1	1,6
Congo Belga	619	509	524	— 15,4	+ 2,9	1,6
Madagascar	489	332	390	— 20,2	+ 17,4	1,2
Venezuela	508	595	363	— 28,5	— 39,0	1,1
República Dominicana	197	224	287	+ 45,7	+ 28,1	0,9
Costa Rica	327	379	268	— 18,0	— 29,3	0,8
Etiópia	244	258	250	+ 2,5	— 3,1	0,7
Outros países	1.111	1.140	935	— 15,8	— 18,0	2,8
Total	**28.668**	**32.129**	**33.710**	**+ 17,6**	**+ 4,9**	**100,0**

	1947	1948	1949
BRASIL	51,2	54,4	57,5
Resto do mundo	48,8	45,6	42,5
Total	**100,0**	**100,0**	**100,0**

(Do Boletim da Ass. Comercial de Santos)

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ DE CUBA

Sacas de 60 quilos

Estados Unidos	2
México	2
Espanha	195
França	8
Itália	4
Total	**211**

(Cifras do Ministério da Fazenda de Cuba)

COTAÇÕES DE CAFÉS NO DISPONÍVEL EM SANTOS, RIO DE JANEIRO E VITÓRIA

JULHO DE 1950

(Em Cr$ por 10 quilos)

DIAS	SANTOS			RIO	VITÓRIA
	4 mole	4 duro	5 sem descrição	7	7
3	180,50	176,00	159,50	129,00	123,50
4	184,50	179,50	161,50	130,00	123,50
5	185,00	180,50	162,00	132,00	124,50
6	185,00	180,50	162,00	132,00	123,00
7	185,50	181,50	161,50	133,00	124,00
10	185,50	181,50	161,50	134,00	125,00
11	187,50	182,50	162,50	135,00	126,00
12	190,00	185,50	166,50	136,00	130,00
13	190,00	185,50	166,50	—	130,00
14	192,50	187,50	169,50	137,00	131,00
17	195,00	190,00	170,50	138,00	134,00
18	197,00	193,50	174,00	139,00	137,20
19	195,50	191,50	172,50	138,50	136,10
20	196,50	192,00	173,00	137,00	133,00
21	196,50	192,00	173,00	136,00	131,70
24	196,00	191,50	173,50	134,50	129,00
25	196,00	191,50	173,50	134,00	120,70
26	196,50	193,00	174,00	133,00	—
27	196,50	192,00	174,00	133,00	123,50
28	195,50	191,00	174,50	132,50	123,00
31	195,00	190,50	174,50	133,00	123,00
Média	**191,52**	**187,10**	**168,57**	**134,33**	**127,59**

COTAÇÕES DE CAFÉS BRASILEIROS NO DISPONÍVEL DE NOVA YORK

JULHO DE 1950

(Cents por libra 453,60 gs)

DIAS	SANTOS				RIO	
	Tipo 2	**Tipo 4**	**Tipo 2 extra mole**	**Tipo 4 extra mole**	**Tipo 4**	**Tipo 7**
					Nominal	n/cot.
3	Nom 51.75	Nom 50.50	Nom 52.50	Nom 51.00	"	"
5	" 52.25	" 52.00	" 52.50	" 51.25	"	"
6	" 52.25	" 52.00	" 52.50	" 51.25	"	"
7	" 52.75	" 51.50	" 52.50	" 51.25	"	"
10	" 53.25	" 52.00	" 52.50	" 51.25	"	"
11	" 54.50	" 53.00	" 52.75	" 51.75	"	"
12	" 54.50	" 53.50	" 54.25	" 53.00	"	"
13	" 54.75	" 53.75	" 54.00	" 53.25	"	"
14	" 56.00	" 55.25	" 55.75	" 54.00	"	"
17	" 57.00	" 56.00	" 56.75	" 55.00	"	"
18	" 57.50	" 56.25	" 57.00	" 55.25	"	"
19	" 55.50	" 55.25	" 55.00	" 54.25	"	"
20	" 56.25	" 55.50	" 55.25	" 54.50	"	"
21	" 56.25	" 54.75	" 55.25	" 54.50	"	"
24	" 56.25	" 54.75	" 55.00	" 54.25	"	"
25	" 56.25	" 54.75	" 55.00	" 54.25	"	"
26	" 57.00	" 56.00	" 55.25	" 54.50	"	"
27	" 56.50	" 55.50	" 55.00	" 54.25	"	"
31	" 56.25	" 55.50	" 55.00	" 54.25	"	"
28	Nom 56.00	Nom 54.75	" 55.00	" 54.25	"	"
					"	"
Média	**54.40**	**53.34**	**55.17**	**54.15**		

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

CAFÉS ESTRANGEIROS

JULHO DE 1950 — **(Cents. por libra 453,60 gs.)**

PROCEDÊNCIA	DIAS					
	3	8	15	22	29	Média
COLÔMBIA:						
Medelin Excelso	(2) 53 3/4	(2) 53 3/4	(2) ú4 1/8	(2) 54 1/2	(2) 54 1/2	54 13/64
Armenia	(2) 53 3/4	(2) 53 3/4	(2) 54 1/2	(2) 54 1/2	(2) 54 1/2	54 13/64
Manizales	(2) 53 3/4	(2) 53 3/4	(2) 54 1/2	(2) 54 1/2	(2) 54 1/2	54 13/64
Cucutá	(2) 53 3/4	(2) 53 3/4	(2) 54 1/4	(2) 54 1/4	(2) 54 1/4	53 27/32
Bogotá	(2) 53 1/4	(2) 53 1/4	(2) 54 1/4	(2) 54 1/4	(2) 54 1/4	53 27/32
Tolima	(2) 53 1/4	(2) 53 1/4	(2) 54 1/4	(2) 54 1/4	(2) 54 1/4	53 27/32
Ocana	(2) 53 1/4	(2) 53 1/4	(2) 54 1/4	(2) 54 1/4	(2) 54 1/4	53 27/32
COSTA RICA:						
Hard	(7) 54 1/2	(7) 54 1/2	(7) 55 1/2	(7) 55 1/2	(7) 55 1/2	55 3/32
Fino Atlantic	(7) 54 00	(7) 54 00	(7) 54 1/2	(7) 54 1/2	(7) 54 1/2	54 19/64
EQUADOR:						
Lavado Bom	(3) 48 00	(3) 48 00	(3) 51 00	(3) 51 00	(3) 51 00	49 51/64
Extra rão lavado ...	(3) 41 1/2	(3) 41 1/2	(3) 43 1/2	(3) 43 1/2	(3) 43 1/2	42 45/64
GUATEMALA:						
Antigua	(6) 55 00	(6) 55 00	(6) 55 1/2	(6) 55 1/2	(6) 55 1/2	55 19/64
Extra Prime	(6) 54 00	(6) 54 00	(6) 55 00	(6) 55 00	(6) 55 00	54 19/32
Lavado Bom	(6) 51 00	(6) 51 00	(6) 53 00	(6) 53 00	(6) 53 00	52 13/64
Bourbon	(6) 50 1/2	(6) 50 1/2	(6) 52 1/2	(6) 52 1/2	(6) 52 1/2	51 45/64
HAITÍ:						
Lavado bom mole ...	(6) 51 00	(6) 51 00	(6) 52 00	(6) 52 00	(6) 52 00	51 19/32
Catado á mão	(6) 48 00	(6) 48 00	(6) 49 1/2	(6) 49 1/2	(6) 49 1/2	48 29/32
HONDURAS:						
Lavado bom	(2) 49 00	(2) 49 00	(2) 51 00	(2) 51 00	(2) 51 00	50 13/64
Tipo 5 - Comum duro	(2) 46 00	(2) 46 00	(2) 48 00	(2) 48 00	(2) 48 00	47 13/63

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

CAFÉS ESTRANGEIROS

PROCEDÊNCIA	DIAS					
	3	8	15	22	29	Média
MÉXICO:						
Coatepec	(2) 52 1/2	(2) 52 1/2	(2) 54 00	(2) 54 00	(2) 54 00	53 13/32
Tapachula primeira .	(2) 52 00	(2) 52 00	(2) 54 00	(2) 54 00	(2) 54 00	53 13/63
NICARÁGUA:						
Matagalpa	(2) 49 1/2	(2) 49 1/2	(2) 53 1/2	(2) 53 1/2	(2) 53 1/2	51 29/32
Lavado primeira	(2) 49 00	(2) 49 00	(2) 53 00	(2) 53 00	(2) 53 00	51 13/32
EL SALVADOR:						
Lavado primeira	(2) 49 00	(2) 49 00	(2) 53 3/4	(2) 53 3/4	(2) 53 3/4	51 27/32
Não lavado						
S. DOMINGOS:						
Lavado bom mole ...	(6) 48 00	(6) 48 00	(6) 51 00	(6) 51 00	(6) 51 00	49 51/64
Fino	(6) 46 00	(6) 46 00	(6) 49 00	(6) 49 00	(6) 49 00	47 51/64
VENEZUELA:						
Maracaibo	(7) 51 3/4	(7) 51 3/4	(2) 53 1/2	(2) 53 1/2	(2) 53 1/2	52 51/64
CONGO BELGA:						
Lavado robusta	(7) 51 00	(7) 51 00	(7) 52 00	(7) 52 00	(7) 52 00	51 19/32
Natural robusta	(2) 41 00	(2) 41 00	(2) 42 1/4	(2) 42 1/4	(2) 42 1/4	41 3/4
MOÓCA:						
Moóca Arabia	(2) 50 1/4	(2) 50 1/4	(2) 53 00	(2) 53 00	(2) 53 00	51 29/32
N.E.I.:						
Genuino jovo lavado .	(2) 63 00	(2) 63 00	(6) 63 00	(6) 63 00	(6) 63 00	63 00
UGANDA:						
Lavado	(2) 40 00	(2) 40 00	(2) 40 00	(2) 40 00	(2) 40 00	40 00

INDICAÇÕES:

(1) C.&F. - U.S.A. (Nova York)
(2) Desembarcado á vista líquido
(3) Disponível
(4) F.O.B. Nova York
(5) F.O.B. País de Procedência
(6) Nominal

Cotações de Café a Têrmo em Nova York

Em cents por libra (453,60 gr) — Contrato "S"

JULHO DE 1950

DIA	FECHAMENTO DO TÊRMO PARA OS MESES DE:									
	Julho		Setembro		Dezembro		Março		Maio	
	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F
3	49.00 C	51.35 Neg.	47.20 Neg.	48.60 Neg.	44.79 Neg.	46.05 Nom.	42.00 C	43.40 Neg.	40.70 Neg.	41.70 Neg.
5	51.35 "	51.50 "	49.40 "	48.80 "	46.55 "	46.10 "	43.90 Neg.	43.35 "	42.10 "	41.84 "
6	51.10 Neg.	51.10 "	48.60 "	48.23 Nom.	45.90 "	45.66 '	43.00 C	42.77 Nom.	41.56 "	41.15 "
7	50.50 C	50.99 "	48.00 "	48.15 "	45.40 "	45.50 Neg.	42.65 Neg.	42.70 Neg.	41.15 "	41.13 Nom.
10	52.00 V	52.10 "	48.40 C	49.59 "	45.80 Nom.	46.80 Nom.	42.95 "	43.90 "	41.30 C	42.24 "
11	52.99 Neg.	53.00 C	50.35 Neg.	50.50 Neg.	47.35 "	47.65 Neg.	44.74 "	44.85 "	43.08 Neg.	43.26 "
12	n/cot	53.21 Nom.	51.70 "	50.55 "	48.80 "	47.81 Nom.	45.65 "	44.97 Nom.	44.12 "	43.42 "
13	53.40 V	53.50 "	50.80 C	50.85 "	48.10 "	48.10 "	45.30 "	45.77 "	44.00 "	44.37 Neg.
14	n/cot	55 65 Neg.	51.41 Neg.	52.60 "	48.86 "	49.99 "	46.70 "	47.77 Neg.	45.50 "	46.37 C
17	46.00 C	58.20 "	54.15 "	54.60 C	51.10 "	51.99 Neg.	48.83 "	49.77 C	47.85 "	48.37 Neg.
18	n/cot	56.00 V	55.50 "	53.60 V	52.98 "	51.35 V	50.83 "	49.77 V	49.45 "	48.37 V
19	54.75 Neg.	54.42 Nom.	51.60 "	51.60 Neg.	49.35 "	49.35 Neg.	47.77 "	47.77 Neg.	46.37 "	46.37 Neg.
20	54.50 "	54.60 "	52.10 "	51.80 "	50.00 "	49.40 "	48.00 "	47.90 "	47.00 "	46.60 Nom.
21	53.50 C	54.60 "	51.65 "	51.70 Nom.	49.40 "	49.25 "	47.90 "	47.66 Nom.	48.60 "	46.36 "
24	55.00 V	55.00 "	51.60 Neg.	52.00 "	47.80 "	49.60 "	46.34 "	47.90 Neg.	45.20 "	46.70 "
25	55.33 Neg.	56.10 "	52.00 "	53.60 Neg.	49.31 "	50.65 "	47.00 C	49.80 Nom.	46.00 C	47.60 Neg.
26	—	—	54.27 "	54.60 "	51.35 "	51.90 "	49.20 V	49.95 "	48.00 Neg.	48.75 "
27	—	—	55.25 "	53.75 Nom.	52.20 "	50.90 "	50.00 "	48.99 "	47.25 "	47.69 "
28	—	—	53.00 "	53.20 Neg.	48.50 V	50.45 "	46.90 Neg.	48.85 "	46.50 "	47.60 Nom.
31	—	—	50.02 Neg.	52.50 "	48.10 Neg.	49.50 "	47.00 C	48.10 Nom.	47.00 "	47.00 Neg.
Média ..	**52.26**	**53.83**	**51.35**	**51.54**	**48.58**	**48.90**	**46.33**	**46.75**	**45.64**	**45.34**

Cotações do Café a Têrmo em Nova York

(Em cents por libra de 453,60 gr) — CONTRATO "D"

JULHO DE 1950

DIAS	Julho		Setembro		Dezembro	
	A	F	A	F	A	F
3	48.50 C	50.85 Nom.	n/cot	47.70 Nom.	n/cot	45.05 Nom.
5	51.80 V	51.10 "	"	48.20 "	"	45.00 "
6	n/cot	50.80 "	"	47.70 "	44.50 C	44.45 "
7	"	50.75 "	"	47.60 "	n/cot	44.25 "
10	50.00 C	50.00 "	"	48.95 "	44.25 C	44.95 "
11	n/cot	52.75 "	49.50 V	50.00 "	45.26 Neg.	46.80 "
12	52.00 C	53.00 "	51.00 "	50.15 "	48.00 V	47.25 "
13	n/cot	53.15 "	n/cot	50.40 "	n/cot	47 65 "
14	"	55.00 "	50.50 Neg.	51.95 "	"	49.51 "
17	"	57.10 "	53.00 "	53.90 "	50.60 V	51.51 Neg.
18	58.00 C	57.75 "	54.50 C	52.75 "	52.00 C	50.75 Nom.
19	55.50 V	55.10 "	50.75 "	51.10 "	n/cot	49.00 "
20	n/cot	54.20 "	n/cot	51.30 "	49.75 C	49.10 "
21	"	54.40 "	"	51.15 "	n/cot	49.10 "
24	"	54.70 "	"	50.95 "	"	48.90 "
25	"	53.80 "	50.80 C	52.75 "	"	50.30 "
26	"		53.60 "	54.00 "	"	51.50 "
27	—		n/cot	53.00 "	"	50.60 "
28	—		n/cot	52.50 "	"	50.10 "
31	—		n/cot	51.85 "	"	49.25 "
Média	**52.63**	**53.28**	**51.71**	**50.80**	**47.77**	**48.26**

CÂMBIO EM SÃO PAULO

JULHO DE 1950

MÉDIA DIARIA AFIXADA PELA BOLSA OFICIAL DE VALORES DE S. PAULO

DIAS	Inglaterra	Estados Unidos	Uruguai	Holanda	Suiça	Suécia	Dinamarca	Argentina	Espanha	Portugal	Bélgica	Tcheco-slováquia	França
3	52,4160	18,72	—	4,9159	4,3539	3,6209	2,7353	2,0846	—	0,6572	0,3778	—	0,0535
4	52,4160	18,72	—	—	4,3481	3,6209	2,7353	—	1,7096	0,6572	0,3778	—	0,0535
5	52,4160	18,72	—	—	4,3501	3,6209	2,7353	—	1,7096	0,6572	0,3778	—	0,0535
6	52,4160	18,72	—	—	—	3,6209	—	—	1,7096	0,6572	—	—	0,0535
7	52,4160	18,72	—	—	4,3523	3,6209	—	—	1,7096	0,6572	—	—	0,0535
8	52,4160	18,72	—	—	4,3538	3,6209	2,7353	—	—	0,6572	0,3778	—	0,0535
10	52,4160	18,72	—	—	4,3547	3,6209	2,7353	—	1,7096	0,6572	0,3778	—	0,0535
11	52,4160	18,72	6,8249	—	4,3539	3,6209	2,7353	—	1,7096	0,6572	0,3778	0,3744	0,0535
12	52,4160	18,72	6,7765	—	4,3530	—	2,7353	—	1,7096	—	0,3778	—	0,0535
13	52,4160	18,72	—	—	4,3429	3,6209	2,7353	—	—	0,6572	0,3778	0,3744	0,0535
14	52,4160	18,72	6,7765	—	4,3444	3,6209	2,7353	—	—	0,6572	0,3778	—	0,0535
15	52,4160	18,72	—	4,9176	4,3519	3,6209	2,7353	—	1,7096	—	0,3778	—	0,0535
17	52,4160	18,72	—	—	4,3520	3,6209	2,7353	—	—	—	—	—	0,0535
18	52,4160	18,72	—	—	4,3520	3,6209	2,7353	—	—	—	0,3778	—	0,0535
19	52,4160	18,72	—	—	—	3,6209	2,7353	—	1,7096	0,6572	0,3778	—	0,0535
20	52,4160	18,72	—	—	4,3472	3,6209	2,7353	—	1,7096	0,6572	0,3778	—	0,0535
21	52,4160	18,72	—	4,9140	4,3462	3,6209	2,7353	—	1,7096	0,6572	0,3778	—	0,0535
22	52,4160	18,72	7,1500	—	4,3471	3,6209	2,7353	—	1,7096	0,6572	0,3778	0,3744	0,0535
24	52,4160	18,72	—	—	4,3491	—	—	—	1,7096	0,6572	0,3778	—	0,0535
25	52,4160	18,72	7,1314	—	4,3738	3,6209	2,7353	—	1,7096	0,6572	0,3778	0,3744	0,0535
26	52,4160	18,72	—	—	4,3481	3,6209	2,7353	—	—	0,6572	0,3778	0,3744	0,0535
27	52,4160	18,72	7,5695	—	4,3462	3,6209	2,7353	—	—	0,6572	0,3778	0,3744	0,0535
28	52,4160	18,72	—	—	4,3462	3,6209	2,7353	—	—	0,6572	0,3778	—	0,0535
29	52,4160	18,72	—	—	4,3462	3,6209	2,7353	—	1,7096	0,6572	0,3778	—	0,0535
31	52,4160	18,72	—	—	4,3462	3,6209	—	—	—	0,6572	—	—	0,0535
Média	**52,4160**	**18,72**	**7,0381**	**4,9158**	**4,3508**	**3,6209**	**2,7353**	**2,0846**	**1,7096**	**0,6572**	**0,3778**	**0,3744**	**0,0535**

CÂMBIO

RESUMO DOS NEGÓCIOS REALIZADOS NO MÊS DE JULHO DE 1950

Moedas	Quantidade	Valor em Cr$
Corôas Dinamarquesas	815.436	2.230.463,00
Corôas Suecas	4.006.913	14.508.632,00
Corôas Tchecas	4.875.211	1.825.279,00
Dólares	23.525.863	440.404.150,00
Escudos	844.105	554.746,00
Florins	83.335	409.659,00
Francos Belgas	78.029.637	29.479.597,00
Francos Franceses	1.992.400.168	106.593.409,00
Francos Suiços	3.655.610	15.904.828,00
Libras	1.700.770	89.147.559,00
Pesetas	1.704.596	2.914.178,00
Pesos Uruguaios	3.901	27.500,00
TOTAL		704.000.000,00

Total em libras e dólares de acordo com a média mensal à vista sôbre a Inglaterra e Estados Unidos, afixado este mês por esta Bolsa.

£	13.431.013 =	52.4160
U$S	37.606.838 =	18.7200

Total computado em Julho de 1949	1.127.000.000,00
Total computado em Junho de 1950	640.000.000,00
Total computado em Julho de 1950	740.000.000,00

CÂMBIO

1950

Resumo das operações de Câmbio, efetuadas pelos Bancos, durante o mês de Julho.

MOEDAS	COMPRAS	VENDAS
Libras	381.920	453.863
Dólares	49.683.762	41.179.448
Francos Franceses	667.521.120	825.834.743
Escudos	1.260.087	297.232
Pesetas	1.889.288	337.841
Francos Suiços	5.630.269	1.709.998
Francos Belgas	116.381.546	1.038.586.806
Pesos Argentinos	606	—
Pesos Uruguaios	2.741	34
Corôas Tchecas	—	384.636
Dólares Canadense	—	22
Corôas Suecas	9.970.746	4.515.005
Corôas Dinamarquesas	816.411	766.748
Florins	86	13.365

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

MERCADO LIVRE — VENDAS À VISTA

JULHO DE 1950

DIAS	Londres Libra	N. York Dolar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Peso	Uruguai Peso	Chile Peso	Suécia Corôa
3	51,46 40	18,38 00	4,23 47	0,63 34	2,04 00	6,63 54	n/cot.	3,55 51
4	51,46 40	18,38 00	4,23 66	0,63 34	2,04 00	6,75 74	"	3,55 51
5	51,46 40	18,38 00	4,23 66	0,63 34	2,04 00	6,65 94	"	3,55 51
6	51,46 40	18,38 00	4,25 03	0,63 34	2,04 00	6,58 78	"	3,55 51
7	51,46 40	18,38 00	4,25 03	0,63 34	2,04 00	6,58 78	"	3,55 51
8	51,46 40	18,38 00	4,24 21	0,63 34	2,04 00	6,54 67	"	3,55 51
10	51,46 40	18,38 00	4,24 21	0,63 34	2,04 00	6,54 67	"	3,55 51
11	51,46 40	18,38 00	4,24 03	0,63 34	2,04 00	6,54 67	"	3,55 51
12	51,46 40	18,38 00	4,23 66	0,63 34	2,04 00	6,54 67	"	3,55 51
13	51,46 40	18,38 00	4,23 29	0,63 34	2,04 00	6,73 26	"	3,55 51
14	51,46 40	18,38 00	4,23 84	0,63 34	2,04 00	6,88 39	"	3,55 51
15	51,46 40	18,38 00	4,23 84	0,63 34	2,04 00	6,88 39	"	3,55 51
17	51,46 40	18,38 00	4,23 84	0,63 34	2,04 00	6,88 39	"	3,55 51
18	51,46 40	18,38 00	4,23 84	0,63 34	2,04 00	6,88 39	"	3,55 51
19	51,46 40	18,38 00	4,23 66	0,63 34	2,04 00	6,88 39	"	3,55 51
20	51,46 40	18,38 00	4,23 47	0,63 34	2,04 00	7,01 53	"	3,55 51
21	51,46 40	18,38 00	4,23 47	0,63 34	2,04 00	6,78 23	"	3,55 51
22	51,46 40	18,38 00	4,23 47	0,63 34	2,04 00	6,78 23	"	3,55 51
24	51,46 40	18,38 00	4,23 47	0,63 34	2,04 00	6,78 23	"	3,55 51
25	51,46 40	18,38 00	4,23 47	0,63 34	2,04 00	7,20 78	"	3,55 51
26	51,46 40	18,38 00	4,23 29	0,63 34	2,04 00	7,20 78	"	3,55 51
27	51,46 40	18,38 00	4,23 29	0,63 34	2,04 00	7,29 37	"	3,55 51
28	51,46 40	18,38 00	4,23 11	0,63 34	2,04 00	7,29 37	"	3,55 51
29	51,46 40	18,38 00	4,23 29	0,63 34	2,04 00	7,17 97	"	3,55 51
31	51,46 40	18,38 00	4,23 29	0,63 34	2,04 00	7,17 97	"	3,55 51
Média	**51,46 40**	**18,38 00**	**4,28 64**	**0,63 34**	**2,04 00**	**6,85 17**	"	**3,55 51**

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

MERCADO LIVRE — VENDAS À VISTA

JULHO DE 1950

DIA	Londres Libra	Nova York Dólar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Peso	Uruguai Peso	Chile Peso	Suécia Corôa
3	52,41 60	18,72 00	4,34 81	0,65 72	2,08 46	6,86 97	n/cot.	3,62 09
4	52,41 60	18,72 00	4,35 00	0,65 72	2,08 46	6,99 81	"	3,62 09
5	52,41 60	18,72 00	4,35 00	0,65 72	2,08 46	6,89 50	"	3,62 09
6	52,41 60	18,72 00	4,35 39	0,65 72	2,08 46	6,81 97	"	3,62 09
7	52,41 60	18,72 00	4,35 39	0,65 72	2,08 46	6,81 97	"	3,62 09
8	52,41 60	18,72 00	4,35 57	0,65 72	2,08 46	6,77 65	"	3,62 09
10	52,41 60	18,72 00	4,35 50	0,65 72	2,08 46	6,77 65	"	3,62 09
11	52,41 60	18,72 00	4,35 39	0,65 72	2,08 46	6,77 65	"	3,62 09
12	52,41 60	18,72 00	4,35 00	0,65 72	2,08 46	6,77 65	"	3,62 09
13	52,41 60	18,72 00	4,34 62	0,65 72	2,08 46	6,97 21	"	3,62 09
14	52,41 60	18,72 00	4,35 20	0,65 72	2,08 46	7,13 14	"	3,62 09
15	52,41 60	18,72 00	4,35 20	0,65 72	2,08 46	7,13 14	"	3,62 09
17	52,41 60	18,72 00	4,35 20	0,65 72	2,08 46	7,13 14	"	3,62 09
18	52,41 60	18,72 00	4,35 20	0,65 72	2,08 46	7,13 14	"	3,62 09
19	52,41 60	18,72 00	4,35 00	0,65 72	2,08 46	7,13 14	"	3,62 09
20	52,41 60	18,72 00	4,34 81	0,65 72	2,08 46	7,26 99	"	3,62 09
21	52,41 60	18,72 00	4,34 81	0,65 72	2,08 46	7,02 44	"	3,62 09
22	52,41 60	18,72 00	4,34 81	0,65 72	2,08 46	7,02 44	"	3,62 09
24	52,41 60	18,72 00	4,34 81	0,65 72	2,08 46	7,02 44	"	3,62 09
25	52,41 60	18,72 00	4,34 81	0,65 72	2,08 46	7,47 31	"	3,62 09
26	52,41 60	18,72 00	4,34 62	0,65 72	2,08 46	7,47 31	"	3,62 09
27	52,41 60	18,72 00	4,34 62	0,65 72	2,08 46	7,56 36	"	3,62 09
28	52,41 60	18,72 00	4,34 62	0,65 72	2,08 46	7,56 36	"	3,62 09
29	52,41 60	18,72 00	4,34 44	0,65 72	2,08 46	7,44 33	"	3,62 09
31	52,41 60	18,72 00	4,34 62	0,65 72	2,08 46	7,44 33	"	3,62 09
Média	**52,41 60**	**18,72 00**	**4,34 98**	**0,65 72**	**2,08 46**	**7,09 76**	"	**3,62 09**

Índice

COLABORAÇÃO:

Necessidade da propaganda do café na Europa — J. Testa 589
O Cafeeiro quer mais fósforo ou mais potássio? — Rogerio de Camargo . 596
A região cafeeira do Norte do Paraná — Mapa — J. Testa 604
Sombreamento dos Cafèzais — W. W. Coelho de Souza 606

RESUMO E TRANSCRIÇÕES:

Divisão da Economia Cafeeira — Circular n.º 3 620
O café visto nos Estados Unidos — (Cartas Semanais do Escritório Pan-Americano do Café — Nova York) 622
Novos contratos de café em Nova York 638

ESTATÍSTICAS:

Comércio Exterior do Brasil — Janeiro a Maio de 1950 640
Exportação Brasileira de Café — por pôrtos de embarques- Julho de 1950 645
Exportação Brasileira de Café — detalhe pelos portos de procedência — Maio de 1950 646
Exportação Brasileira de Café — detalhe pelos países de destino — Maio de 1950 657
Café disponível nos portos de Exportação do Brasil — Janeiro a Julho 1950 654
Suplemento Estatístico da SSC. — N.º 295 — Agôsto de 1950 655
Embarques de café por países, pelo pôrto do Rio de Janeiro — Julho de 1950 657
Movimento diário de café na praça de Santos — julho de 1950 ..... Apenso
Levantamento Econômico da subdivisão de Economia Rural — preços médios recebidos pelos lavradores — por setores agrícolas — julho 1950 Apenso
Idem, Idem, por regiões agrícolas ..... Apenso
Entradas de café no mercado do Rio de Janeiro — Julho 1950 657
Movimento diário de café no Rio de Janeiro — Julho 1950 658
Exportação mundial de café no triênio 1947/49 659
Exportação de café de Cuba 659
Cotações de cafés no disponível em Santos, Rio e Vitória 660
Cotações de cafés Brasileiros no disponível de Nova York 661
Cotação do disponível em Nova York — cafés estrangeiros — julho 1950 662
Cotações de café a termo em Nova York — Contrato "S" — Julho 1950 664
Cotações de café a termo em Nova York — Contrato "D" — julho 1950 665
Câmbio em S. Paulo — Julho de 1950 666
Câmbio em S. Paulo — resumo dos negócios realizados no mês de Julho 1950 667
Câmbio em S. Paulo — resumo das operações de câmbio, efetuadas pelos Bancos, durante o mês de Julho de 1950 667
Câmbio no Rio de Janeiro sôbre div. praças — mercado livre — vendas à vista 668
Câmbio no Rio de Janeiro sôbre div. praças — mercado livre — compras à vista 669
Câmbio em Nova York sôbre div. praças — Julho de 1950 ..... Apenso
Balancete Financeiro em 30 de abril de 1950 do Instituto de Café do Estado de S. Paulo ..... Apenso
Idem, Idem, em 31 de maio de 1950 ..... Apenso
Idem, Idem, em 30 de junho de 1950 ..... Apenso

CÂMBIO EM NOVA YORK SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

JULHO DE 1950

DIA	Londres £	Montreal $	Rio Cr$	B. Aires Peso	Montevideu Peso	Paris Franco Livre	Berna Franco Livre	Stokolmo Corôa	Lisboa Escudo	Bélgica Franco	Amsterdan Guilder
3.....	2,80 3/16	0,90 3/4	0,05 45	0,11 20	0,37 50	0,00 28 5/8	0,23 06	0,19 35	0,03 47 1/2	0,0198 5/8	[illegible]
5.....	2,80 3/16	0,90 3/4	0,05 45	0,11 20	0,37 50	0,00 28 5/8	0,23 09	0,19 35	0,03 47	0,0198 3/4	[illegible]
6.....	2,80 3/16	0,90 3/4	0,05 45	0,11 20	0,36 80	0,00 28 5/8	0,23 08	0,19 35	0,03 46 1/2	0,0198 3/4	[illegible]
7.....	2,80 1/8	0,90 3/4	0,05 45	0,11 20	0,36 75	0,00 28 5/8	0,23 08 1/2	0,19 35	0,03 46	0,0198 5/8	[illegible]
10.....	2,80 3/16	0,90 7/8	0,05 45	0,11 20	0,36 80	0,00 28 5/8	0,23 09	0,19 35	0,03 46	0,0198 1/2	0,26 28
11.....	2,80 3/16	0,90 7/8	0,05 45	0,11 20	0,36 50	0,00 28 5/8	0,23 06	0,19 35	0,03 46	0,0198 1/2	[illegible]
12.....	2,80 1/8	0,90 7/8	0,05 45	0,11 20	0,36 50	0,00 28 5/8	0,23 05	0,19 35	0,03 47 3/4	[illegible]	[illegible]
13.....	2,80 1/16	0,90 13/16	0,05 45	0,11 20	0,36 80	0,00 28 5/8	0,23 08	0,19 35	0,03 46	[illegible]	[illegible]
14.....	2,80 3/16	0,90 7/8	0,05 45	0,11 20	0,36 50	0,00 28 5/8	0,23 08	0,19 35	0,03 46	0,0198 5/8	[illegible]
17.....	2,80 3/16	0,90 13/16	0,05 45	0,11 20	0,38 50	0,00 28 5/8	0,23 08	0,19 35	0,03 46	0,0198 5/8	[illegible]
18.....	2,80 3/16	0,90 13/16	0,05 45	0,11 20	0,38 30	0,00 28 5/8	0,23 05	0,19 35	0,03 46	[illegible]	[illegible]
19.....	2,80 3/16	0,90 13/16	0,05 45	0,11 20	0,38 50	0,00 28 5/8	0,23 05 1/2	0,19 35	0,03 46	[illegible]	[illegible]
20.....	2,80 3/16	0,90 7/8	0,05 45	0,11 20	0,38 70	0,00 28 5/8	0,23 05 1/2	0,19 35	0,03 46	0,0198 5/8	[illegible]
21.....	2,80 3/16	0,90 7/8	0,05 45	0,11 20	0,38 70	0,00 28 5/8	0,23 05 1/2	0,19 35	0,03 46	0,0198 5/8	[illegible]
24.....	2,80 1/8	0,90 15/16	0,05 45	0,11 20	0,39 00	0,00 28 5/8	0,23 05	0,19 35	0,03 46	[illegible]	[illegible]
25.....	2,80 1/8	0,90 7/8	0,05 45	0,11 20	0,38 87	0,00 28 5/8	0,23 04	0,19 35	0,03 46	[illegible]	[illegible]
26.....	2,80 1/8	0,90 7/8	0,05 45	0,11 20	0,40 00	0,00 28 5/8	0,23 04	0,19 35	0,03 46	0,0198 5/8	[illegible]
27.....	2,80 3/16	0,90 7/8	0,05 45	0,11 20	0,40 00	0,00 28 5/8	0,23 03	0,19 35	0,03 46	0,0198 5/8	[illegible]
28.....	2,80 3/16	0,90 7/8	0,05 45	0,11 20	0,40 00	0,00 28 5/8	0,23 04	0,19 35	0,03 45 1/2	[illegible]	[illegible]
31.....	2,80 3/16	0,90 7/8	0,05 45	0,11 20	0,40 25	0,00 28 5/8	0,23 04	0,19 35	0,03 46	0,0198 5/8	[illegible]
Média	2,80 1/16	0,90 27/32	0,05 45	0,11 20	0,38 12	0,00 28 5/8	0,23 06 5/32	0,19 35	0,03 46 7/64	0,0198 39/64	0,26 28

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

BALANCETE FINANCEIRO EM 30 DE ABRIL DE 1950 DO INSTITUTO DE CAFÉ DO ESTADO DE SÃO PAULO

RECEITA				DESPESA			
RECEITA ORÇAMENTÁRIA				DESPESA ORÇAMENTÁRIA			
ORDINÁRIA				Serviço da Dívida Externa	5.895.315,70		
Tributária	2.880.916,40			Encargos Diversos	785.408,40		
Patrimonial	5.176.452,40	8.167.257,80		Administração	616.308,00	7.297.032,10	
EXTRAORDINÁRIA				CRÉDITOS ESPECIAIS			
Diversos		454.462,70	8.511.720,50	Administração		6.367.610,00	13.664.642,10
RECEITA EXTRAORÇAMENTÁRIA				DESPESA EXTRAORÇAMENTÁRIA			
Depósitos		10.698,10		Restos a Pagar — 1947		60.597,80	
Diversos		43.742.889,80	43.753.587,90	Restos a Pagar — 1948		6.600,00	
				Restos a Pagar — 1949		5.523.687,10	
				Depósitos		17.102,90	
				Diversos		11.140.630,80	16.748.618,60
							30.413.260,70
SALDOS PARA O MÊS SEGUINTE				SALDOS PARA O MÊS SEGUINTE			
Em Caixa		266.538,00		Em Caixa		420.000,90	
Em Bancos		22.461.155,00	22.727.693,00	Em Bancos		44.159.739,80	44.579.740,70
							74.993.001,40

Departamento de Contabilidade, 31 maio de 1950

WALDEMAR DE CAMARGO ABREU
Chefe do Departamento de Contabilidade, Substituto
G. Livros — C.R.C. — Sp. n. 5159

Visto:
PEDRO SIQUEIRA CAMPOS
Gerente

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

BALANCETE FINANCEIRO EM 31 DE MAIO DE 1950 DO INSTITUTO DE CAFÉ DO ESTADO DE SÃO PAULO

RECEITA				DESPESA			
RECEITA ORÇAMENTÁRIA				DESPESA ORÇAMENTÁRIA			
ORDINÁRIA				Serviço da Dívida Externa	5.895.315,70		
Tributária	3.886.759,40			Encargos Diversos	1.512.508,20		
Patrimonial	5.524.595,60	9.411.355,00		Administração	859.040,50	8.266.864,40	
EXTRAORDINÁRIA				CRÉDITOS ESPECIAIS			
Diversos		626.143,20	10.037.498,20	Administração		6.367.610,00	14.634.474,40
RECEITA EXTRAORÇAMENTÁRIA				DESPESA EXTRAORÇAMENTÁRIA			
Depósitos		17.630,00		Restos a Pagar — 1947		60.597,80	
Diversos		43.754.924,80	43.772.554,80	Restos a Pagar — 1948		67.501,50	
			53.810.053,00	Restos a Pagar — 1949		5.566.300,10	
SALDOS DO EXERCÍCIO ANTERIOR				Depósitos		21.902,90	
Em Caixa		266.538,00		Diversos		11.184.633,50	16.900.935,80
Em Bancos		22.461.155,00	22.727.693,00				31.535.410,20
			76.537.746,00	SALDOS PARA O MES SEGUINTE			
				Em Caixa		247.956,60	
				Em Bancos		44.754.379,20	45.002.335,80
							76.537.746,00

Departamento de Contabilidade, 30 de abril de 1950.

VALDEMAR DE CAMARGO ABREU
Chefe do Departamento de Contabilidade,
Substituto G. Livre - C.R.C. - S.P. n.º 5139

VISTO
PEDRO SIQUEIRA CAMPOS
Gerente

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

BALANCETE FINANCEIRO EM 30 DE JUNHO DE 1950 DO INSTITUTO DE CAFÉ DO ESTADO DE SÃO PAULO

RECEITA				DESPESA			
RECEITA ORÇAMENTÁRIA				DESPESA ORÇAMENTÁRIA			
ORDINÁRIA				Serviço da Dívida Externa	7.700.260,70		
Tributária	5.130.537,40			Encargos Diversos	2.250.593,80		
Patrimonial	7.643.476,40	12.774.013,80		Administração		6.433.365,70	17.518.555,20
EXTRAORDINÁRIA				CRÉDITOS ESPECIAIS			
Diversos		645.727,90	13.419.741,70	Administração		6.433.365,70	17.518.503,20
RECEITA EXTRAORÇAMENTÁRIA				DESPESA EXTRAORÇAMENTÁRIA			
Depósitos		68.625,00		Restas a Pagar — 1947		60.597,80	
Diversos		44.571.321,70	44.639.946,70	Restos a Pagar — 1948		67.501,50	
			58.059.686,50	Restos a Pagar — 1949		5.566.570,10	
A DEDUZIR: —				Depósitos		24.002,90	
Contas do Exercício a Receber			1,90	Diversos		12.552.045,60	18.270.717,90
			58.059.686,50				35.789.273,10
SALDOS DO EXERCICIO ANTERIOR				SALDOS PARA O MES SEGUINTE			
Em Caixa		266.538,00		Em Caixa		454.214,50	
Em Bancos		22.461.155,00	22.727.693,00	Em Bancos		44.543.891,90	44.998.106,40
		Cr$	80.787.379,50			Cr$	80.787.379,50

Departamento de Contabilidade, 30 de Junho de 1950

WALDEMAR DE CAMARGO ABREU
Chefe do Departamento de Contabilidade
Substituto G. Livros — C.R.C. — Sp. n. 5150

Visto
PEDRO SIQUEIRA CAMPOS
Gerente

PARA ANÚNCIOS NESTE BOLETIM

Dirijam-se à Rua Benjamin Constant, 23, 5.º andar, sala 60
Fones, 2-8357 e 6-3470

TABELA DE PREÇOS

Página de capa interna (2.ª e 3.ª de capa)	1	página,	Cr.$2.000,00
Página de texto	1	"	Cr.$1.500,00
" " "	½	"	Cr.$ 800,00
" " "	¼	"	Cr.$ 500,00

——— Os agentes autorizados são portadores de apresentação ———

Comunicamos aos interessados que esta Superintendência está distribuindo as publicações abaixo mencionadas, as quais podem ser enviadas aos que solicitarem.

RELAÇÃO DOS CAFEICULTORES DO ESTADO DE SÃO PAULO

PRIMEIRO VOLUME — (esgotado)

SEGUNDO VOLUME — (esgotado)

TERCEIRO VOLUME: Municípios de: Andradina, Botucatú, Catanduva, Fernando Prestes, Guiara, Guariba, Iacanga, Ibirá, Itápolis, Itú, Jaboticabal, Joanópolis, Jundiaí, Leme, Lindóia, Matão, Mineiros, Mogí Guassú, Nuporanga, Olímpia, Orlândia, Paulo de Faria, Pederneiras, Pedregulho, Pareira Barreto, Pinhal, Piracaia, Pirassununga, Pôrto Ferreira, Ribeirão Preto, Rio Preto, São Carlos, São José dos Campos, Serra Azul, Socorro, Tabapuã, Tabatinga, Taubaté, Torrinha, Tremembé, Vargem Grande, Viradouro.

QUARTO VOLUME: Municípios de: Araçatuba, Bela Vista, Biriguí, Cândido Mota, Guararapes, Maracai, Novo Horizonte, Palmital, Paraguaçú, Penápolis, Presidente Bernardes, Presidente Venceslau, Promissão, Quatá, Rancharia, São Pedro do Turvo, Tanabi, Valparaizo.

QUINTO VOLUME: Municípios de: Assís, Avaré, Avaí, Cerqueira Cesar, Coroados, Dois Córregos, Dourado, Fartura, Gália, Garça, Ipaussú, Itajubi, Leme, Marília, Mirassol, Óleo, Ourinhos, Pirajú, Pompéia, Regente Feijó, Salto Grande, Santa Barbara do Rio Pardo, Santa Cruz do Rio Pardo, Santo Anastácio, São Carlos e Torrinha.

SEXTO VOLUME: Municípios de: Aguaí, Águas da Prata, Americana, Amparo, Analândia, Araras, Ariranha, Bernardinho de Campos, Bofete, Catanduva, Chavantes, Getulina, Guarací, Lins, Monte Aprazível, Monte Azul do Turvo, Monte Mór, Nazaret Paulista, Pereiras, Pirajuí, Piranji, Pitangueiras, Presidente Prudente, Santa Bárbara d'Oeste, Santa Cruz, Palmeiras, Sertãozinho e Vera Cruz.

SÉTIMO VOLUME: Municípios de: Araraquara, Atibáia, Barra Bonita, Baurú, Bebedouro, Bernardino de Campos, Botucatú, Bragança Paulista, Brotas, Cabreúva, Caçapava, Cafelândia, Campinas, Capivarí, Conchas, Descalvado, F. Prestes, Guariba, Indaiatuba, Itapira, Itatiba, Itatinga, Itirapina, Jaboticabal, Jacareí, Jardinópolis, Jundiaí, Laranjal Paulista, Limeira, Patrocínio do Sapucaí e Sertãozinho.

ANUARIO ESTATÍSTICO DA S. S. C. — 1937 — 1938 — 1939 (esgotado) — 1940 esgotado) — 1941 — 1942 — 1943 — 1944 — 1945 — 1946 — 1947 — 1948 — 1949

Tip. AURORA Ltda — São Paulo

CAFÉ
SANTOS